HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOM. DECIMO SEXTO.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO XVI.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1800.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO LVII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Principia a Historia do anno de 1567 com os successos da India.

No fim do anno passado deixámos entretida a actividade do Viso-Rei da India D. Antaõ de Noronha em expedir differentes esquadras para varios lugares das nossas conquistas da Asia. Agora no principio do presente

Era vulg. 1667.

a vulg. te a vemos occupada em expedições semelhantes com pouca mudança nos effeitos. Tal foi o da poderosa armada com que D. Jorge de Menezes Baroche sahio a esperar nas Maldivas as náos do Achem, e em Monte Feliz as do Estreito de Meca : jornadas infructuosas sem encontro algum com as náos inimigas, que aprezadas lhe fizessem menos desabrido o inverno, que passou em Ormuz.

Depois de D. Jorge, mandou o Viso-Rei para Ceilaõ a Limarte de Aragaõ de Sousa : para governar Malaca, e render a D. Diogo de Menezes, que depois foi Governador da India, a seu cunhado D. Lesniz Pereira : para Malues a Lopo de Noronha : para a Costa de Malabar a D. Francisco Mascarenhas Palha com huma frota de trinta navios, como corpo avançado da grande armada, com que o Viso-Rei em pessoa determinava ir mostrar o seu resentimento á Rainha de Olala, e Mangalor, por se haver excusado altiva de nos pagar os tributos, que costumava. Porque a ex-

pe-

pediçaõ d'esta frota podia levar tempo, de que se aproveitassem os Malabares para extrahirem os viveres dos portos; ordenou o Viso-Rei ao velho, valeroso, e honrado Joaõ Peixoto, que com doze navios ligeiros partisse sem demora a fechar os ditos portos, e a impedir, que a Rainha de Olala reforçasse o de Mangalor com os soccorros do Malabar. Era vulg.

Em quanto este Chefe, e pouco depois delle D. Francisco Mascarenhas executavaõ na Costa do Canará as commissões, de que iaõ encarregados, e pelos seus ensaios faziaõ ver á Rainha de Olala Bucadavi Chantar qual seria a representaçaõ verdadeira; o Viso-Rei preparava para ella a armada, que sendo já em Goa numerosa, a quiz engrossar com as forças de Cochim, de Chaul, de Baçaim, de Damaõ, e de Dio. Acompanhado do poder do Estado, de numerosa, e brilhante nobreza, sahio o Viso-Rei de Goa no dia 8 de Dezembro com as proas em Angediva, donde mandou expressos a Alvaro Paes de Soto-

ra vulg. maior, que estava em Cananor, e a Jorge de Moura, que havia cruzado os mares do norte, para que fossem incorporar-se com elle em Mangalor. Este ultimo cabo, que conduzia de Chaul huma cafila de navios, soube que no rio Carepataõ estavaõ tres galeotas de piratas Malabares: entrou nelle, e sem resistencia se fez senhor da preza.

O gosto desta pequena vantagem nos durou pouco pela contrapezarem duas infelicidades. Para se acharem na conquista de Mangalor partiraõ de Goa em dois navios o bizarro moço D. Luiz Mascarenhas, e outro Fidalgo, que naõ sabemos quem fosse. Elles se encontráraõ com hum grosso partido de Malabares, que os vencêraõ, os matáraõ, ignorando nós as circunstancias do combate, o modo da sua morte, ainda que entendemos naõ ficariaõ devendo nada á honra dois Fidalgos, que nascêraõ com ella. Igual encontro com infelicidade semelhante teve D. Luiz Lobo, que a-

e navegava em huma galeota para Mangalor. Os mesmos barbaros o investiraõ, o degolláraõ, e aos bravos soldados, que o seguiaõ para buscarem a gloria entre os perigos da guerra. Bastáraõ estes dois successos, ainda que ligeiros, para os Malabares tomarem coragem; para duas vezes invadirem, roubarem, commetterem atrocidades na Villa de Taná, que acháraõ desprevenida. Mas na segunda invasaõ elles encontráraõ em campo a Heitor de Mello, que lhes tomou miudas contas dos estragos, que fizeraõ na primeira; e juncando com os seus cadaveres os contornos de Taná, os forçou a embarcar-se, agora mais corridos, do que antes jactanciosos.

Era vulg.

Tinha o Viso-Rei destinado para assaltar a Mangalor o dia 4 de Janeiro; e ainda que esta expediçaõ devia ter o seu lugar proprio no anno futuro de 1568, por naõ truncar com hum intervallo longo o fio da narraçaõ, a seguirei neste. Como os seus designios eraõ ganhar a Cidade, e fundar nella huma *Fortaleza* para freio da Rainha

Era vulg. nha revoltosa; o Viso-Rei ao mesmo tempo marcou o lugar para a obra, e regulou o modo do desembarque. Tres mil homens eraõ os nomeados para saltarem em terra, e destes ordenou elle, que 500 fizessem a vanguarda cobertos por seu cunhado D. Antonio Pereira, que havia acommetter a Cidade pela parte mais fraca, que era a do mar, e que os navios grandes para a baterem surgiriaõ por aquella parte cosidos com a terra o mais que podessem.

A praça de Mangalor, que o Viso-Rei hia a investir, está situada na Costa do Canará em doze gráos, e 35 minutos entre Goa e Cochim, hum tiro de peça da entrada da barra para o sul. Pelos dois lados em que a agua a cinge, a Rainha havia mandado levantar hum muro, que guarneceo com 500 homens, e muita artilharia. Do longo do mar até á Cidade fez postar dez, ou doze mil homens escolhidos, que fiados no seu davaõ á Rainha firmes esperan-
victoria. Na tarde que prece-
deo

deo ao dia destinado para o avance, se fez o desembarque na lingoa da terra junto á barra, e a tropa se foi postando em distancia de cem passos do muro sobredito. O Viso-Rei a dividio em seis corpos, álem do da retaguarda, que elle cobria com os Fidalgos velhos, encarregando o da vanguarda a D. Francisco Mascarenhas por ser o General do Malabar, e os mais a D. Joaõ Pereira, a seu irmaõ D. Antonio Pereira, a D. Fernando de Monrroy, a D. Pedro de Castro, e a D. Jorge Baroche.

Era vulg

Postou-se em terra este corpo de Portuguezes com aquella confiança indiscreta, que sendo origem de huma injustiça para o inimigo, que se despreza, ordinariamente degenera em huma presumpçaõ temeraria, principio de fatalidades. Tantos homens militares, mas já do tempo da libertinagem da India, naõ sómente deixáraõ de tomar precauçaõ alguma para se alojarem quasi á falla com os inimigos, senaõ que sobrevindo a noite tenebrosissima, accendêraõ muitas luzes, que servi-

vulg. viraõ depois para mais lhes perturbar as vistas, e entretivéraõ o tempo em jogos, que se seguiraõ a dilatadas cêas. Os Malabares, que elles pensavaõ ser huns barbaros, tomáraõ a audacia por hum insulto, como devêraõ, e naõ lhe demoráraõ a vingança. Dois mil determinados se lançáraõ ao Corpo de guarda de D. Francisco Mascarenhas, que deveo a vida a huma boa saia de malha, e sem lhe dar lugar de tomar as armas foraõ a seu salvo acutilando, ferindo, matando os descuidados jogadores. Cincoenta dos nossos ficáraõ logo jarretados; D. Francisco naõ lhe importou a saia para deixar de levar cinco cutiladas; concorre a gente dos outros corpos, e os Portuguezes, sem verem contra quem peleijaõ, huns aos outros se degollaõ.

Naõ he para ficar em esquecimento o valor desmedido, que mostráraõ nesta fatalidade D. Luiz de Almeida, e Mathias de Albuquerque. Estes dois ros com oito bravos companhei- deados da chusma mais reso- barbaros, depois de fazerem

nel-

nelles grande estrago, os obrigárão a buscar o refugio de hum medo alto de area, tão cortados do temor e do ferro, que D. Luiz mandou pedir ao Viso-Rei o soccorresse para completar o triunfo com o seu geral destroço. He verdade, que nesta fatal refrega Mathias de Albuquerque recebeo tantas, e tão enormes feridas, que para escapar vivo, foi necessario fazer-se morto: vida, que se estimou então milagrosa, e que depois mostrou o Ceo, que a guardára para as grandes acções, que eu a seu tempo espero referir delle. Com a chegada do Viso-Rei se retirárão os inimigos passando já da meia noite, e então se teve a lembrança, que havia occorrer primeiro que tudo, logo depois do desembarque; a qual foi mandar fazer huma cortadura, que separasse do muro o terreno, em que as nossas tropas acampavão, para que não o tornassem a investir os inimigos, por victoriosos mais afoutos.

Em vid

Esta pequena derrota não impedio, que a Cidade fosse assolada no dia

se-

Era vulg. seguinte. Sim queria o Viso-Rei reservar a acçaõ para o da Epiphania, e esta ordem se distribuio pelo campo, e pela armada. A tropa da vanguarda, tudo gente escolhida, que já mandava D. Joaõ Pereira pelo impedimento de D. Francisco Mascarenhas, bramindo por vingar o sangue ainda quente dos seus camaradas, fez que naõ ouvia semelhante ordem, e se avançou intrepida, furiosa, a derramar o terror entre os barbaros, a vencer, ou ser vencida, a morrer, ou a matar. No primeiro repellaõ, ganhadas as fortificações, ella foi levando diante de si aos contrarios como o pó em remoinho na face do vento. A nada se dava quartel, e quem levava hum golpe de maõ Portugueza, excusava outro. Para consummarem o triunfo principiado, D. Antonio Pereira desembarcou da armada o resto da gente; o Viso-Rei, representando o cargo na pessoa, com a bandeira Real na sua frente entrou na Cidade. Nella andavaõ como tres raios *fulminantes* D. Pedro de Castro, D. Fer-

Fernando de Monrroy, D. Jorge o Barroche. Nada lhe parava diante até arrojarem os Mouros ao campo, aonde acháraõ formados em batalha a seis mil, que queriaõ pôr tropeços á victoria. Era vulg

Soccorridos por D. Joaõ Pereira, o mesmo foi serem investidos, que derrotados pelos briosos aventureiros. Esfrior o gosto da victoria a morte do velho, e honrado Fidalgo D. Diogo Lobo o grande, que de todos foi sentida; mas o incendio voraz, em que ardeo a Cidade, foi hum desafogo da colera, que vingou o seu sangue. Depois que ella esfrióu os ardores entráraõ os nossos a ver, e admirar nos cadaveres os golpes descompassados, que nelles quando vivos descarregáraõ as suas maõs pezadas. Estavaõ as ruas juncadas de corpos huns abertos do alto dos hombros até á cintura; muitos da cabeça aos peitos; outros traçados ao meio; pernas, e braços innumeraveis levados de revezes. A Rainha, abrazado o seu palacio, se salvou na montanha; e o

Vi-

a vulg. Viso-Rei, senhor da praça e do campo, com assistencia do Rei amigo de Bargel, lançou os fundamentos á fortaleza, que levava delineada. As suas maõs foraõ as primeiras, que se lançáraõ ás ferramentas de romper a terra; ao seu exemplo fizeraõ o mesmo as mais illustres; logo todas as mais sem excepçaõ.

Elle lhe fez chamar a fortaleza de S. Sebastiaõ, assim em obsequio do nome delRei, como por lhe haver posto a primeira pedra no dia 20 de Janeiro, que era o do anniversario do seu nascimento, em que a Igreja faz memoria deste Santo Martyr. Como já no mez de Março ella estava em figura de se defender, o Viso-Rei despedio a seu cunhado D. Antonio Pereira com huma armada de vinte navios para ir a Cochim despachar as náos do Reino, que havia commandar o seu Chefe Joaõ Gomes da Silva. Para vingador sobre os piratas Malabares, que haviaõ dado a morte aos tres estimaveis Fidalgos Joaõ da Silva, D. Joaõ Deça, D. Luiz Lobo, e além des-

destes ao gentil D. Luiz Mascarenhas, Era vulg.
e a outro Fidalgo seu camarada, mandou em sua busca a D. Jorge o Baroche com onze navios: mas elles depois dos insultos se tinhaõ recolhido ao seguro dos portos. Acabada a obra, bem guarnecida, e municiada, o Viso-Rei naõ tendo mais que fazer, se recolheo a Goa.

CAPITULO II.

Continuaõ os successos da India no mesmo anno.

Varios acontecimentos da India até ao fim do governo do Viso-Rei D. Antaõ de Noronha, que o acabou em Setembro de 1568, nos referem os nossos Chronistas, huns collocando-os n'este dito anno, outros no de 1567, que estamos tratando. Como a maior parte delles naõ he de taõ alta importancia, que desfigure a Historia com a deformidade de hum ligeiro anachronismo, poupando-me ao trabalho de ajustar a chronologia destes dois annos,

ra vulg. nos, e naõ me mostrando parcial das opiniões dos mesmos Chronistas, farei aqui dos ditos successos hum resumo breve.

Seja o primeiro o sitio, que o Achem pôz á cidade de Malaca já governada por D. Leoniz Pereira, que se nós repararmos em dizer Diogo de Couto, hum dos que o refere no anno de 1567: que a Armada inimiga appareceo, quando D. Leoniz com todo o povo festejava o anniversario delRei D. Sebastiaõ, *que tinha o anno passado* tomado posse do governo dos seus Reinos: sendo a tomada da posse dos Reinos por ElRei a 20 de Janeiro de 1568, segue-se, que a armada do Achem appareceo sobre Malaca em outro tal dia de 1569, porque no anno passado de 1568 tomára ElRei a posse dos Reinos. O certo he, que D. Leoniz se perturbou taõ pouco com a vista do poder contrario, que mandou com todo o socego continuar as festas, reservando para o fim dellas rar-se para a defensa: idêa va- com que quiz dar a entender

aos

aos barbaros o nada que os temia. A- Era vulg.
companhado dos Apostolicos Varões D. Belchior Carneiro, que hia para Bispo da China, e Fr. Jorge de Santa Luzia, Dominico, Bispo de Malaca, que na duraçaõ do cerco lhe serviraõ de especial conforto, tendo repartida a gente pelos postos da praça quasi arruinada, contou a frota inimiga, que se compunha de tres grandes galeotas, de quatro galés, de sessenta fustas, de oitenta balões, e de mais de duzentos juncos, em que vinhaõ 15000 homens de desembarque.

Aquella segurança de D. Leoniz, a vivacidade com que penetrou as propostas fraudulentas de amizade, e alliança com que o fingido Achem determinava sorprendello, a força das respostas, com que lhe mostrou entendidas, e derrotadas as suas idêas criminosas, tudo foraõ presagios felizes da victoria. Conhecendo o Achem o caracter do inimigo, que tinha de combater, ainda que fez ostentaçaõ das forças em gente, artilharia, munições, e maquinas, temeo

usar

usar dellas, e foi mettendo em uso os estratagemas. Como perdia o tempo, e todos os designios lhe abortavaõ; posto o negocio em conselho se determinou dar hum assalto geral à praça, menos pela gloria de vencer, que pela honra de se despicar. No dia 15 de Fevereiro entráraõ 200 canhões a fulminar a Cidade; em torno da fortaleza se postáraõ dez mil homens, e entaõ começou a parecer medonho o semblante da guerra.

Na madrugada do dia seguinte, favorecidos de huma nevoa espessa, os inimigos se movéraõ ao assalto. Elle foi geral, e horrivel por todos os lados da praça; mas sobre o baluarte Santiago cahio impetuoso o maior poder. Nelle, e no de S. Domingos foi o perigo extremo, e seria ultimo se os peitos dos Portuguezes naõ fossem o reparo da fraqueza dos muros, os seus braços os montantes, que esmagavaõ os barbaros, o Bispo, e Ecclesiasticos as respirações, que infundiaõ espiritos nas almas languidas. Do monte Bocachina notavaõ Achem, e

o Principe seu filho os movimentos do ataque, atonitos sobre as gentilezas de D. Leoniz Pereira, de D. Fernando de Menezes, de Manoel Henriques, de D. Manoel Pereira, e de outros homens de grande valor. Vendo elles rotas as escadas, rodarem com ellas os soldados despedaçados, coberto de cadaveres o lugar do combate, blasfemando de Mafoma o fazem suspender, embarcaõ as reliquias do exercito destroçado, e com precipitaçaõ se retiraõ. Era vulg.

Levou o Achem quatro mil homens menos, que perecêraõ ao nosso ferro, e deixou abrazados muitos navios, que naõ conduzio por falta de quem os mareasse. A maior celebridade deste sitio foi, que temerosos os Reis visinhos, de que o barbaro Achem, se triunfasse de Malaca; a todos deitaria o jugo pezado da servidaõ: este temor obrigou o nosso antigo emulo o Rei de Viantana a aprestar huma poderosa armada, e navegar com toda a diligencia em nosso soccorro. Quando elle chegou a

ra vulg. Malaca já o Achem se havia retirado vencido. Elle transportado de gosto, quizera logo saltar em terra para se congratular com D. Leoniz Pereira da victoria: mas detido pelos seus vassallos com a lembrança de que os Portuguezes haviaõ conquistado Malaca a seus Avós, ignorando o modo com que seria recebido: elle respondeo, que queria ver hum Capitaõ, que vencêra ao temido Achem; que o mandava saudar, e saber delle como o havia receber.

Com este intento lhe enviou huma embaixada polida, em comprimentos officiosa, encarregado o Ministro de perguntar ao Governador D. Leoniz, com que numero de gente havia admittir o seu Rei dentro na praça, aonde ambicioso de participar da sua gloria queria visitallo em pessoa. Com os termos mais significantes, e honrosos respondeo D. Leoniz ao Embaixador dizendo: que o dia da sua maior gloria seria o em que recebesse a incomparavel honra, que o grande Rei Viantana lhe queria fazer: que po-

dia

Era vulg.

dia vir á cidadella de Malacá com a segurança de quem entrava em sua caza: que em quanto ao numero de comitiva que o havia seguir, S. A. trouxesse todo o seu exercito, porque nesse dia Malaca para elle, e para os seus vassallos naõ tinha portas. Tanto se pagou o Rei da civilidade, da candura, dos modos de obrigar de D. Leoniz Pereira, que como se naõ fosse hum Rei de Viantana nutrido com o odio herdado contra os Portuguezes; elle entrou em Malaca, vio, e examinou os lugares publicos, e os mais particulares da fortaleza, os estragos, que nella fizeraõ os inimigos, as suas linhas, e entrincheiramentos, derramou, e recebeo honras infinitas dos antigos emulos, verdadeiramente com a segurança de quem estava na sua caza entre os filhos proprios.

Tambem neste lugar devemos referir, que os Indios Idolatras de Salcete, aonde a Fé fazia rapidos, e admiraveis progressos, naõ cessavaõ de molestar aos nossos Christaõs, temerarios nos insultos ainda dentro das

Era vulg. mesmas Igrejas. Era entaõ Governador de Rachol o memoravel Diogo Rodrigues chamado o do Forte em razaõ de alguma grande façanha, que obrára o seu distincto valor. Elle inflammado em zelo, para castigar os barbaros com golpe mais sensivel, que o da ruina das suas cazas, mandou reduzir a cinzas o famoso pagode de Lotolim, aonde elles exercitavaõ as ceremonias, e expiações barbaras, e ridiculas da superstiçaõ. Queixou-se o Gentilismo em Goa desta injuria, e bem apadrinhadas as queixas, conseguio o despacho, de que Diogo Rodrigues á sua custa reparasse o pagode. Clamou o zeloso Portuguez com ardor de Apostolico na face do Clero, das Religiões, do Viso-Rei, dos Magistrados, e em todos estes corpos veneraveis fizeraõ tanta impressaõ os seus clamores, que lhe foi ordenado voltasse para Salcete, e que em todos os seus pagodes obrasse o que entendesse; que se quizesse misturasse as cinzas de todos com as do de Lotolim.

Mais

Mais animado com tres triunfos, dos Gentios, do seu ouro, do Inferno, o Catholico varaõ Diogo Rodrigues voltou para Rachol, e feito hum novo Erostrato pelos templos das falsas divindades, em poucas noites pôz por terra duzentos e oitenta pagodes, que fornecêraõ de grande copia de madeira a ribeira das náos. A Christandade Lusitana honrou esta acçaõ com os applausos que costumaõ recair sobre as grandes proezas. ElRei D. Sebastiaõ a estimou tanto, que agradeceo a Diogo Rodrigues com palavras, e mercês significantes, consignando-lhe na mesma provincia de Salcete grossas rendas, que depois se applicáraõ para a sustentaçaõ dos Obreiros do Evangelho; e o mesmo Diogo Rodrigues, para que ella naõ esquecesse á posteridade, mandou gravar este epitafio na sua sepultura: aqui jaz Diogo Rodrigues o do Forte, Capitaõ desta fortaleza, o qual destruio os pagodes destas terras.

Era vulg.

Os espiritos rebeldes quizeraõ despicar *no Japaõ* esta injuria, que acaba-

ra vulg. bavaõ de experimentar em Salcete. Elles se puzéraõ na lingua de hum Bonzo de Ximabará, que persuadio ao Chefe desta Capital perseguisse a Christandade, que antes protegia, e que lhe profanasse as Igrejas que até entaõ respeitava. Quiz o Catholico Rei Bartholomeo por meio de industrias, e ameaças reprimir o Tyrano, fazer cessar a perseguiçaõ; e porque o naõ pôde conseguir, os mesmos Christaõs vexados se determináraõ a usar com o seu Principe de huma demonstraçaõ, que lhe fosse bem sensivel. Elles desprezando as commodidades, as riquezas, quanto na propria patria lhes podia ser amavel, a abandonavaõ em bandos, e iaõ estabelecer-se em Cochinozu, aonde a Fé fazia progressos maravilhosos. Sentio-se o Principe de Ximabará da deserçaõ de tantos vassallos, via despovoado o dominio, e para reparar a perda, naõ só suspendeo a perseguiçaõ; mas mudou os impulsos da colera, descarregando-os com severidade no castigo do Bonzo arbitrista.

Pa-

Era vulg.

Para maior firmeza dos negocios da Religiaõ na Asia, o zeloso Arcebispo de Goa D. Gaspar de Leaõ resolveo convocar nesta Capital hum Concilio Provincial, o primeiro que se celebrou no Oriente depois do seu descobrimento atégora. Principiou este Arcebispo a ter a presidencia do Concilio, em que continuou o Bispo de Cochim D. Fr. Jorge Themudo, que lhe succedeo no Arcebispado. Os mais assistentes foraõ alguns procuradores dos outros Bispos da Asia, os Prelados das Religiões, e os Doutores de todas as faculdades, que se achavaõ na India. Nelle se lavráraõ varios Decretos saudaveis a favor da Christandade contra os ritos carnaes, torpes, e abominaveis dos Mouros, e Gentios: Decretos, que sendo mandados a Roma no anno de 1570 pelo Bispo de Cochim D. Fr. Henrique de Tavora, naõ só merecêraõ a approvaçaõ, mas altos elogios da Santidade de Pio V.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Concluem-se os successos da India neste anno com os de Gonçalo Pereira Marramaque, e com os de Diogo Lopes de Mesquita.

Até Agosto deste anno se entreteve Gonçalo Pereira Marramaque em Malaca com a sua armada de quatro galeões, oito galeotas, e nella mil Portuguezes, com que o Viso-Rei o despedio de Goa em Abril do anno passado, como fica dito no capitulo II. do Livro LVI. Antes do sitio que o Achem pôz a Malaca, sendo ainda seu Governador D. Diogo de Menezes, cunhado de Gonçalo Pereira, elle sahio para o seu destino, que era soccorrer a Christandade opprimida em Amboino pelo Rei de Ternate, que logo veremos huma victima da indignaçaõ de Diogo Lopes de Mesquita, tambem partido de Goa com o mesmo destino pouco depois de Gonça-

lo

lo Pereira: dois Chefes, que vaõ agora ser o assumpto da Historia, e algumas das suas expedições contadas neste lugar, já acontecidas no anno seguinte de 1568.

Era vulg.

Partido Gonçalo Pereira de Malaca, buscando o rumo de Borneo, e chegando á vista do porto de Bromeo, os seus naturaes o informáraõ, como na Ilha de Cebu estava o Castelhano D. Miguel Lopes de Lagaspa com huma armada da sua naçaõ fazendo nos seus portos o commercio, que lhe era prohibido pelos Tratados dos ajustes, e demarcações entre Portugal, e Castella. Gonçalo Pereira, os seus Officiaes, e soldados naõ tivêraõ paciencia para dissimular este attentado sem despique. Elles se fizéraõ na volta de Cebu para soffrerem sem fructo os trabalhos, que podiaõ excusar; a perda de quatro mezes de tempo levados á toa por entre canaes impraticaveis; fomes, e sedes insoffriveis, doenças epidemicas, que tirando-lhe a vida a muita gente, os forçáraõ a desistir da empreza para seguirem a sua princi-

pal

ra vulg. pal derrota na jornada das Molucas.

Quando Gonçalo Pereira chegou ao porto da Talangame, já o tyrano Rei Aeiro de Ternate estava avisado, de que elle ia a prendello. O seu temor lhe deo entendimento para se conduzir astuto, e mostrar taõ desembaraçado, que foi em pessoa offerecer-se ao General para quanto entendesse necessario ao serviço delRei de Portugal. O Marramaque crêo tanto na candura fingida do Rei, que o deixou livre no exercicio da authoridade, mais ambicioso de lançar os Castelhanos das Ilhas de Cebu, que efficaz em promover os negocios da Religiaõ no Archipelago. Com este designio mandou espiar as forças do Chefe Castelhano por hum Antonio Rombo, que nas simplicidades praticadas na commissaõ, de que o encarregáraõ, elle se mostrou mais rombo na capacidade, que no appellido. Sem nada averiguar, nem concluir, o Rombo voltou a Ternate com a vantagem de haver vendido por baixo preço aos Castelhanos huma carta para as viagens da China,

e

e Japaõ, que elles estimáraõ infinito, Eta vulg
por ignorarem até entaõ aquelles rumos.

Sem nada alterar em Ternate, com a memoria fixa nos Castelhanos de Cebu; e publicando, que tinha de passar a Amboino em soccorro dos Christaõs opprimidos; Gonçalo Pereira havia communicado a D. Leoniz Pereira, que já governava Malaca, e estava triunfante do Achem, o seu primeiro successo na viagem de Cebu, pedindo-lhe soccorros para tentar nova fortuna, até lançar das Ilhas aos Castelhanos. D. Leoniz que considerava a sua praça segura com o respeito da victoria fresca, naõ duvidou mandar-lhes alguns galeões bem providos, e nelles 300 soldados de soccorro ás ordens de varios Capitães, entre elles Simaõ de Mendoça, Gonçalo de Sousa, e Pantaleaõ de Freitas. Já Gonçalo Pereira se achava em Bachaõ de marcha para Amboino, quando recebeo este reforço, que incorporou na sua armada, e foi seguindo a derrota com *prazer, que os* successos futuros

no

ra vulg. no seu principal objecto tinhaõ de mudar em melancolia.

Nas praias da Ilha de Amboino esperavaõ os Jaos pela visita, naõ só bem defendidos com muitas peças de fortificaçaõ; mas juramentados a morrer Amoucos, isto he, morrer matando. Hum dos moradores da Ilha pôde vir ao nosso bordo, e avisar ao Chefe da forma com que os Jaos o esperavaõ em terra. Sem se perturbar a sua coragem, elle dispôz o desembarque, de que foi encarregado Manoel de Brito na testa de cem homens. Depois se havia seguir Simaõ de Mendoça cobrindo a gente de Malaca; logo elle com a sua, e na retaguarda D. Duarte de Menezes com outros cem homens. Manoel de Brito avançou as primeiras trincheiras, que montou com impeto heroico; mas atracado entre ellas, e as segundas em huma campanha raza com todo o pezo dos barbaros sobre si, por muitas vezes esteve perdido. Namorados da constancia com que peleijava, Gonçalo Pereira, e Simaõ

de

de Mendoça corrêraõ em seu soccorro. Era vulg.

Os Jaos que pela insignia Real conhecêraõ o primeiro Chefe, e haviaõ recebido ordem do Rei de Ternate de o tomarem ás maõs vivo para lhe pagar em dura prizaõ, ou com morte affrontosa a liberdade, que elle inconsiderado lhe consentira: todos o rodêaõ furiosos, e os Portuguezes cercados por tantos, e taõ determinados contrarios, consideraõ o perigo da batalha na situaçaõ mais critica. Mas a tudo sobreeminente o valor Portuguez; cada hum dos Chefes, á maneira de rio impetuoso, rompendo pela sua parte a opposiçaõ; os soldados como ondas empoladas no furor, surmergindo a mais denodada resistencia, vaõ levando os Jaos cortados á entrada das selvas espessas, aonde os nossos fuzileiros fizêraõ nelles estrago horroroso. Coberto o campo de mortos, e feridos, naõ sem sangue da nossa parte, os Jaos se salváraõ nos montes para verem o incendio voraz, que lhes consumio as povoações, e as riquezas.

Naõ

Naõ serviraõ as montanbas de azilo aos barbaros. Gonçalo Pereira os mandou atacar por D. Duarte de Menezes, e reduzidos ao ultimo aperto, pediaõ a paz, que lhe foi concedida com a condiçaõ de virem todos á presença do nosso Chefe. Elle os recebeo benigno, desarmou a todos, e os mandou embarcar para se recolherem ás suas terras.

Naõ correspondêraõ ás vantagens de Amboino as que Gonçalo Pereira podia ganhar sobre os Castelhanos em Cebu, se hum General das suas experiencias naõ fosse taõ sincero. Elle voltou a Maluco para marchar á nova empreza mais reforçado com as Frotas dos Reis de Bachaõ, de Tidore, e tambem do de Ternate, que malicioso, e astuto, naõ duvidou mandar ao Principe seu filho com quinze corocoras; soccorro na apparencia, na realidade hum agregado de piratas, que levava ordem de abandonar os Portuguezes para ir ao corso nos mares de Malaca. A tempo que os Castelhanos andavaõ espalhados pelo interior

das.

Era vulg.

das Ilhas, Gonçalo Pereira chegou á bahia de Befu, aonde elles tinhaõ levantado hum forte, em que entaõ residia o seu Commandante sem outro presidio, que o de hum cento de homens. Se o nosso o ataca logo, em hum golpe de maõ fazia huma grande obra: mas entretido, e enganado pelo Castelhano com boas palavras, com civilidades, com banquetes repetidos, firme na idêa, de que elle se lhe entregava com toda a armada para a conduzir a Goa, donde havia voltar para Hespanha: elle perdeo o tempo, que o Cabo astuto hia ganhando atè se recolher a sua gente para entaõ tirar a mascara, que lhe deixaria ver formoso o semblante da simulaçaõ.

Assim aconteceo na realidade, e Gonçalo Pereira conhecendo delicado o desengano, grosseira a sua confiança, naõ encontrou outro refugio para cobrir o naõ cuidei de hum Capitaõ taõ déstro como elle, senaõ o de mandar ao Ouvidor da armada fosse dizer da sua parte ao General Caste-

telhano: Que elle era hum infractor dos tratados celebrados entre dois Reis taõ conjunctos em sangue, como eraõ os de Portugal, e Castella; porque rompia as demarcações das conquistas do primeiro: que logo se embarcasse na sua armada para ir com elle para a India, aonde se lhe dariaõ embarcações para voltar á Patria; bem advertido que nesta condescendencia fazia ao seu Rei hum grande serviço. Respondeo o Castelhano ao recado: que o Chefe Portuguez se enganava com elle em o suppôr homem capaz de largar primeiro que a vida as Ilhas pertencentes ao Rei de Castella seu Soberano: que deixasse estas idêas, e fosse sustentar as suas pertenções sobre as de Amboino: expediçaõ, para que elle como bom amigo o soccorreria com 200 Hespanhoes; mas com a condiçaõ de lhe dar embarcações, em que elles navegassem separados dos Portuguezes para se evitarem os acontecimentos, que podiaõ sobrevir entre duas nações naturalmente oppostas.

Hu-

Huma resposta taõ precisa, a offerta de soccorros, que já se naõ podia deixar de ter por fraudulenta, fizéraõ desconfiar o nosso General para olhar aos Castelhanos como inimigos. Abrio o rompimento a porta para muitos delles desertarem para as nossas náos; para algumas escaramuças ligeiras com perdas reciprocas; para os nossos se deterem naquelles climas com incommodos mais tempo do que devêraõ, até lhes sobrevir segunda epidemia, que os diminuiò. Rodeado de tantas calamidades, de que Antonio Rombo fora a verdadeira causa, o valeroso Marramaque teve de voltar envergonhado a Ternate para dar hum dia de gosto ao seu Rei, que se o temia por victorioso dos Jaos em Amboino, na figura triste, em que agora o via, lhe parecia sem sustos hum destroçado pelos Castelhanos em Cebu. Esta mesma situaçaõ devendo ser o estimulo que obrigasse Gonçalo Pereira a assegurar a pessoa do tyranno, e perfido Rei; ella o tornou a enganar para de novo entrar em ne-

Era vulg.

Era vulg. gociações sem fruto: negociações, que serviraõ do Rei se pôr em cobro, quando soube a resoluçaõ, que Gonçalo Pereira tomára de o prender, e a toda a sua familia, e de lhe faltar com os soccorros promettidos para outra invasaõ em Amboino, novamente atacada, e perseguidas as suas Christandades pelos Jaos, e Mouros Itos, adversarios inexoraveis da nossa Religiaõ Santa soprados pelo Rei de Ternate, que contra ellas naõ perdia conjuntura.

Acompanhado das forças e das pessoas dos Reis de Bachaõ, que era Catholico, e de Tidore, o Marramaque tornou a navegar para Amboino Ilha capital do Archipelago, tambem conhecida pelo nome de Ito. As crueis perseguições feitas pelos Mouros ás suas numerosas Christandades foraõ o principal dos motivos, que obrigáraõ o Viso-Rei da India a mandar Gonçalo Pereira Marramaque com tantas forças áquelle Archipelago; o mesmo, que moveo D. Leoniz Pereira Governador de Malaca, a enviar-lhe taõ considera-

vel soccorro. Depois da primeira expediçaõ, em que o Marramaque destroçou os Jaos em Amboino, os Mouros tomáraõ maior furor, e dobráraõ a crueldade contra os Christaõs, que viaõ ser a causa da sua quebra, da assolaçaõ do paiz, da perda das suas riquezas, que tudo foraõ despojos da victoria dos Portuguezes, pela inconsideraçaõ mal aproveitados.

Era vulg.

Segunda vez appareceo Gonçalo Pereira sobre Amboino como flagello da barbaridade, que se ella só experimentasse o valor da sua espada, elle teria completa a gloria dos triunfos, naõ perderia o tempo precioso, nem aos golpes das enfermidades as vidas de tantos homens. Os Itos fortificados, e soccorridos pela Rainha de Japará, com respostas arrogantes desprezáraõ as offertas de paz, que o nosso Chefe lhes mandou propôr, menos sensiveis ao temor, que á obstinaçaõ. Como o nosso designio era castigalla á todo o risco, os Portuguezes se puzeraõ em terra formados em varios corpos, que iaõ commandados por D. Duarte de

 Me-

Era vulg. Menezes com Aires Gomes de Brito na vanguarda; por Sancho de Vasconcellos com a melhor gente da armada; por Joaõ Rodrigues de Beja no corpo da batalha; e pelo General Marramaque na retaguarda com 300 homens, e os Reis de Bachaõ, e Tidore. O successo desta expediçaõ, e os mais até acabarmos neste lugar com o Viso-Reinado de D. Antaõ de Noronha para no outro Livro darmos principio ao governo do grande D. Luiz de Ataide no anno de 1568, será a materia do que se ha de seguir.

CAPITULO IV.

Continuaçaõ dos successos da India até ao fim do governo de D. Antaõ de Noronha pelo anno de 1568.

O golpe formidavel, que a ira divina ia descarregar sobre a Ilha de Amboino, servindo-se para instrumento da espada dos Portuguezes; na força da perseguiçaõ, que os Itos fizéraõ

raõ aos Christaõs nacionaes, elle foi Era vulg.
predito pelo Regulo Ulate, Martyr
invicto, que na occasiaõ de o atormentarem,
comendo os verdugos, e
fazendo-o comer a elle assada a propria
carne, lhes disse com socego
inalteravel do espirito: Fartai-vos brutos;
eu cheio de gloria dou a vida
por J. C., vós esperai pelo seu castigo,
que já vos vem pelo caminho.
O tempo desta ameaça era o mesmo,
em que de Ternate navegava para Amboino
Gonçalo Pereira Marramaque,
que nós acabamos de postar em terra
para marchar á execuçaõ do castigo
promettido aos barbaros. Elle na
fórma, que deixo referida, os ataca
com impulsos mais que humanos: os
Itos se defendem com huma coragem,
que parecia infernal. Por muitas vezes
os nossos estivéraõ perdidos: o
valor, e a desesperaçaõ obráraõ façanhas
monstruosas: mas os Itos naõ
podendo soffrer os golpes, que com
impeto de raio despedia o Marramaque
armado de espada, e rodella;
derrotados os Japaros com a morte do
seu

Era vulg. seu Capitaõ Palatima; vencidos os Mouros, as reliquias dispersas vaõ preparar-se para outra nova guerra nas montanhas inaccessiveis de Atutili; mas ellas encontráraõ o destroço.

Por caminhos intractaveis a pés humanos subiraõ os Portuguezes a expulsar os barbaros do seu azilo. Aqui podemos dizer, que para derrotar as invectivas, e os esforços dos Itos commetteo temeridades o valor do nosso Chefe, de Simaõ de Mendoça, de Sancho de Vasconcellos, de D. Duarte de Menezes, de Lourenço Furtado, e de Joaõ Rodrigues de Beja, que na acçaõ perdeo a vida deixando o sangue bem vingado. A discriçaõ se entregáraõ os barbaros, que ficáraõ vivos para testemunhas do castigo promettido pelo Martyr Ulate. O General mandou reparar a Fortaleza, que presidiou para freio dos Mouros obstinados, para azilo dos Christaõs perseguidos, deixando nella por Governador a D. Duarte de Menezes, que tivera muita parte na *victoria*.

No

No Livro L. Capitulo VI. do XIV. Tomo desta Historia fiz eu huma recapitulaçaõ breve da vida, da morte, da fidelidade do Rei Aeiro, ou Ahilo para com os Portuguezes, que neste tempo foraõ os seus verdugos dentro da nossa fortaleza. Diogo Lopes de Mesquita, que a governava, mandou executar o assassinio barbaro por seu sobrinho Martim Affonso Pimentel, como fica dito no lugar citado. Olhado o mesmo assassinio só com os olhos da politica mundana, naõ o ha mais barbaro, como executado contra hum Rei, sobre Rei, com todas as apparencias de bom, fiel, e officioso amigo. Quando se viraõ depois delle as calamidades, o fim tragico, que tivéraõ, e padecêraõ os seus authores Gonçalo Pereira Marramaque, Diogo Lopes de Mesquita, e Martim Affonso Pimentel; os que se mettem a interpretes dos juizos de Deos, naõ duvidavaõ affirmar, que tudo lhes sobreviera como castigo merecido da sua atrocidade executada no Rei innocente.

Era vulg

Mas

Era vulg.

Mas os que voltaõ sobre elle as vistas aggravadas com as perseguições, humas feitas, outras maquinadas por elle contra os professores do Christianismo, naõ só quando Rei de Ternate, mas depois que se fez senhor de Machiaõ, de Timor, das Ilhas dependentes das Molucas, das de Moro, de grande parte da de Amboino, e que parecia hum Monarca universal do Archipelago: estas vistas naõ cahem taõ pezadas sobre os tres Fidalgos authores infelizes da morte do Rei Aeiro. Se nós houvessemos de seguir as relações dos Missionarios, que entaõ andavaõ entre as Christandades das Molucas, e o que depois escreveo o Chronista Mór D. Manoel de Menezes, diriamos com elles: que o Rei Aeiro naõ estava taõ innocente que deixasse de merecer a morte: que elle contra os Christaõs era hum tyrano, falso á Corôa de Portugal, e inimigo encoberto dos Portuguezes: que contra elles revolvia simulado os animos dos moradores das outras Ilhas, e que por isso elle era a causa da

guer-

guerra continuada por muitos annos. Era vulg

Tenhamos por verdadeiras estas culpas de Aeiro, especialmente a sua tyrania contra os Christaõs; que as da infidelidade para com os Portuguezas naõ tem próvas taõ constantes. Fossem ellas bastantes para o fazerem digno de morte; mas havia ser no juizo de Deos, aonde só saõ responsaveis os Soberanos: que quanto no de Diogo Lopes de Mesquita, a causa era muita superior aõ seu poder para elle a sentenciar como Juiz. Alem disto ninguem lhes desculpará a impiedade sabendo, que pedindo-lhe a familia Real o cadaver do Principe para lhe dar sepultura entre as dos seus maiores; elle o mandou fazer em miudas postas, mettellas em hum caixaõ, e arrojallas ao mar. Na carta que por este tempo escreveo El-Rei ao Viso-Rei D. Antaõ de Noronha se queixa, e applica o remedio a tantas desordens dos seus Capitães nas Molucas; e fazendo nella memoria das tyranias executadas pelo Rei Aeiro sobre os Christaõs, naõ manda,

da, que por ellas lhe tirem a vida; mas que para as impedir se lhes appliquem outros remedios.

Era já entrado o anno de 1568, em que espirou o governo de D. Antaő de Noronha, e foi a ultima das suas acções mandar a D. Luiz de Almeida, que fosse para Malaca, donde havia sahir na monçaő a cruzar os mares de Surrate. Levou elle huma frota de seis navios, e ás suas ordens os Capitães Fernaő Telles, que depois foi Governador da India, D. Lourenço de Almeida, Antonio de Mello Coutinho, Antonio de Faria, e Luiz Ferreira. D. Luiz foi bem succedido nesta campanha, em que rendeo tres grandes náos, ricas, e importantes, que levou para Damaő, pondo com esta empreza a corôa ás que se fizéraő nos quatro annos do governo do Viso-Rei D. Antaő de Noronha, que o concluio em Setembro de 1568 com a chegada do novo Viso-Rei D. Luiz de Ataide, como em seu lugar se dirá.

Para nós darmos tambem fim aos ne-

negocios da India neste anno de 1567, em que elles já corriaõ á declinaçaõ, lembraremos os da Ethiopia, aonde o Bispo D. André de Oviedo era Patriarca, como successor de D. Joaõ Nunes Barreto, que dissemos acabára a carreira da vida em Goa a 20 de Dezembro de 1562. A Corte de Lisboa bem informada das difficuldades, que se consideravaõ para arrancar aos Abexins da Ethiopia dos braços do Nestorianismo, presumindo que os avances da Religiaõ seriaõ mais vantajosos na Japaõ, aonde o S. Xavier deixára aberta huma larga porta, se a elle passasse a Patriarca D. André com os Missionarios, que na Abissinia se suppunhaõ ociosos: com este designio o Cardeal Infante como Regente requereo ao Papa S. Pio V. esta mudança dos Missionarios, e Patriarca da Ethiopia para o Japaõ. Conforme com a representaçaõ da Corte, o Santo Pontifice expedio hum Breve, em que exhortava o Patriarca á pretendida mudança; lembrando-lhe a maior gloria, que daria a Deos nas Mis-

Era vulg

Era vulg. Missões do Japaõ, e da China, aonde lhe conservava as mesmas faculdades, isenções, e indultos, que para a da Ethiopia lhe haviaõ concedido os Pontifices seus predecessores.

O Patriarca prompto para obedecer ás determinações da Sé Apostolica; mas afflicto na consideraçaõ de deixar desamparado o rebanho, que com o pasto saudavel da doutrina ainda nutria na Ethiopia: elle se resolveo a pôr na presença delRei, sempre submettida a vontade, os motivos da sua repugnancia, para que bem ponderados, sobre elles se lhe expedissem novas ordens. Elle os expendeo em huma carta datada aos 15 de Junho deste anno de 1567, que continha: Como recebêra as Cartas Regias, e o Breve do Papa a tempo que tinha melhores esperanças de reduzir ao gremio da Igreja algumas das nações da Ethiopia: que sendo de tanto pezo este negocio, elle naõ lhe embaraçaçava a obediencia para logo navegar ao Japaõ; mas que lho impedia a falta de navios grossos, que houvessem

de

de resistir ás forças dos Mouros de Arquico, de Maçuá, e dos mais, que navegavaõ os seus mares, e naõ deixariaõ sahir da Ethiopia hum só homem: que a fazer elle a viagem determinada, havia levar comsigo a todos os Catholicos, naõ sendo justo deixar desgarrados entre lobos tantos cordeiros, e que para o fazer necessitava de huma armada.

Era vulg.

Propunha o zeloso Pastor: que elle entendia maior serviço de Deos mandar S. A. á Ethiopia 500, ou 600 Portuguezes: poder, que elle entaõ julgava bastante para abater os Abexins rebeldes, e os obrigar a reconciliar-se com a Igreja; porque o Rei, que a perseguia era já morto, os Turcos, e Mouros, que a vexavaõ, a maior parte tinha sahido dos confins do Imperio: que este se dividira em bandos, tendo os Portuguezes hum grande partido, conservando-se neutral o novo Rei, sem se embaraçar em pontos de Religiaõ, que aos espiritos deixava livre: que entre outros Grandes inclinados á Fé

Ca-

Era vulg.

CAPITULO V.

Sente-se a Corte de Portugal da liberdade com que os Inglezes lhe perturbaõ o commercio da Costa da Mina, e o que resulta deste attentado.

Se a ambiçaõ, se os interesses, se as frias vozes meu, e teu tantas vezes tem desatado no mundo os laços, que apertou a natureza, roto as cadêas que forjou o sangue; naõ he de admirar, que aquelles inimigos do homem, de quem saõ domesticos, despedacem os vinculos da amizade. Grande era a que de idades longas conservavaõ as nações Portugueza, e Ingleza; mas esta, que estabelece no commercio a conservaçaõ da sua Monarquia, preferio á nossa amizade os interesses do trafego nos lugares, onde lhe era prohibido. Entre outras das nossas Colonias, os Inglezes empregavaõ as suas attenções na costa da Mina, que lhe promettia na sua idéa

Era vulg.

avultadas as ganancias por meio da introducçaõ das suas manufacturas. Os Portuguezes, que nos annos passados tinhaõ experimentado o muito que esta introducçaõ lhes era prejudicial, haviaõ conseguido, que ElRei mandasse por Aires Cardoso representar á Rainha de Inglaterra, que naõ era justo se alterasse a paz das Monarquias pela avareza particular de alguns dos seus vassallos, que defraudavaõ aos Portuguezes nos interesses das conquistas, que elles haviaõ adquirido para si, e para os seus Soberanos a troco do sangue, e das vidas.

A Rainha attenta á justiça desta representaçaõ, e prohibindo com rigor aos seus vassallos o commercio nos portos dos nossos Dominios ultramarinos, elles se contivêraõ por algum tempo violentos por atemorisados. Agora, ou porque a avareza rompeo pelos motivos do temor, ou porque a Rainha com artificios simulados permittia as contravençõees; os Inglezes com grande numero de navios entráraõ a *infestar os mares* da Costa da

Era vulg. Mina, e a roubar os nossos com o fingimento, ou representaçaõ de piratas. El-Rei, e os Portuguezes escandalizados das violencias, naõ só armáraõ náos de corso, que arrancáraõ muitas das prezas das maõs, que as haviaõ roubado; mas em Lisboa, e no Castello de S. Jorge da Mina prendêraõ por demonstraçaõ de escandalizados todos os Inglezes, que assistiaõ em ambas as partes, como a perturbadores do socego publico.

Estava entaõ por Embaixador de Inglaterra na nossa Corte Thomaz Volseo, que em nome da Rainha sua ama propôz a El-Rei, como a ella naõ lhe era toleravel a oppressaõ, que padeciaõ os seus vassallos: que sentia as rigorosas demonstrações, que S. A. acabava de usar com elles, naõ merecendo tanto rigor, e que esperava ver este mudado na clemencia, que era natural no seu animo, ordenando, que a huns fossem restituidas as liberdades, a outros as fazendas. Mais que os insultos dos Inglezes tocáraõ a ElRei estes requerimentos da sua *Soberana*. A rectidaõ da Magestade

es-

Era vulg.

esperava reconhecimento bem differente, quando ella castigava nos vassallos da Rainha Britanica os transgressores das suas mesmas ordens com penas menos duras, que as que contra elles haviaõ fulminado os seus decretos: agora desculpados os criminosos com termos, que abatiaõ no Rei a sua independente soberania. Naõ a desculpar-se, mas para pedir satisfaçaõ, mandou elle por Embaixador á Corte de Londres ao Doutor Manoel Alvares, que nos seus talentos levava publica a recommendaçaõ para fazer valer a importancia do negocio, de que hia encarregado.

O sabio Ministro representou em nome de seu amo á Rainha Ingleza: que sendo mutua, antiga, e religiosamente observada pelos seus predecessores a paz das duas Corôas, elle a considerava nos termos de huma rotura indeffectivel pela dissimulaçaõ affectada, com que S. A. violando os direitos mais sagrados, permittia a alguns dos seus vassallos tomarem o *injurioso nome de* piratas, e cobertos

 com

Era vulg. com elle roubarem os navios, que
Portuguezes conduziaõ das conquist
com tantos danos dos interesses
Monarquia, de que elle era Rei: q
quando esperava da Corte de Ing
terra, que os castigasse pela infr
çaõ da lei, que havia publicado;
le se occupava de admirações, qu
do ouvia, e via empenhada a sua R
authoridade a favor de huns réos pc
co dignos de piedade pela perturt
çaõ, que causavaõ á tranquillida
publica: que os Portuguezes naõ p
diaõ soffrer calados a perda de qı
si meio milhaõ, sem que S. A. ob
gasse á restituiçaõ de quantia taõ
vultada os piratas, que por esta c
visa se faziaõ indignos, de que e
os attendesse como vassallos: que n
sendo permittido aos mesmos Port
guezes negociarem na Costa da M
na, S. A. naõ podia ter por aggrav
que elle prohibisse aos Estrangeir
a graça, que negava aos naturaes: q
nestes termos, se a sua rectidaõ n
estava preoccupada por sugestões m
lignas, esperava satisfizesse a s
jus

justa queixa, como meio unico para a conservaçaõ inalteravevel de huma longa paz. Era vulg.

Com termos semelhantes se explicava ElRei nas cartas credenciaes, que o Embaixador apresentou á Rainha: mas quando a negociaçaõ principiava, incidentes novos a suspendêraõ. Foi informada a Rainha, que continuando os Inglezes a metter os seus generos pelos portos da Costa da Mina, os Portuguezes haviaõ despojado de quantidade consideravel de fazendas, que com desprezo das ordens queria introduzir nelles hum tratante chamado Vinter. Queixou-se elle á Rainha, que com menos temor da justiça de Deos, e pouca fidelidade para com o Rei de Portugal, arrastada dos transportes do furor contra este procedimento dos nossos Chefes: ella, resoluta a romper a paz, e amizade, concedeo a Vinter letras patentes para tomar sobre os Portuguezes o officio de pirata até se satisfazer dos danos proprios no roubo das suas fazendas. Desta indulgéncia, indigna de

ser

Era vulg. ser concedida por huma Magestade, se aproveitou Vinter, que entrou a assaltar os nossos navios mercantes, que navegavaõ debaixo da segurança da paz, que o Rei de Portugal tinha com os outros Principes da Europa.

Hum aggravo taõ opposto ao decoro da Magestade naõ o podia El-Rei D. Sebastiaõ soffrer calado. Por outra parte a liberdade opprimida nos seus vassallos se lhe representava outra injuria insoffrivel; e para castigar ambas com o mesmo golpe, mandou fazer represalia em quantos navios Inglezes estavaõ nos portos dos seus Reinos para esperar, com os danos resarcidos, da Rainha Britanica, ou a declaraçaõ de guerra, ou a satisfaçaõ da offensa. Os Inglezes prejudicados recorrêraõ a Antonio Fogaça, que entaõ estava em Londres, para applacar a justa indignaçaõ delRei com a promessa de huma composiçaõ amigavel. Elle veio a Portugal encarregado desta commissaõ; mas como hum particular, sem ser municiado com as credenciaes da Rainha para merecer at-

tençaõ. Elle voltou recambiado com ordem de se conduzir indifferente, naõ pedindo, nem rejeitando a concordia.

Era vulg.

Os Ministros Inglezes pouco satisfeitos da indifferença affectada do Fogaça, tanto foraõ avançando com elle as negociações, que a Corte de Lisboa teve por decoroso ordenar a Francisco Giraldes, que estava em Flandres, passasse a Inglaterra, e que no ponto da desconfiança trabalhasse de maõ commum com o Fogaça. Já os Inglezes nos promettiaõ a exclusaõ total do seu commercio nas nossas conquistas da Asia, e America: ponderavaõ, que elle nos seria vantajoso na Costa da Mina: como os Emissarios o impugnavaõ, elles estavaõ nos termos de ceder. Mas sobrevindo na conclusaõ dos ajustes novas dilações da nossa parte, os Ministros Inglezes as entendêraõ huma politica em obsequio aos interesses de Hespanha respectivos á rebelliaõ de Hollanda, que a Rainha de Inglaterra fautorisava; que Filippe II. queria apartar da alliança dos Hollandezes por meio de hum ajus-

te

Era vulg. te de suspensaõ de armas; que para o facilitar, Portugal difficultava compôr-se, e todos estes discursos iaõ sendo causa da controversia, que a negociaçaõ tinha avançado, vir a ser concluida pelas armas. Largo tempo leváraõ as interlocutorias de ambas as partes; mas ajustando Hespanha a desejada suspensaõ, depois foi facil a Portugal fazer o mesmo no ponto debatido com gloria, credito, e interesse do Monarquia sem rotura da paz, nem effusaõ de sangue.

CAPITULO VI.

Trataõ-se os successos do Brazil neste anno de 1567.

Os negocios do Brazil, que eu em differentes lugares tenho tratado, pegando no fio da ultima passagem, a narraçaõ da Historia os irá agora conduzindo, até referir avantajados os seus progressos neste anno de 1567. Varios eraõ os successos, que daquelle ultimo ponto até agora traziaõ

fluc-

fluctuante a estabilidade de nossa dominaçaõ na grande Provincia da Santa Cruz. Mais sensiveis que a rotura do nosso commercio na Costa da Mina fomentada pelos piratas Inglezes, eraõ as extorsões commettidas no Brazil pelos corsarios de França. Nós o temos visto com pouca interrupçaõ depois do primeiro estabelecimento do celebre Villagaillon. Depois, havendo o valeroso Mendo de Sá avançado sobre elles, e sobre os Indios Tamoios seus confederados os progressos, que ficaõ contados; os Padres Jesuitas, com zelo, e interesse da Igreja, e do Estado, haviaõ multiplicado as Christandades nas suas Missões respectivas. Na testa destes Operarios do Evangelho marchavaõ o V. Jozé de Anchieta, e o P. Nobrega, que atropellando trabalhos, e perigos, iaõ buscar os brutos racionaes pelos sertões intractaveis da Capitania de S. Vicente, e como rebanhos de ovelhas desgarradas traziaõ para o aprisco da Igreja bandos de Indios Tamoios.

Era vulg.

A esta colheita espiritual taõ copio-

Era vulg. piosa se seguio pouco depois a natural taõ esteril, que laborando extrema fome, os miseraveis famintos se viraõ reduzidos á ultima necessidade dos pais venderem os filhos, os maridos as mulheres, e o mais he, que os transversaes huns a outros parentes. Compras semelhantes naõ podiaõ deixar de levantar depois hum alto, e escrupuloso pregaõ nas consciencias dos Portuguezes timoratos, que se sentiaõ de ouvir as reprehensões nos seus remorsos. Para os socegarem tomáraõ o expediente de consultar no Reino a Meza da Consciencia, que resolveo: Ser permittido aos pais por direito vender os filhos em caso de necessidade extrema, e que cada hum podia fazer outro tanto de si mesmo para se aproveitar do preço da sua venda.

Sobre esta resoluçaõ da Meza da Consciencia fizéraõ varias consultas o Bispo D. Pedro Leitaõ, o Governador Mendo de Sá, o Provincial da Companhia, o Ouvidor do Estado, e assentáraõ, que ella se devia fazer

pu-

publica ao povo para socego dos espiritos escrupulosos. Era porem monstruosa a quantidade dos Indios vendidos sem as referidas condiçóes approvadas, por pessoas, que sobre elles naõ tinhaõ algum direito, por esforço da necessidade, que havia atropellado todas as leis. Por outra parte se considerava a difficuldade dos Portuguezes quererem perder o serviço de tantos Indios pondo-os em liberdade; que se o fizessem, os expunhaõ a voltarem para a sociedade dos Gentios com perigo da salvaçaõ das almas, com dano grave dos interesses da Republica, e que nestes termos os Portuguezes continuassem em os reter no seu serviço; mas debaixo das condiçóes seguintes:

Que se fizesse saber aos Indios injustamente vendidos, como elles estavaõ na sua plena liberdade: que assim livres servissem a seus amos em recompensa da vida, que elles lhes tinhaõ conservado no tempo da necessidade, e para evitar outros inconvenientes: que no caso dos ditos Indios

a vulg. dios fugirem aos amos, fossem estes instruidos da acçaõ, que se lhes permittia de os mandar reconduzir, e de os poderem castigar: que naõ obstando este poder, os mesmos amos seriaõ obrigados a pagar-lhes em cada anno o ordenado, que se lhes taxasse, bem entendido, que fazendo segunda fugida, perderiaõ o ordenado desse anno, como recompensa do que os amos gastáraõ na diligencia de os buscarem; mas que os possuidores destes Indios, de sorte alguma os poderiaõ vender, dar, trocar, nem levar para fóra do Brazil, e que se sem estas condições naõ os quizessem possuir, que logo os puzessem na sua inteira liberdade.

Se a publicaçaõ destas resoluções servio para os homens de probidade observarem o que nellas se determinava; os avarentos naõ se abstivêraõ de cativar, e comprar Indios a quem naõ tinha acçaõ, nem causa justa para os vender, e fazer escravos. Sobre os chamados Caetes cahio sem excepçaõ maior desgraça, julgados todos

por

por indignos de viver livres, córando-se a impiedade com o pretexto especioso, na apparencia pio, de que elles, e os seus antepassados haviaõ sido os authores da morte do Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha. O Governador, que naõ podia remediar tudo o que quizera, conseguio, que da geral escravidaõ fossem exceptuados os Caetes, que abraçassem o Christianismo. Mas depois, informados os Reis de Portugal da injustiça feita a huns homens, que nascêraõ livres, determináraõ, que como taes fossem tratados todos os Indios naturaes do Brazil, exceptuando os que se cativassem em guerra justa.

Esta era a figura em que estavaõ os negocios naquelle continente pelo que respeitava aos Indios, e sempre teimosos os Francezes, em nos fazerem visitas no Rio de Janeiro, quando chegou á Bahia Estacio de Sá, que trazia ao Governador seu tio grossos soccorros mandados pelo Infante Cardeal, e ordem delle, para que *unindo-os* ás forças do Estado,

Era vulg

Era vulg. do, se fosse apoderar do mesmo districto do Rio de Janeiro, lançando delle aos intrusos Francezes. Corria o anno de 1564, quando o Governador Mem de Sá mandou com a frota, que tinha preparada a seu sobrinho Estacio de Sá para executar as ordens da Corte. Elle lhe deo em regimento, que entrasse pela barra do Rio de Janeiro com todas as apparencias de quem hia fazer a guerra, observando antes de empenhar as armas, as disposições dos Tamoios, e dos Francezes: que com os primeiros trabalhasse por conservar a paz; mas que com os segundos, se os visse em figura de os poder vencer, fizesse pelos apartar dos Tamoios trazendo-os ao mar alto, e que então os batesse.

Quizera Estacio de Sá ser exacto na observancia deste regulamento, e a puzera em pratica, se casos novos não necessitassem de novos conselhos. Na barra do Rio soube elle, que os Tamoios se havião rebellado; que na Capitania de S. Vicente pedião a sua presença novas revoltas, e resoluto a

socegallas, gastou neste empenho o intervallo de tempo que correo até ao principio de 1565. Depois mostrárão os successos o acerto deste retrocesso, sahindo Estacio de Sá de S. Vicente no fausto dia de 20 de Janeiro: dia, em que nascêra ElRei, em que a Igreja celebra a memoria do invicto Martyr S. Sebastião, que lhe dera o nome, e que Estacio de Sá então empenhou com votos para ser seu Protector especial em empreza de tantas consequencias: dia em que elle navegou com o poder reforçado, não só pelos grandes soccorros de Indios amigos, de viveres, e munições; mas por levar auxilios efficazes na companhia, e orações do V. P. Anchieta, e de seu companheiro o P. Gonçalo de Oliveira, que tanto havião trabalhado para os espinhos da America não suffocarem a semente da palavra Divina; para os Indios revoltosos não inquietarem a tranquillidade do Estado. Com viagem feliz chegou a frota em Março ao Rio de Janeiro, e entrando no seu porto, o chefe postou a gente

Era vulg.

Era vulg. te em terra; entrincheirou-se no lugar, que depois chamáraõ a Villa Velha; fortificou o penedo conhecido pelo nome do Paõ de Assucar, e outro immediato, sem haver no terreno qualidade, que deixasse de o representar vantajoso, mais que a falta de agua. Esta remediou a industria humana, ou a Providencia Divina, que mostrou signaes, aonde a havia com abundancia, e a pôz perenne a pouco custo.

Os Portuguezes ainda que se viaõ com figura de conquistadores; que reconheciaõ a fortaleza do sitio, que occupavaõ, aonde tinhaõ seguro o asilo para se recolherem depois das emprezas executadas; que estavaõ instruidos do espanto, que aos Indios causava a força das nossas náos de alto bordo, do terror, que lhes mettia o estrondo, e os effeitos das nossas armas de fogo: elles naõ se excusavaõ ao susto, quando contavaõ a centos as canoas dos inimigos taõ fortes, como ligeiras; quando viaõ o mar, e a terra cobertos de huma multidaõ innumeravel de Tamoios bem armados,

nos

nos semblantes horrendos, nas figuras Era vulg.:
espantosos, até nos desentoados gritos medonhos; quando os notavaõ jactanciosos com as victorias passadas, cobertos de fortes trincheiras, defendidos por fossos profundos, que primeiro haviaõ ser ganhados para elles poderem ser investidos; sobre tudo quando a sua arrogancia estava animada pela soberba dos Francezes, pela uniaõ com as suas tropas, pela confiança, que tinhaõ nas suas grandes náos: tudo imagens tristes, que faziaõ representar o fim da expediçaõ, se naõ impossivel, muito difficultoso.

Percebêraõ o General, e os Padres Jesuitas, que estas meditações esfriavaõ o ardor dos soldados, e que a vista da face do perigo dava pouca liberdade aos officios do valor para se empenhar em huma guerra com desproporções, que pareciaõ infinitas. Mas o primeiro com palavras de Capitaõ valeroso, os segundos com vozes ardentes de espiritos inflammados, que persuadiaõ como o homem póde

Era vulg. tudo no Deos, que o conforta: elles de tal sorte desterrárað das fantasias as imagens do medo, dos corações os receios, que aos soldados intrepidos já parecia, que lhes tardavað os conflictos. Nað foi necessario, que elles os buscassem. Os mesmos inimigos audaciosos quizérað provar o caracter da gente, que tinhað de combater, e em grande numero os atacárað por mar e terra. Elles encontrárað huma resistencia superior á quantidade dos Portuguezes; mas tað propria da quantidade do seu valor, que depois de deixarem muitos mortos no campo, prisioneiras muitas canoas, elles se retirað confusos, os Francezes, com razað mais admirados, se suspendem.

Quiz Deos confundir a impiedade destes Hereges, que por odio da Religiað, e amor da ganancia nos faziað huma guerra tað injusta, pondo diante dos seus olhos hum milagre, que nað pôde negar a sua mesma impiedade. Elles viað as balas despedidas dos seus arcabuzes darem nos

pei-

peitos dos Portuguezes, e como se estes fossem de aço, e ellas de cera; as balas se amaçavaõ, os peitos sem offensa lhes resistiaõ. Depois souberaõ, que nos nossos soldados as feridas mais penetrantes, em breve espaço se curavaõ: que por se attribuir hum Cirurgiaõ a promptidaõ das curas, elle foi morto no primeiro conflicto, e que os feridos continuáraõ depois a recobrar quasi repentina a saude. Casos taõ estranhos, que deviaõ dar a conhecer aos Francezes a sua injustiça, elles serviaõ para mais se obstinarem na teima. Como quem queria tomar contas ao Ceo, porque amparava aos Portuguezes, elles lhe apresentaõ nova batalha com mais de 130 canoas escoltadas por tres das suas náos de guerra, que entráraõ a fulminar formidavel o seu fogo.

Era vulg.

Este choque foi hum dos mais horrendos, que na America se disputáraõ. O nosso campo se via coberto de huma nuvem de setas, de hum chuveiro de balas. Tudo parece, que ficava no ar suspenso, porque acaba-

 do

Era vulg. o combate de muitas horas, nem hum só Portuguez se achou morto, perdendo os inimigos innumeraveis. O esforço dos nossos soldados naõ se podia conceber; o fogo da artilharia era taõ vivo, e taõ prompto, como se naõ fosse servido só por maõs de homens. Elle fez tal impressaõ na Capitania Franceza, que a obrigou a varar á costa. O nosso General notando a fraqueza dos inimigos, e que atemorisados dos seus estragos se moviaõ para retirar-se; elle montou a a nossa Capitania, e varejou as náos Francezas com tanta furia, que tiveraõ de buscar a segurança na fugida. Já victorioso sem contrarios no campo, destacou varios corpos de tropas para assolarem as Aldêas visinhas, e para tirarem aos Tamoios o meio mais necessario para a sua sustentaçaõ na tomada das canoas da pesca.

Com outro semblante a guerra, os nossos soldados já sem temor, sahiaõ das trincheiras em canoas da terra para conduzirem os provimentos necessarios ao campo. Sete que se ocu-

Era vulg.

cupavaõ nestes transportes foraõ bloqueadas por sessenta e quatro dos inimigos, que sem se atreverem a abordallas, queriaõ dever a victoria aos tiros das armas de arremeço. Na sua consternaçaõ as soccorrêraõ outras sete taõ determinadas, que communicando as suas tripulações nova coragem aos opprimidos companheiros, fizéraõ volta face sobre os barbaros, degolláraõ a muitos, e porque naõ ficasse a victoria sem despojos, algumas das suas canoas lhes cahiraõ nas maõs. O General celebrou o triunfo com outra vantagem. Informado de que em huma Aldêa populosa estavaõ os Indios juntos, e entretidos em huma festa de grande solemnidade entre elles, foi authorisalla com a presença, levando em huma maõ o ferro, em outra o fogo, que entaõ parece que cançáraõ o fogo de queimar, o ferro de ferir.

CA-

Era vulg.

CAPITULO VII.

Continuaçaõ dos successos do Brazil, e fundaçaõ da cidade de S. Sebastiaõ no Rio de Janeiro este anno de 1567.

Taõ furiosa se fez a guerra no Brazil pelo empenho dos dois partidos, hum animado pela repetiçaõ das victorias, outro desejoso de despicar as suas affrontas, que ambos elles naõ despiraõ as armas em todo o anno de 1566. Os Tamoios, e Francezes confiados na sua multidaõ buscavaõ as occasiões; os Portuguezes fiados no patrocinio de S. Sebastiaõ, que para ellas o haviaõ eleito Numen Tutelar, de todas sahiaõ com vantagem; a gloria os buscava, elles a proseguiaõ. Mas a guerra sem conclusaõ total trazia na Bahia afflicto ao Governador Mem de Sá, que se determinou a naõ poupar meio, que podesse contribuir para derrotar as invasões dos inimigos nos portos da America; para livrar

os

os Indios amigos da oppressaõ dos Tamoios; para castigar a cavillaçaõ dos Francezes, e para conseguir, que os nossos povos gozassem a gentileza da paz, que elle tanto desejava. Era vulg.

Com estes designios resolveo elle passar segunda vez ao Rio de Janeiro, unir-se a seu sobrinho Estacio de Sá, traçar por huma vez a ruina de tantos, e taõ teimosos adversarios. Ora como o Rio de Janeiro vai a ser o theatro de acções gloriosas, e o campo em que elle tem de fundar a grande cidade de S. Sebastiaõ, eu devo antes escrever a situaçaõ, e qualidades do seu terreno, que hoje forma hum estimavel membro do Dominio Portuguez na America.

Entre o Promontorio que chamamos Cabo frio, e a terra que corre para o Tropico Austral, que dizemos a Ilha grande, ha hum continente espaçoso dos mais notaveis, que a natureza fabricou na vastidaõ da America. Entre aquelles dois extremos, e altura de vinte e tres gráos e meio, parece que a mesma natureza esforçou

Era vulg. o punho para formar hum sitio util para todo o genero de viventes, azi-lo seguro para os moradores proprios, baluarte inexpugnavel para inimigos estranhos. Tal he o Rio de Janeiro, a que os Portuguezes deraõ este nome pelo haver descoberto no primeiro dia do anno de 1532 o memoravel Martim Affonso de Sousa, heroe sempre digno das nossas lembranças. Os Indios naturaes lhe chamaõ Ganabara, ou Nhiteroi: nomes, que entre elles seráõ proprios; mas o de Rio entre os Portuguezes tem muita impropriedade, quando elle talhando de si mesmo horrendas penedias, entrando-lhe o mar, restringindo-se a menos de tiro de canhaõ, aonde rompe a terra, continuando a barra a igual distancia; no seu mesmo aperto rapidamente se estende a huma largura improvisa, com que forma a circunferencia de vinte e quatro legoas em oito de diametro.

Sempre se fez formidavel, horrivel, espantosa ás nações nossas inimigas no Rio de Janeiro a muralha

na-

tural formada das mais estranhas pe- nedias, que cercaõ aquelle dilatado seio. Quando os navegantes na sua paragem desejaõ descobrir praias, que recreiem, elles encontraõ os rochedos eminentes da Cella, da Gavia, do Frade, que os melancolisa: rochedos tristes, que se levantaõ ás nuvens; que com figuras medonhas atemorisaõ aos homens, que nunca os viraõ, quando se lhes põem á face. Na entrada da barra apparecem como as colunas de Hercules dois destes rochedos monstruosos, Gigantes, ou Guarda-Portões da mesma entrada, chamados os Pães de assucar, que nas aguas escondem os pés, e descobrem as cabeças ás nuvens. Como a sua barra naõ se póde tomar senaõ pelo meio das noventa braças que a boca tem de largura, para se evitar ás náos o naufragio nos cachopos que lhe ficaõ aos lados; se ellas forem inimigas, vaõ certas do seu estrago pela inundaçaõ de fogo, que vomitaõ dos mesmos lados duas fortalezas reaes, que cruzaõ, varrem com as balas ao lu-

me

Era vulg

Era vulg. me da agua, quanto sobre a sua superficie intentar a entrada da barra.

O que se diz Alagamar, que he a circunferencia das vinte e quatro legoas, e oito de diametro, aonde se forma huma bahia, que parece disputa precedencias com a de Todos os Santos: elle está rodeado de espantosa serrania, que mostra montes sobre montes, como subindo a escalar o Firmamento, chamada a Montanha dos Orgaõs pela semelhança que tem com a desigualdade, e coordinaçaõ dos canudos destes instrumentos. Nós poderemos discorrer, e formar juizo, de que o Author da natureza dispôz com precedencia nestes montes huns muros, e baluartes incontrastaveis para depois dividirem aos Portuguezes dos Barbaros, que habitavaõ da outra parte. Elles mesmos tem chegado a dizer, que naõ só a altura extraordinaria dos montes; mas que as nuvens tenebrosas, que os cobrem, os horrendos trovões, raios, e coriscos, que elles fulminaõ, como se quizessem abrazar a terra, eraõ huns exercitos conti-

nua-

nuamente armados em soccorro dos Portuguezes contra as invasões, que elles quizessem intentar no domicilio destes seus hospedes.

Quarenta Ilhas, e muitos rios, que vem do sertaõ desaguar naquella circunferencia, ou bahia, a fazem vistosa, e agradavel. He grande o numero das embarcações, que a navegaõ sem perigo todas as horas para a commodidade das pescarias, de que ha nella abundancia notavel, e para a passagem ás fazendas, de que ella está rodeada, tantas em numero, e de taõ differentes qualidades, que só as de engenhos de assucar passaõ de cem. Esta he em resumo breve a descripçaõ do terreno do Rio de Janeiro, em cuja conquista nós vamos a ver empenhado o Governador do Brazil Mendo de Sá, que com gloria immortal do seu nome fundou nelle a magnifica Cidade de S. Sebastiaõ em obsequio ao do Rei, por agradecimento á protecçaõ do Santo.

Aquelle Chefe sentido, como dissemos, da continuaçaõ da guerra, de-

se-

ra vulg. sejoso de satisfazer a vontade delRei na fundaçaõ da cidade do Rio de Janeiro : depois de ter junto grande numero de navios, de soldados ambiciosos da gloria, de viveres, e munições em abundancia, no mez de Novembro de 1566 sahio da Bahia a importante expediçaõ, que tinha concebido. Elle hia acompanhado do Bispo D. Pedro Leitaõ, que para amparar as suas ovelhas perseguidas, naõ duvidou mudar o bago em espada, a mitra em morriaõ, a cruz peitoral em arnez, taõ gentilhomem na campanha, como nos ministerios do Episcopado edificante : do Provincial da Companhia o P. Luiz da Gran, do V. Jozé de Anchieta, Apostolo incançavel, e do V. P. Visitador Ignacio de Azevedo, que no mar encontrou o martyrio, como se quizesse mostrar, que as muitas aguas naõ lhe podiaõ extinguir a caridade.

No dia 18 de Janeiro deste anno de 1567, que estamos tratando, antevespera do do Martyr S.Sebastiaõ, que parecia, como Santiago em Hes-

pa-

panha, andar servindo no Brazil ao nosso soldo; entrou o General Mem de Sá a barra do Rio de Janeiro, aonde novamente invocou ao mesmo Santo para Tutelar da empreza, que era empenho do Rei, que lhe tomára o nome; a que elle para o nascimento offerecêra o dia. No mesmo em que a Igreja celebra a sua memoria, em que ElRei cumpria annos, ainda que o segundo depois da chegada do General, elle determina dar á guerra principio fausto na invasaõ sobre duas aldêas as mais poderosas dos inimigos. A de Urassumuri, que elles haviaõ fortificado com trincheiras, fossos, artilharia, guarniçaõ numerosa, e alem da arte, a mesma natureza a tiha feito inaccessivel; ella foi a que primeiro elegeo o General para tambem levar o primeiro golpe do seu valor. Invocada como grito de guerra a protecçaõ do Santo no seu dia, recebida a bençaõ do Bispo, dada a vanguarda a Estacio de Sá, que merecia este lugar da maior honra, e do maior perigo em premio das suas gran-

Era vulg. grandes façanhas, dos seus assignalados serviços; a marcha se rompeo para o lugar, aonde nos esperavaõ intrepidos, e soberbos os Tamoios, e os Francezes.

A sua resistencia no formidavel assalto competio com a coragem Portugueza, que nelle sobrepujou todo o encarecimento. O sangue, a morte, o furor eraõ estimulos para mais furor, mais morte, mais sangue. Os Tamoios com a disciplina aprendida dos seus alliados, se conduziaõ como elles. Coberto o ar com as nuvens de setas, e de fumo, retumbando a concavidade dos montes com os echos de gritos espantosos, parecia que a terra se abalava; que a natureza se commovia; que os mesmos montes se despedaçavaõ. Mas naõ havendo intrepidez que tivesse permanencia á vista da face dos Portuguezes mettidos em colera; a povoaçaõ foi entrada; degollados os Tamoios sem escapar hum só, e dos Francezes cinco que ficáraõ vivos, depois foraõ espetados em hum páo para espectaculo terrivel aos

da

da sua naçaõ teimosos. Dos Portuguezes Em vig.
faltáraõ dez, ou doze, entre elles o
bravo Capitaõ Gaspar Barbosa; mas
a maior perda foi a do General Es-
tacio de Sá, que sahindo do comba-
te mal ferido veio a morrer pouco
depois com lastima, e inveja.

Sem deixar esfriar as armas, par-
tiraõ as nossas tropas á segunda em-
preza, que era a conquista do For-
te de Paranapucuy, situado na Ilha do
Gato, que estando em terra plana,
foi necessario conduzir artilharia para
bater os fortes muros, que o cerca-
vaõ. Com vivo fogo elles cahiraõ por
terra, as vidas dos Tamoios nas maõs
da morte, e os poucos que quizéraõ
escapar della tivéraõ de submetter as
liberdades á discriçaõ dos vencedo-
res. Dois triunfos successivos de res-
peitoso caracter de tal sorte atemori-
záraõ aos Indios, que perdida a con-
fiança até entaõ firme nos seus auxi-
liares Francezes, os mais rebeldes se
escondêraõ no fundo dos desertos, os
menos contumazes pediraõ a paz, que
lhes foi concedida com generosidade.

Fruc-

Era vulg. Fructo foi de victorias taõ assinaladas o dominio pacifico da vasta Enseada da regiaõ do sul, donde Mem de Sá teve a gloria de expulsar os Francezes, de abater a obstinaçaõ dos Tamoios, de repartir as terras ganhadas por moradores com forças para as cultivar, e defender.

Nós naõ duvidaremos da particular assistencia divina ás nossas armas, se attendermos a dizer o V. Anchieta: Que nesta conquista, que durou dois annos, andavaõ os homens como Religiosos confiados em Deos na presença do Capitaõ Môr Estacio de Sá, o qual álem do seu grande esforço, e prudencia, era a todos exemplo de virtude, e Religiaõ Christã: alto elogio á piedade da nossa gente, e do seu Chefe, que morto hum mez depois de receber as penetrantes feridas, deixou no Rio de Janeiro immortal a sua memoria, como pio, Catholico, valente, merecedor de occupar huma das praças entre os primeiros Heroes. Seu tio o General Mendo de Sá, menos sensivel a esta

gran-

grande perda, que á gratidaõ devida a Deos por tamanhos beneficios, depois de lhe render publicas as devidas graças, ao Santo Protector muitos obsequios, cuidou em fundar com o seu nome a grande cidade de S. Sebastiaõ, como lhe estava encarregado. Era vulg.

Elle escolheo o sitio para a fundaçaõ huma legoa álem, donde tinha plantado o seu campo: sitio, que elle logo fortificou em figura de inaccessivel á audacia dos nossos inimigos, e a barra com huma grande fortaleza de cada lado, impenetravel á mais arrojada temeridade. No coraçaõ da cidade foi marcado terreno para o Collegio dos Jesuitas, que tanto haviaõ trabalhado nesta conquista, e logo arbitradas rendas para a sustentaçaõ de cincoenta Religiosos: tudo regulado conforme as ordens do Infante Cardeal Regente, e regulamento, que a seis de Fevereiro do anno seguinte de 1568 já firmou do proprio punho ElRei D. Sebastiaõ, havendo sahido da menoridade. Acaba-

Era vulg. da esta expediçaõ com tanta gloria do General Mem de Sá, principiados os edificios da nova cidade, avisando a Corte de Lisboa desta grande vantagem, e nomeando por Governador do Rio de Janeiro a seu sobrinho Salvador Correa de Sá, o General se recolheo á Bahia com semelhanças do grande Cesar em vir, ver, e vencer.

Memoravel se fez nesta guerra, e depois della no Brazil hum Indio nosso amigo, que em memoria do heroe descobridor do Rio de Janeiro, foi o segundo da sua naçaõ que tomou o nome de Martim Affonso de Sousa. Tantas foraõ as proezas obradas por este bom Indio contra os Tamoios em nosso serviço, que elles o olhavaõ como objecto primeiro do seu odio. O novo Governador do Rio depois de acabada a guerra lhe ordenou, que com a gente do seu partido se aquartelasse em hum campo junto á cidade chamado depois de S. Lourenço. Aqui fundou elle huma Aldêa, que quiz fazer defensavel com muros, e fortificações, que podessem resistir aos

seus

seus inimigos Tamoios refugiados depois de destruidos em Cabo frio, sempre dezejosos de o haverem ás mãos para guizarem das suas carnes hum banquete, naõ tanto para satisfaçaõ da sua voracidade, quanto do seu odio. Para elles executarem o seu intento, antes que o Indio fortificasse a sua Aldêa, se lhe offereceo a occasiaõ mais opportuna com a chegada de quatro navios de commercio Francezes, que como alliados antigos foraõ convidados para auxiliares na empreza.

Os Portuguezes fabricantes da nova cidade se assustáraõ, quando viraõ entrar pela barra nas quatro nàos, e grande numero de canoas poder muito mais superior, do que elles tinhaõ em terra. Mas com a coragem, que lhes influiaõ, ou os espiritos proprios, ou as victorias passadas, elles mandáraõ perguntar aos Francezes com que destino vinhaõ á sua terra. Com igual desembaraço lhes foi respondido, que elles vinhaõ buscar a Martim Affonso de Sousa para o entregarem aos

Era vulg. Tamoios, que naõ gostavaõ das su
olhas sem o tempero da carne, e sa
gue deste Indio seu adversario; q
dos Portuguezes nada pretendiaõ. E
parte socegou o nosso susto; mas a
fligio-nos o perigo do fiel alliad
que merecia o nosso soccorro. O G
vernador Salvador Correa de Sá, d
pois de o avisar do que passava pa
estar prevenido, naõ só cuidou e
lhe enviar da gente, que tinha; m
mandou vir canoas de S. Vicente p
ra o reforçar. O Indio intrepido, se
perturbaçaõ do espirito se fortific
como pôde; pôz fóra a gente inut
e fiou do seu valor a sua seguranç

Já os Francezes com o ruido
sua artilharia, ao som de muitos in
trumentos bellicos haviaõ desemba
cado toda a sua gente acompanhada
innumeraveis Tamoios. Neste dia qu
zéraõ elles descançar em terra pa
no seguinte marcharem ao ataque
Aldêa; mas nessa noite recebeo Ma
tim Affonso o pequeno soccorro
tropas, que o Governador do Rio l
mandava ás ordens do alentado Ca
ta

taõ Duarte Martins Mouraõ. Mais animado com este bom camarada, e com a sociedade das nossas armas vencedoras, o bravo Indio chama as suas gentes, e lhes diz: Em grande aperto nos achamos, taõ poucos contra tantos inimigos. Com tudo os vossos corações naõ se dilataõ vendo a fidelidade dos Portuguezes, que vem ser nossos companheiros no triunfo, ou no destroço? Se juntos com elles triunfamos, que estimavel victoria ganhada ao lado de taes camaradas! se unidos com elles formos destroçados, que morte taõ honrada por causa taõ justa nos braços de homens taõ Catholicos! lembraivos dos vossos antepassados, que com tanto valor se conduziraõ nestas guerras; e para mostrarmos aos inimigos que naõ os tememos, antes que elles marchem de dia a investir-nos, vamos nós esta noite atacallos.

Era vulg.

Ao conselho se seguio intrepida a resoluçaõ, e antes que a luz descobrisse a campanha, no quarto da alva os Portuguezes, e Indios cahiraõ

de

Era vulg. de repente sobre os Francezes, e Tamoios. Duarte Martins, e Martim Affonso como leões furiosos, sem darem tempo aos contrarios de cobrarem a forma, e o acordo, degollavaõ nelles sem piedade. O escuro da noite, o estrondo dos golpes, os gemidos dos agonizantes, a confusaõ com que os esforçados se lançavaõ ás armas, punha extacticos os sentidos. Elles naõ tivêraõ mais liberdade, que para se deixarem tocar do medo, buscando para reparo da morte a precipitaçaõ da fugida. Os vencedores lhes foraõ nos alcances até á praia, aonde a segurança da victoria imaginada os fizéra cahir na inconsideraçaõ de terem as náos varadas em terra. Ellas quizéraõ defender-se com a sua artilharia; mas os Portuguezes disparando sobre os seus costados hum canhaõ pedreiro de lugar seguro, e a ponto fixo, nellas, e nas vidas dos defensores causou ruina igual com muitos destroços em cada tiro.

Rompeo o dia, encheo a maré, esta que servio para as náos, e canoas

noas se fazerem ao mar, aquelle pa- Era vulg
ro os Francezes, e Tamoios verem o
seu estrago: taõ grande, que corridos sahiraõ pela barra fóra, os
Francezes dando ao Rio de Janeiro
as ultimas despedidas, os Tamoios
recolhendo-se a Cabo frio arrependidos da teima, com grande diminuiçaõ no numero, já sem desejos
de matarem a fome, e a sede com
a carne, e sangue de Martim Affonso. Depois de tudo consummado,
chegou o soccorro que se esperava de S. Vicente. Os soldados ambiciosos de honra, naõ encontrando
no Rio inimigos, convidáraõ os camaradas victoriosos para irem visitar
os Tamoios a Cabo frio. Elles fizéraõ a jornada a taõ bom tempo, que
se encontráraõ com huma grande náo
Franceza, forte em boa artilharia,
rica em generos preciosos, que trazia da Europa. Quizêraõ os Portuguezes atacalla naõ obstante a consideraçaõ, de que as suas canoas eraõ
embarcações improporciodas para abordarem náo taõ alterosa, e artilhada.

Mas

Era vulg. Mas o valor resoluto a vencer todas as difficuldades; os soldados mais atrevidos por terem na sua testa ao mesmo Governador do Rio, que quiz authorisar a acçaõ com a presença: as nossas canoas com audacia incrivel rodeáraõ a náo, mettêraõ-se debaixo da sua artilharia, que naõ podia laborar sobre ellas, e principiou vistoso o combate, que durou largo espaço. As frechas dos nossos Indios faziaõ desviar dos bordos aos Francezes, que do convez feriaõ aos nossos, que os montavaõ. O Governador por tres vezes foi arrojado ao mar, e outras tantas o salváraõ os mesmos Indios. Hum delles reparando, que quem sustentava a briga era o Capitaõ de mar, e guerra coberto de armas brancas, que cuspiaõ as setas, perguntou aos Portuguezes se por entre aquellas armas haveria lugar por onde entrasse huma. Dizendo-lhe, que pela viseira, elle fez a pontaria taõ certa, que mettendo a seta por hum dos olhos do Capitaõ o derrubou morto.

Este golpe deixou sem alentos aos Fran-

Francezes, que todos se rendêraõ á discriçaõ prisioneiros. O Governador depois de deixar o saque da importante preza livre aos soldados, se fez á vela na volta do Rio de Janeiro, que fortificou com a muita artilharia da náo, especialmente a fortaleza de S. Cruz, que entaõ se fundava na boca da barra. O Governador naõ querendo para si mais gloria, que a do triunfo, até a náo mandou de presente a seu tio Mem de Sá para o serviço do Estado. Com successos taõ felizes os nossos inimigos socegáraõ na teima, os augmentos da nova cidade se avançáraõ consideravelmente á beneficio da paz, e ElRei attento aos estimaveis serviços do Indio Martim Affonso de Sousa lhe fez mercês honradas, e proveitosas. Nesta situaçaõ deixamos o Brazil, e concluimos a Historia do anno de 1567 para passarmos nos Capitulos, que se haõ de seguir, a dar tres idêas; huma de como se considerava o Reino na entrada do anno de 1568; outra do estado dos negocios da India no mesmo tempo; a ter-

Era vul

rulg. terceira do estado dos de Africa, para depois continuarmos em outro Tomo com os successos respectivos ao mesmo anno e seguintes, até a Epoca fatal da perda delRei D. Sebastiaõ na mesma Africa.

CAPITULO VIII.

Dá-se huma Idéa dos successos do Reino no principio do anno de 1568 para se continuar com elles depois do Rei sabir da Menoridade no dia 20 de Janeiro do dito anno.

;68 Havia ElRei D. Joaõ III. determinado que depois da sua morte a Rainha D. Catharina governasse o Reino como Regente, até seu neto o Rei D. Sebastiaõ encher a idade de vinte annos. Já vimos os motivos, e o tempo, em que a Rainha se descartou desta commissaõ, que recahio toda na pessoa do Cardeal Infante D. Henrique, que ou foi sugerido, ou tinha inclinaçaõ a governar. Elle fez mui-

Era vu

muitas cousas com acerto; continuando na Regencia até ao mez de Janeiro de 1568, em que ElRei havia cumprir de idade quatorze annos; em que já tinha oito de discipulo de seu mestre, e quasi sete de penitente do seu Confessor; em que a ambiçaõ, a oubiça de alguns interessados já naõ tinhaõ duvida em fazer hum sacrificio da pessoa do Cardeal Infante, antes naõ só servida, mas idolatrada.

Sem nos embaraçarmos com as disposições, que precedêraõ ao dia 20 de Janeiro, que estava determinado para ElRei D. Sebastiaõ tomar as redêas do Governo do Reino, por cumprir nelle a idade de quatorze annos, contra o que ficára disposto por ElRei seu avô: nós nos contrahimos a dizer, que o seu grande aio D. Aleixo de Menezes advertindo como taõ illuminado, que com a entrega do governo era quasi impossivel deixar de se seguir huma mudança notavel, e que attento a todas as suas qualidades de idade, de respeito, de authoridade nada mais lhe convinha, que re-

Era vulg. as occasiões do tempo abrirão cedo caminho. E porque os muitos annos que tenho, e a nova forma do Governo naõ daraõ ao diante lugar a taõ continuas, e particulares advertencias, como até agora sohia fazer a V. A. me pareceo, que devia ao contentamento deste dia, e ao amor, e lealdade, com que creei, e servi a V. A., fazer-lhe algumas lembranças, que por serem feitas em tal tempo, com tal animo, e em tal idade, merecem ser bem ouvidas, e estimadas em lugar do ultimo, e maior serviço, que em minha vida fiz a V. A.

Entrais, Senhor, neste incomparavel trabalho de governar vossos Reinos em idade, que com o nome de liberdade, e supremo Senhorio, temo que vos persuadaõ, que até naõ fugirdes da companhia, e conselho da Rainha vossa Avó, e do Cardeal vosso tio naõ sois verdadeiro Rei: que he a traça por onde os que se querem aproveitar da vossa liberdade, fiaõ de abrir o caminho á sua privança. E como estes attendaõ só á sua grandeza, e proveito particular, pro-

cu-

curaõ, approvando por justo qualquer dezejo dos Principes, e naõ lhes contradizendo cousa licita, ou illicita que intentem, mostrar-lhes que o tempo, que viviaõ sujeitos aos bons conselhos de quem com elles procurava sua estimaçaõ, e acrecentamento, foi huma sujeiçaõ, e cativeiro indigno de sua dignidade, donde se seguirá, que apartados de vós aquelles, que com verdadeiro amor vos pódem desenganar das faltas, que ha no governo; e cercado de quem, por se sustentar na privança, approva por justos os erros do vosso gosto, padeça o Reino grandes trabalhos, e o animo de vossos vassallos naõ seja para com V. A. o que sohia ser para com os Reis vossos antepassados. Era vulg.

E como Deos dotou a V. A. de hum animo generoso, inclinado a emprender cousas grandes, temo que, usando deste bom fundamento, vós inclinem a emprezas (se bem menores que vosso coraçaõ) maiores do que permittem as forças de vossos Reinos. E como os que seguem este caminho medem as cou-

Era vulg. sas naõ pelo que saõ, senaõ pelo que querem que ellas pareçaõ aos Reis, encobrindo-vos a industria, trabalho, e miudezas, com que vossos antecessores sustentavaõ com limitada fazenda a reputaçaõ de seu Estado, vos engrandeceráõ as riquezas, e forças de vossos Reinos; donde se seguirá metterem-vos em emprezas, de que ou sahireis com pouca honra, ou aventurareis vossos Estados, e vida sem conhecerdes o engano, senaõ quando lhe faltar o remedio.

E porque nem a piedade, e animo religioso dos Reis está seguro de inconvenientes, lembro a V. A. como quem desde taõ pouca idade conhece sua inclinaçaõ santa, e zelo da exaltaçaõ da Santa Fé Catholica, que nunca temi faltas na pessoa de V. A. por costumes, e obras viciosas, senaõ por algum excesso ou demasia, que passasse os limites das virtudes: porque muitas cousas ha, com que huma pessoa particular póde ganhar gloria, que sirvaõ de condenaçaõ a hum Principe: tanto vai na differen-

ça

ça dos Estados. E porque em materias semelhantes, se naõ pódem dizer maiores particularidades, torno a lembrar a V. A., que no que se lhe persuadir com pretexto de Religiaõ, e consciencia, tenha singular attençaõ; porque (o que Deos naõ permitta) a haver alguns trabalhos, e alterações em sua Pessoa, e Reinos, por este caminho haõ de ter entrada.

Era vulg

No tratamento de vossa Real Pessoa vos lembro, que naõ percais hum ponto de Magestade com os que mais intimamente vos servirem, e seja sempre o favor, e privança dentro da veneraçaõ devida a vossa grandeza; porque os Reis vossos antepassados estendêraõ o seu Imperio pelas mais remotas partes do Oriente sendo Pais do povo, e aos Nobres Principes clementes; porque como dos Grandes a ElRei ha menos differença, que do Rei ao Povo, convem dar-se-lhe o favor acompanhado da Magestade para os manter em respeito, o que naõ milita na gente popular, aonde o excesso da affabilidade naõ aventura a

Era vulg. thoridade do Principe, antes cativa os animos daquelles, que o consideraõ taõ clemente, e evita com isto hum erro, com que cahiraõ muitos Reis, que entregando suas pessoas, e authoridade nas maõs de seus validos, e guardando o fausto, grandeza, e trato altivo para seu Povo, vieraõ a ser aborrecidos de huns, e desestimados de outros; que nestes extremos vem a dar os Principes, que desacertaõ os meios da conservaçaõ, e authoridade.

Naõ vos direi eu, Senhor, que nesta idade, em que estais, deixeis a companhia, e communicaçaõ dos Fidalgos da vossa creaçaõ, e de ter com elles os honestos passatempos, que requerem os vossos poucos annos; que isto fora violentar as condições da natureza: só vos lembro, que estes sirviaõ para as horas da conversaçaõ, jogos, caça, e passatempos. Porêm que nas materias de Estado, Fazenda, e Governo deis em tudo a maõ aos Fidalgos antigos, creados nas escolas dos Reis D. Manoel, e

D.

D. Joaõ de gloriosa memoria, vossos Avôs, com cuja experiencia, e conselho sustentareis vossos Reinos na paz, e prosperidade, em que elles vo-los deixáraõ; porque assim como será improprio intrometterem-se estes nos exercicios, e mocidades, que hoje vê o mundo, assim seria preverter a ordem delles, e expôr vosso estado a huma ruina manifesta, mettendo cousas de tanta consideraçaõ em maõs de pessoas faltas de annos, e experiencia.

E porque com a nova intrancia no Reino pretendêraõ alguns de V. A. mercês oxorbitantes, medidas mais pela grandeza de seu animo, e condiçaõ, que pelo que pede o estilo, e a possibilidade deste Reino, e por ventura o merecimento dos pretensores; remediará V. A. os inconvenientes de taes pretenções, remettendo tudo a seu Conselho, e naõ despachando petições por via extraordinaria; porque a liberalidade excessiva feita em principio de governo, como se naõ póde estender a todos, contenta aos menos,

Era vulg. e agrava aos mais à que naõ chegá; e serve isto de hum continuo arrependimento aos Reis, depois que com o discurso do tempo cahem no erro, que fizéraõ.

Nas cousas em que V. A. se poder servir de Ministros seculares; naõ dê a maõ a Ecclesiasticos, tirando-os do seu primeiro Instituto com o supposto de que servem mais, e se lhes paga com menos; porque de mais de naõ se darem nunca bem cousas profanas tratadas por maõs sagradas, com qualquer das cousas, que o Ecclesiastico pretende para sua Religiaõ, e com cada huma das mercês, que V. A. lhe faz para ella, se poderáõ pagar os serviços de muitos Ministros seculares; porque he muito differente a pretençaõ de huma Communidade, em cujo respeito o muito parece pouco, do particular de huma pessoa, aonde o pouco a satisfaz, e paga grandes serviços.

Se por ventura aconselharem a V. A., que convem reformar em seu Reino trajos, e costumes, pezos, e me-

medidas, ou qualquer outra cousa u- Era vulg.
sada, e introduzida de tempo immemoriavel, ainda que o conselho seja justo, e a reformaçaõ necessaria, vos peço, que o naõ façais nos primeiros annos do vosso governo; porque tem tal acceitaçaõ no povo os seus costumes antigos, que até para melhoria sua sente qualquer alteraçaõ, que se faça, e mais em conjunçaõ de governo, a cuja pouca experiencia attribue antes a novidade, que a virtude: que só a esse fim a ordenaõ, e se segue suspirar pelo tempo, e memoria dos Reis passados, e começar a desamar o presente, e a tello por estranho.

Muito me alegro, e muito detenho a V. A.; mas como este he o testamento de minha lealdade, e por ventura o ultimo atrevimento do meu amor, conceda V. A. perdaõ á liberdade, e extensaõ de meus conselhos, pois o merecem estas lagrimas de contentamento, com que o zelo destas cans, que nascêraõ em serviço de vossos Avôs, e vaõ do vosso á sepultura, deixando-vos em meu

lu-

Era vulg. lugar tres filhos herdeiros de minha lealdade, em quem ficará o meu sangue continuando a servidaõ, que já naõ póde a pessoa, e nelles podereis mostrar ao mundo a opiniaõ, em que tivestes os serviços de quem os gerou. »

Acabáraõ de fallar pela boca deste homem os seus affectos, que impellidos pelos transportes da alma, em lugar de conselhos, pareciaõ profecias, que o tempo mostrou verificadas. Era respeitavel em D. Aleixo o pezo dos annos, da authoridade, dos talentos, dos serviços, da creaçaõ, do amor ao Rei. Elle o ouvio attento, lhe impedio a acçaõ de ajoelhar para lhe beijar a maõ, o abraçou com ternura, e naõ embargando a Magestade aos olhos os officios da natureza, com lagrimas de jucundidade lhe disse alegre: Que estimava tanto os conselhos, como o amor de quem lhos dava; tanto a sua importancia, como a candura, que a exprimia: que estimava tomar posse do Reino só para mostrar ao publico a reputaçaõ, em que sempre tivéra os seus serviços: que

pe-

Era vulg.

pelo que respeitava a seus filhos estivesse sem cuidado; porque álem da obrigaçaõ, em que lhe estava, por serem filhos seus, a todo o tempo mostraria, que conservava nelles vivas pelas mercês as memorias do Pai: que sa pelas suas indisposições, e idade consentia, que elle se retirasse do serviço, e assistencia ordinaria do Paço; isso naõ era para o excusar do seu serviço, da continuaçaõ de lhe fazer advertencias saudaveis, de lhe dar conselhos prudentes, como esperava do grande amor, com que sempre o creára.

Todos os presentes se admiráraõ, de que ElRei, abatendo, dando docilidade á affectada dureza da sua condiçaõ, tratasse a D. Aleixo com tanta affabilidade, se explicasse com vozes taõ insinuantes, o levasse ao seu lado, como quem tinha estimado os conselhos. Mas pouco depois as experiencias mostráraõ o nenhum caso, que ElRei fizéra delles, desprezados os votos de varaõ tamanho por causa das influencias de espiritos intrigantes, cabalisticos, cheios de ambi-

bi-

Era vulg. biçaõ, de cobiça, arrastados de huma hypocrisia interessante, que veio a ser a causa da ruina do Reino, o instrumento fatal de se verem verificados os documentos profeticos de D. Aleixo pelo desprezo, com que foraõ desattendidos: hum desprezo, que naõ houve mister muito tempo para matar com afflicçaõ honrada ao Fidalgo illustre, que proferindo-os para fontes das felicidades, vieraõ a ser, por naõ observados, os canaes por onde corrêraõ inundações de desgraças, e calamidades sem numero.

Da sua parte a Rainha, que com a sua illuminaçaõ sublime havia penetrado os mesmos arcanos, que D. Aleixo guardava atégora escondidos no peito, e toda estava da parte dos seus sentimentos santos: na vespera do mesmo dia da Coroaçaõ naõ quiz ficar sem correr o veo aos mysterios; mas deixando-os ver como mysterios. A ElRei D. Joaõ seu esposo se haviaõ mandado huns versos compostos na lingua Grega, que foraõ achados na sepultura de hum dos antigos Reis

de

de Chipre, e com elles, fallando em Portuguez, quiz a Rainha prevenir a ElRei seu neto para saber reinar, mandando-os pôr na sua presença, e que elle com attençaõ penetrasse o espirito das suas palavras, que eraõ estas: O que pude fazer por bem, nunca o fiz por mal. O que pude alcançar por paz, nunca o tomei com guerra. O que pude vencer com rogos, nunca o afugentei com ameaças. O que pude remediar em segredo, nunca o castiguei em publico. O que pude emendar com avisos, nunca castiguei com açoites. Nunca castiguei em publico, que primeiro naõ avizasse. Nunca consenti á minha lingua, que dissesse mentira, nem permitti a meus ouvidos, que ouvissem lisonjas. Refreei o meu coraçaõ, para que naõ dezejasse com o seu pouco. Velei por conservar os meus amigos, e disvelei-me para naõ ter inimigos. Naõ fui prodigo em gastar, nem cobiçoso em receber. Do que castiguei tenho pezar, e do que perdoei alegria. Nasci homem entre os homens,

Era vul

ra vulg. por tanto comem os bichos minhas carnes. Ouvi virtuoso, e vivi virtuoso com os virtuosos, por tanto descançará a minha alma com Deos.

Tambem estes documentos, o amor, e o zelo maternal, que os fez presentes a ElRei como taõ saudaveis, se elles entaõ foraõ bem recebidos, tambem depois de pouco tempo deixáraõ de ser estimados. A seu desprezo naõ tardáraõ em se ver monstruosidades, humas que manchavaõ a purpura Cardinalicia de hum Infante tio, outras o decóro de huma Rainha avó, até que ellas mesmas, depois de derrotarem as esperanças proximas da successaõ Real, de hum golpe acabáraõ a liberdade do Reino, a sua Nobreza, a Pessoa, e vida do mesmo Rei com os excessos da virtude, como lhe predissera D. Aleixo de Menezes, lastimosamente enganado. He verdade, que dois casos observados se tiveraõ por bom principio do Reinado, que hia a começar, hum succedido com o mesmo D. Aleixo, o outro huma especie de

Me-

Memorial, ou Arte Mnemonica, que Era vulg.
ElRei compuzera, e escrevêra da propria letra para se dirigir por elle nas funções do governo.

Em quanto ao caso com D. Aleixo, ElRei se lhe mostrou sentido por lhe impedir montar hum cavallo frizaõ, ainda mal disciplinado, para evitar algum desastre, que podia succeder. Larga foi a disputa entre o Real Pupillo, e o aio ao parecer impertinente, que determinou resoluto naõ havia S. A. montar o frizaõ· Retirava-se ElRei colerico dizendo mal da sujeiçaõ, estranhando a obediencia, quando se lhe pôz diante hum Aulico lisongeiro, que merecia a pena dos traidores, e prostrado em terra para dar mais valentia ao façanhoso discurso, depois de lhe beijar a maõ pela liberdade de Rei, que mostrava, depois de louvar a colera, com que anathematisava a susjeiçaõ, o desprezo que fazia da obediencia devida a hum vassallo, concluio: Assim deve obrar quem ha de ser Principe Soberano. O fogo da illuminaçaõ, que ardia no espirito do Rei, elle

se

[..]ra vulg. accendeo todo para ver melhor o ponto da lisonja, o alvo a que fazia o tiro, o objecto em que empregava a bala, e voltando para D. Aleixo lhe disse: Mandai-me sellar outro cavallo; porque já houve quem me beijasse a maõ por vos querer ser desobediente. Esta acçaõ verdadeiramente Real, se á D. Aleixo provocou lagrimas de gostosa ternura, nos prezentes imprimio ella a nobre imagem, de que o seu author saberia reinar.

As mesmas especies causou o Memorial composto na tenra idade de hum Principe, que já Senhor dos elementos solidos, que fazem constante a felicidade dos Governos, assim se explicava nelle: Terei a Deos por fim de todas as minhas cousas, e com todas ellas me lembrarei delle. Trabalharei por dilatar a Fé de Christo, para que se convertaõ todos os Infieis. Favorecerei muito as cousas da Igreja. Armarei todo o Reino, fortificallo-hei, e reformarei. Defenderei alfaias, e delicias. Fazer mercê a bons, e castigar máos. Naõ crêr le-

ve-

vemente, mas ouvir sempre ambas as partes. Fazer justiça ao grande, e ao pequeno. Em me deitando, e levantando, conta com elle mui particular. Cuidar á noite no que fiz, e fallei naquelle dia. Tirar as onzenas. Conquistar, e povoar a India, Brazil, Angola, e Mina. Todo o que me fallar deshonestidades castigarei rigorosamente. Quando houver de fazer alguma cousa, communicalla primeiro com Deos. Reformar costumes, começando primeiro por mim, no comer, e vestir. Em negocio ter primeiro conta com o bem commum, e depois com o particular. Tirar alguns tributos, e buscar modo para que Lisboa seja abastada. As leis que fizer, mostrallas primeiro a homens de virtude, e letras, para que me apontem os inconvenientes, que tiverem. Levar os subditos por amor em quanto poder. Ser inteiro aos Grandes, e humano aos pequenos. As Commendas sirvaõ-se em Africa. Devaçar dos Officios da Justiça, e da Fazenda cada anno. Escrever a todos os Pre-

Erá vulg.

Era vulg. lados, que façaõ dizer Missas, e Orações por mim a Deos, para que me guie no acerto do Governo, e pedir Jubileo ao Papa. Naõ ter junto de mim senaõ homens tementes a Deos. Ter nos portos de mar homens de confiança, que vejaõ os que entraõ naõ sejaõ suspeitos na Fé. As cousas que naõ entender bem, communicallas primeiro com quem possa dar parecer desenganado. Naõ dar, nem prometter cousa alguma, que seja injusta, ou mal feita. Mostrar bom rosto, e agasalho a todos. Prover os cargos, e officios em quem for para isso merecedor, e naõ por outros respeitos. Naõ desmaiar nas difficuldades, antes ter maior fé, e confiança em Deos. Mostrar sempre animo mui liberal, e naõ acanhado. Gabar diante da gente os homens Cavalleiros, e mostrar aborrecimento ás cousas prejudiciaes á Republica. Naõ dizer palavras que escandalizem, especialmente quando estiver agastado. Os meus Embaixadores haõ de ir sempre vestidos á Portugueza. Em todas as cousas que fi-

fizer, terei sempre primeiro conta com a honra de Deos. Serei pai dos pobres, e dos que naõ tem quem falle por elles. »

Era vulg.

Estas Maximas capazes de formarem naõ só hum bom Principe, mas hum grande Santo, mostraõ bem quaes eraõ os sentimentos delRei D. Sebastiaõ na sua tenra idade, quando estava só comsigo. Se elle as observára com o mesmo espirito, com que as escreveo, os máos conselhos naõ seriaõ a causa da sua ruina, as lisonjas naõ o levariaõ á desolaçaõ, o zelo da Fé naõ degeneraria em huma especie de fanatismo, elle seria hum Rei completo. Mas tambem naõ houve mister muito tempo para naõ fazer caso dos mesmos documentos, que para si escrevêra. Naõ tardou elle muito em se deixar arrastar de sugestões diabolicas, que o queriaõ apartado da sociedade da Rainha sua avó para ellas serem as dominantes de todas as potencias da sua grande alma. A maquina foi principiada a estabelecer na eleiçaõ do P. Luiz Gonçalves da Cama-

ra

Era vulg. ra para Mestre, depois para Confessor delRei: Confessor, e Mestre, que se unio com o Infante Cardeal para apartar a Real pessoa da companhia, e obediencia da Rainha sua avó com o reprovavel designio daquelle Principe, e os seus adherentes ficarem despoticamente governando o Reino.

Agora rebentou a mina com maior estampido, depois que ElRei sahio da menoridade. Antes que o fizessem esquecer a observancia das Santas maximas, que elle se prescrevêra, e os saudaveis conselhos, que lhe dera o seu grande Aio D. Aleixo: elle tinha determinado assistir por largo tempo em Almeirim, para onde mandára ir a Corte, e os Tribunaes; mas quando menos se pensava, de repente se resolveo a mudança para Lisboa. Os motivos que a causavaõ, estivêraõ por algum tempo incognitos aos genios mais prezados de penetrativos. Os successos os foraõ descobrindo, e mostráraõ com evidencia, que para apartarem ao Monarca da

so-

Era vulg.

sociedade de sua Augusta avó, que com a sua consummada prudencia lhe fazia lembranças proveitosas á conservaçaõ do decóro Real, e das felicidades da Monarquia; o levavaõ a lugares, aonde rara vez se encontrasse com a Rainha. Semelhante temeridade naõ podia deixar de ferir os fundos do coraçaõ desta Senhora, que na verdura dos annos de seu neto o via abandonado a maõs, que estavaõ escorrendo ambiçaõ, e cobiça, apartado das occasiões della o poder municiar com os mesmos documentos inspirados pelo amor, com que o havia creado.

Para conseguirem o abominavel retiro, sugestões lisongeiras persuadiaõ a ElRei, que quem nascêra para mandar, naõ devia obedecer, e que a parte mais principal do decóro da Soberania, se firmavá na sua plena liberdade. Que as sugestões produziraõ no espirito do Principe os desejados effeitos dos sugestores, isso se vio, quando a mesma Rainha lhe propôz em Almeirim, que para Minis-

Era vulg. nha porém, que pela conhecer affectada, naõ cria nella, persuadio a D. Joaõ de Borja, que estava por Embaixador de Castella em Lisboa, quizesse passar a Madrid para representar a seu sobrinho o Rei Filippe os seus temores, como resultas da consideraçaõ de ver no Paço a desuniaõ dos Principes, que podiaõ causar no Estado effeitos em tudo semelhantes.

Conforme com as instrucções, que D. Joaõ de Borja levava da Rainha, pôz na presença do Rei de Hespanha: Que esta Augusta Senhora por ver perturbada a felicidade dos povos de Portugal, e naõ podendo por cartas expôr a Sua Magestade o fundo dos seus ingenuos sentimentos, pedira a elle Embaixador se encarregasse desta commissaõ, e viesse em pessoa informallo do que se passava, para que elle acudisse com o remedio ás desordens executadas, e temidas, antes que ellas se fizessem incuraveis: que pelos avisos precedentes já elle havia estar bastantemente instruido das disposições, em que por entaõ se acha-

cha-

chava ElRei seu neto, que ella considerava disposto para admittir algumas das advertencias saudaveis, que podiaõ ser interessantes ás suas vantagens pessoaes, e ás da Monarquia: que ella estimava por primeira o cazamento delRei, de que o desviavaõ, e em que ella tantas vezes tinha fallado, e pedido a Sua Magestade, que com tanta facilidade o podia effeituar: que tambem era preciso persuadir a ElRei naõ desprezasse os meios para a conservaçaõ da sua saude, ainda que nisto de prezente parecia ter alguma emenda; mas que nenhuma se lhe via em expôr temerario a sua pessoa a perigos de mar, e terra: que estes arrojos a todos trazia assustados pelás consequencias, sem que atégora se lhes houvesse posto o remedio, que convinha á authoridade da sua Dignidade, e Estado:

Que ella com amor de mãi lhe rogava, como a filho, que tanto podia, fizesse com ElRei seu neto adquirisse a benovolencia dos vassallos, que era a cousa de que mais neces-

a vulg. o seu Santo, e veneravel pai sobre negocios de tanto pezo. Como a Sabio, a Politico, a Aulico, e a Santo fallava a Rainha ao Grande Geral dos Jesuitas, com termos bem proprios a cada huma daquellas qualidades, que elle na sua pessoa tinha unidas. Mais que as vozes se explicavaõ na Rainha as sensibilidades da natureza, os sentimentos do espirito, os affectos da alma, o decóro da Soberania, o amor dos vassallos de quem se mostrava mãi, os desejos da gloria do Rei, de quem era Avó. Mas do Rei, e dos vassallos estava decretada a ruina, a assolaçaõ, o estrago. Inuteis foraõ tantas, e taõ efficazes diligencias da Rainha para abrandarem as inflexibilidades de seu neto, para lhe apartar do lado conselheiros malignos: desgostos, que a ella causáraõ a morte; influencias, que ao Rei o priváraõ da vida.

O Infante Cardeal, até entaõ o Simulacro dos mesmos validos, logo, sem demora naõ ficou de melhor partido, que a lastimada Rainha. Martim Gonçalves da Camara, que ao mes-

mesmo Infante Cardeal devia a sua exaltaçaõ, depois que se fez senhor absoluto da vontade do Rei, da sua graça, e da sua presença, removeo este sublime tropeço, que por eminente temeo se levantasse algum dia padrasto, que lhe impedisse a subida aos lados do trono, aonde só elle queria apparecer com semblante de Semi-Principe. Altos juizos de quem tem fechados na maõ os corações dos Reis; que dispôz fosse o favorecido do Cardeal Infante quem o fizesse sentir a mesma qualidade de desgostos, que elle sugerido, e ambicioso causára a sua Augusta Cunhada a sempre memoravel Rainha D. Catharina. Mas para maior infelicidade deste Principe, e de todo o Reino, era tal a sua preoccupaçaõ, que até á morte permaneceo constante em sustentar consternado o mesmo soberbo partido, que o abatia.

Era vul

Esta he a breve idêa, que dou do estado da Corte, e do Reino nos tempos immediatos, e pouco posteriores á sahida delRei D. Sebastiaõ da sua

me-

ira vulg. menoridade. Nós veremos no Tomo seguinte, como elle foi da voracidade da cobiça, da ambiçaõ, da pouca fé dos seus validos victima incomparavelmente mais lastimosa, que a Rainha sua avó; que o Infante Cardeal seu tio. Naõ sendo possivel abrir nelle brecha pelo lado dos vicios; com a bateria dos excessos da virtude, como predissera o seu illuminado Aio D. Aleixo de Menezes, naõ só o rompêraõ; mas o arrombáraõ, a Monarquia naõ só a amolgáraõ; mas a destruiraõ. Como funeraes, que elles desde entaõ já iaõ preparando ao Reino, e ao Rei, todo o desvelo se via empregado no remedio Espiritual das almas, quasi sem se fazer caso do temporal dos corpos. Multiplicavaõ-se Decretos, que no comer, e vestir mostrassem a Portugal sahindo das mantilhas na sua primeira idade. ElRei taõ moço era o exemplar da excessiva parcimonia, da demasiada modestia: os seus vestidos os mais communs, a sua mesa ordinaria; aquelles sem pompa, só

só, para cobrir; esta, sem lisonja do gosto, só para alimentar.

Com pouca differença se observava o mesmo no Reino, que parecia hum enfermo penitente preparando-se para a morte. Martim Gonçalves da Camara, que como valido tudo mandava; seu irmaõ, que como Mestre, e Confessor influia, e ensinava o que queria, faziaõ amontoar leis, que injuriavaõ o trono, donde ellas emanavaõ, pela irrisaõ, com que naturaes, e estrangeiros as recebiaõ. Especialmente sobre os alimentos, e os trajos ellas eraõ taõ severas, que differentes escritores, homens cheios de illuminaçaõ, naõ duvidáraõ pôr na face das Nações: que ellas apenas poderiaõ ser recebidas pelos Estoicos da antiga Esparta: que os seus curiosos compositores declaravaõ pelos nomes proprios ós generos de mantimentos, que os homens haviaõ comer, e os que haviaõ jejuar; as cousas, que se deviaõ comprar, e naõ se poderiaõ vender; os modos de despender, e de guardar ca-

a vulg. qual o seu dinheiro : que todos os generos estrangeiros, fossem elles para o regalo, ou para a necessidade, pela razaõ de estrangeiros foraõ anathematisados : que estas, e outras disposiçõẽs semelhantes, no mundo civilisado se estimáraõ ridiculas, e firmáraõ no seu conceito aos que entendem, que os Ecclesiasticos saõ homens taõ proprios para manejarem os negocios civís, como o saõ os Seculares para tratarem as materias Ecclesiasticas.

CAPITULO IX.

Dá-se huma idêa da figura, em que se achava o Estado da India, quando ElRei D. Sebastiaõ sahio da sua menoridade.

Como nós temos de ver derrotada a felicidade das vantagens Portuguezas na India depois da perda delRei D. Sebastiaõ em Africa, e o principio da sua decadencia a podemos no meio das mesmas estron-

do-

dosas victorias, que se seguiraõ ao Viso-Reinado de D. Antaõ de Noronha, que acabei de escrever: eu vou a prevenir a curiosidade dos meus leitores com esta idêa, em que lhes proponho o semblante do Estado da India no anno de 1568, em que ElRei sahio da sua menoridade. Em todo o discurso desta Historia do ponto do Descobrimento da India no reinado do grande D. Manoel atégora, a serie dos successos nos tem mostrado o estabelecimento do nosso Imperio na Asia com raizes taõ fundas, que se nos figurava naõ poderia haver turbilhaõ taõ violento, que as arrancasse.

Era vulg

Do Cabo de Boa Esperança correndo por todos os mares, golfos, e enseadas daquella parte do Mundo, nós nos viamos senhores das praças mais principaes, que banhaõ as correntes de tantas aguas. Pondo de parte o numero excessivo de Fortalezas, e Cidadelas, que dominavaõ os Portuguezes na Asia, bastava para dar ao seu Imperio humas apparencias de eternidade a posse da Ilha de Goa,

Era vulg. a de Ormuz, de Malaca, de Dio; de Baçaim, de Chaul, de Damaõ, de Chale, de Mangolor, e de Cochim: tudo acquisições conservadas com o respeito de huma torrente de victorias ganhadas pelos bravos Heroes, filhos da disciplina do felicissimo Rei D. Manoel, depois pelos discipulos dos mesmos heroes, novas creaturas da sua doutrina no governo do piedoso Rei D. Joaõ III. Naõ sentio decadencia, nem o Estado, nem o respeito da India na feliz, ainda que breve, Regencia da Rainha D. Catharina, na do Infante Cardeal, até ao tempo delRei D. Sebastiaõ sahir da menoridade, como fica mostrado nas disposições sabias dos Governadores, e Viso-Reis do mesmo Estado depois da morte do dito Rei D. Joaõ III, até ao fim do Viso-Reinado de D. Antaõ de Noronha.

Já se completava o largo transcurso de setenta annos, em que os Portuguezes com tanta gloria, como reputaçaõ, haviaõ adquirido, e conservado o vasto Imperio na Asia. Naquel-

quelle longo espaço a Naçaõ dominante sempre manteve firme a ascendencia sobre os Monarcas mais poderosos da mesma Asia, que desprezando a alliança, a amizade, e o commercio, que ella lhes propunha, a quizéraõ ter por inimiga. Taes foraõ os poderosos Çamorins Reis de Calecut, que deixáraõ nas suas maõs grandes conquistas, e consideraveis victorias: os Çabaios, e Hidalcões, aos quaes arrancou do poder a Ilha de Goa com as Provincias de Bardes, e Salcete: os formidaveis Reis de Cambaia, que abateo com triunfos estrondosos, tirando-lhes do poder a respeitavel praça de Dio, e as mais consideraveis da Provincia do Norte: os Soberanos de Ormuz, que depois de lhe entregarem esta Capital do seu Estado ficáraõ vivendo com ella como seus vassallos, e ella com esta posse deitando hum freio ao poder monstruoso dos Persas, e dos Turcos: os Reis de Malaca, que expulsou desta Corte para os acantonar em Bintaõ, depois em Viantana, quebradas as for-

Era vulg

ças

ra vulg. ças para a restauraçaõ do seu Dominio, e aonde esmaiáraõ sempre as do Achem, que olhava como escandalos da sua fortuna aos Portuguezes de Malaca.

Os mesmos successos experimentáraõ os Monarcas do Malabar, os da Ilha de Ceilaõ, os do Archipelago das Molucas, que pelo mesmo espaço de tempo naõ podéraõ escusar-se de submetter o jugo ás leis da destemida Naçaõ. Nesse espaço era ella a dominante dos mares, que fechava a boca do estreito do Mar Roxo á sahida das armadas dos Turcos, que intentavaõ expulsalla da India: que derrotava no Achem as idêas de superioridade sobre as ondas: que naõ consentia aos Malabares as vantagens do commercio nos seus mesmos portos: que obrigava a apodrecer varadas em terra as numerosas frotas de Calecut; e que fez huma irrisaõ da sua fortuna das armadas formidaveis de Cambaia. Tanta felicidade em mar, e terra se conservou na India respeitavel, como digo, até ao fim

fim do governo do Viso-Rei D. Antaõ de Noronha, que sabendo fazer-se honra em todos os empregos, que servio, se embarcou para Portugal, aonde naõ chegou por morrer na viagem. Era vulg

Para se conservar mais alguns annos o credito, e o respeito da Naçaõ na India, supposto o espirito que já dominava nos homens, e as circunstancias do tempo, D. Antaõ de Noronha, necessitava deixar o seu lugar substituido por hum heroe do tamanho de D. Luiz de Ataide: heroe na India bem conhecido pela pessoa, e pelas façanhas, que nella obrára debaixo das ordens de tres Viso-Reis soldados, que logo o creáraõ grande General: heroe, que entre nomes admiraveis, deo lugar distinto ao seu nos nossos fastos Africanos, e especialmente nos de Alemanha servindo na guerra, que o Imperador Carlos V. fez aos Lutheranos confederados, e em que foi hum dos vigorosos instrumentos da grande victoria, que teve por consequencia o abatimento da he-

Era v.lg resia na prisaõ do Duque de Saxonia, que a fautorisava: heroe em fim de taõ altos pensamentos, que querendo o mesmo Imperador honrallo armando-o Cavalleiro por suas maõs; respondeo magnanimo escusando-se, e dizendo, que essa honra já elle a havia recebido á vista do Monte Sinai pelas de D. Estevaõ da Gama, que tinhaõ de valerosas o que lhes faltava de Reaes.

Quando os tempos principiavaõ a ser calamitosos na India, os Portuguezes olhavaõ a D. Luiz de Ataide como ao Restaurador da Naçaõ neste Estado. No meio de diluvios elle foi o Iris, que serenou as tormentas, reduzido o mesmo Estado a tal situaçaõ, que outro que naõ fosse elle, se abysmaria com o pezo dos negocios, e os Portuguezes sem elle chegariaõ na India ao momento fatal da sua ultima ruina. Era Portugal cabeça muito pequena para conservar vigorosos tantos membros divididos por todas as partes do mundo; para pro-ar ao mesmo tempo tantas Provin-

cias,

cias, tantas praças, tantas fortalezas conquistadas, para acudir com prontidaõ a taõ differentes necessidades como occorriaõ cada dia: tudo acontecimentos, que lhe opprimiaõ as forças, e em si mesmas, como que naturalmente as ia a acabar o seu proprio pezo.

Era vulg.

Já com os annos passados haviaõ espirado naõ só os primeiros Conquistadores da India; mas os grandes Discipulos, que aprendêraõ na sua escola; e a maior parte dos corifeos militares, que existiaõ do tempo do Viso-Rei D. Constantino de Bragança atégora, eraõ nascidos na mesma India. Estes viviaõ pouco unidos com o pequeno numero de homens, que já vinhaõ do Reino; muitos mais a negociar, que a servir; outros pelos interesses de tornaviagem. Os primeiros quasi todos ricos, a sua opulencia os engolfava na mollura, na indolencia, huns idolatras do fausto, e do luxo, que junto á duçura do clima, fazia estes Portuguezes taõ effeminados como os

Era vulg. mesmos Indios, naõ os de agóra; mas os dos seus primeiros tempos na entrada da India. Os de agora era gente de outro calibre, que ao contrario dos Portuguezes, quando ostentavaõ a coragem nas galas, nos perfumes, na pompa; elles fortificados pela concurrencia com muitas Nações bellicosas, animados, instruidos na continuaçaõ das nossas guerras, tirando forças das suas mesmas perdas, se os Portuguezes pareciaõ os Indios primitivos, elles se deixavaõ ver os primitivos Portuguezes.

He verdade, que estes sempre conservavaõ a sua superioridade assentados á sombra das suas victorias passadas; encostados aos apoios de algumas vantagens presentes; ás vezes pouco sabios, e imprudentes entendiaõ lhes bastava dizer com arrogancia *somos Portuguezes* para conservarem firme essa superioridade. Mas daqui resultava, que as nações da Asia ja aguerridas, com os olhos abertos mutuamente se invitavaõ para naõ sof-

soffrerem, e olharem odioso o jugo, que opprimia aos seus amigos, aos seus alliados; para naõ tolerarem, naõ consentirem mais tempo as vinganças extraordinarias, que executavaõ sobre aquelles, que lhes faziaõ alguma resistencia, especialmente quando elles observavaõ, que esta qualidade de inimigos cobardes naõ lhes poderiaõ resistir largo tempo. Com estas, e semelhantes consideraçőes as gentes abatidas faziaõ reviver os espiritos para se encherem de esperanças de recobrarem a amavel liberdade; e para tomarem mais coragem faziaõ dos casos passados pontos para as suas meditaçőes, chamando as experiencias para servirem de estimulos á mesma coragem.

Era vulg.

Elles se propunhaõ para primeira próva dos seus discursos os casos acabados de succeder em Cananor. Ninguem duvida, que elles foraõ a causa do perigo extremo, em que nós temos de ver a India, que deveo a sua salvaçaõ á dexteridade do grande General, que entaõ lhe destinára a

Pro-

Era vulg. Providencia. Odiosa a guerra de Cananor, feudataria dos Portuguezes, ainda que elles conseguiraõ todas as vantagens, como fica dito, as imagens da sua injustiça causáraõ por toda a parte tal horror, que para acudirem ás pequenas potencias opprimidas, os grandes Monarcas do Indostaõ, fazendo a causa commua, elles se alliáraõ todos, dispostos, conformes, juramentados para traçarem o dano dos Portuguezes, até os reduzirem na Asia ao estado da ultima ruina. Este he o grande plano, por onde tem de entrar a narraçaõ da minha Historia no Livro seguinte; mas para ella ficar entaõ mais perceptivel, eu vou a buscar de muito longe a origem desta fatal revoluçaõ, que he a alma da presente idêa.

Todas as Historias nos instruem, como na época da entrada dos Portuguezes na India, ella se deixava ver como pasmada pela formidavel guerra, que se faziaõ os dois potentissimos Reis do Decaõ, e de Narsinga: guerra, que no primeiro destes estados

dos causou desmembrações lastimosas, que entre si dividiraõ os vassallos mais poderosos, depois taõ dominados da mesma ambiçaõ, que os fez usurpadores, que elles largo tempo entre si se combatêraõ, como eu em outra parte deixo escrito: guerra, que veio a ter por ultima consequencia serem formados do dominio do Decaõ os tres grandes Reinos do Hidalcaõ, do Nizamaluco, e do Cotamaluco, que já entre si concordes, determináraõ em outra guerra tomar contas ao Rei de Narsinga da irrupçaõ, que fizéra na Monarquia, de que elles agora eraõ Senhores, entaõ vassallos. Com exercitos monstruosos aparecêraõ na campanha os dois partidos. Dizem, que os tres colligados marcháraõ na testa de 50$000 cavallos, de 300$000 Infantes, com huma quantidade immensa de elefantes, e canhões; e que o Rei de Narsinga, muito vigoroso na idade de noventa e seis annos cobria muito maior numero de gente para ser a sua desgraça mais sensivel, como eu disse.

Era vul

Naõ ha duvida, que o poder, e

o

a vulg. era interessante a reconciliaçaõ com tres Chefes de caracter taõ estimavel. Desde entaõ entrou a perversidade das intenções mutuas a negociar com intrigas o destroço de ambas as partes contratantes debaixo da aparencia vistosa da reuniaõ mais bella. Sendo taõ desigual o partido de tres enganarem a hum, ou de hum enganar a tres; naturalmente ao maior numero se havia inclinar o triunfo.

Ordenára Chinguiscaõ com o segredo necessario, que na solemnidade de humas festas a que elle havia ir assistir na Corte de Amadabá, se désse a morte aos tres amigos. Estes, sempre acautelados, entaõ apertáraõ mais os laços ao cordaõ triple difficultoso de romper, e assentáraõ unidos esperallo no caminho obsequiosos para fazerem nelle a Chinguiscaõ os ultimos officios. Gostoso continuava este a jornada na certeza, de que quando chegasse a Amadabá havia achar a traiçaõ executada, mas antes de avistar a Corte, elle se encontrou com ...aça. As maõs de assasinos a-

ca-

cabou a vida Chinguiscaõ, filho do celebre Coge Çofar, deixando copiosos thesouros nas maõs dos seus contrarios; as suas tropas sem Chefe obrigadas a tomar o partido dos conjurados, que entaõ mais poderosos, cuidáraõ em avançar as idêas. Elles viaõ fluctuar Cambaia sem Soberano, falto de cabeça o Estado, correndo desbocada a ambiçaõ de differentes tyranos, que nas aguas envoltas das dissensões cuidavaõ em pescar diligentes a sua fortuna.

Era vulg

Itimiticaõ mais déstro que todos, aproveitando-se do desgosto, que mostravaõ os animos sinceros por naõ verem sobre o trono de Cambaia hum Principe com o sangue dos seus ultimos Reis: elle teve a resoluçaõ de mostrar á face do mundo hum filho seu, que fizéra crear occultamente, sem que alguem o soubesse, e dallo a conhecer a Cambaia por filho do seu penultimo Rei Sultaõ Mamud. A industria de Itimiticaõ revestio a fabula de todas as apparencias de verdade, e com o nome de Sultaõ Ma-

dre

Era vulg. dre Faxa, appareceo sobre o trono na idade de dez annos, como filho supposto de Sultaõ Mamud, o verdadeiro filho de Itimiticaõ. O rapaz era de figura taõ especiosa, e o ensináraõ a conduzir-se taõ affavel, que parecia estimar o povo o seu mesmo erro. Mas nelle naõ cahio Miraõ, Senhor de hum Estado entre os Reinos de Delli, e de Cambaia, descendente dos seus Sultões por linha direita, que dando a esta supposiçaõ o caracter, que ella merecia, cuidou em arrancar das maõs do intruso o sceptro, que lhe pertencia, como herança de seus pais. Entendeo elle, que alliado com os Portuguezes lograria com mais facilidade o seu projecto, e para ajustar o tratado, negociou com elles em segredo, propondo-lhes a justiça das suas pretenções, e promettendo remunerar os soccorros com grandes vantagens para o Estado da India

Consistiaõ estas vantagens em elle ceder ao mesmo Estado a populosa cidade de Surrate, e outra praça na Costa de Cambaia, que os Portu-

tuguezes quizessem escolher: em fornecer duzentos mil cruzados em dinheiro, e pagos adiantados para o gasto da guerra: em que elles, assim como antes de a romperem, haviaõ ter esta quantia pronta em Damaõ, ao mesmo tempo tomariaõ posse das duas praças cedidas; e em se contentar com hum corpo de 500 homens de tropas Portuguezas mandadas por hum habil Official, as quaes elle pagaria á sua custa. Depois pedia elle huma entrevista com a propria pessoa do Viso-Rei da India para tratarem ambos o negocio, que estava em summo segredo, e ajustarem o modo com que haviaõ obrar de concerto para sorprenderem em Cambaia aos usurpadores, que nada sabiaõ, nem pensavaõ destes seus intentos. Estas offertas de Miraõ eraõ muito vantajosas para os Portuguezes deixarem de as acceitar; e quando elles mesmos em Cambaia se preparavaõ este grande theatro bellico, que para as representações necessitavaõ unidas todas as suas forças; os maiores Monarcas do

Era vulg.

In-

Era vulg. Indostaõ debaixo de hum segredo igualmente profundo, em tratados impenetraveis traçavaõ a sua ultima ruina.

Ora nós somos chegados ao ponto de percebermos a hum golpe de vista todo o plano da minha idêa para a intelligencia dos grandes successos, com que a India tem de chamar as nossas attenções. Quando os Portuguezes assim preparavaõ em Cambaia a grande guerra, que se havia seguir ás negociações com o Rei Miraõ; o Hidalcaõ, e o Nizamaluco, soberbos com as victorias ganhadas, e que ficaõ referidas, entre si ajustavaõ voltar as armas victoriosas contra os mesmos Portuguezes, que elles diziaõ naõ poder soffrer por vingativos, e crueis. Sendo taõ grande o seu poder como a sua vaidade, o nosso taõ limitado no numero dos homens, como temido pelo valor; elles o quizértaõ reforçar com o do Çamorim de Calecut, que convidáraõ para entrar na alliança, que em huma campanha lhe daria os triunfos, que elle, e os seus

pre-

predecessores naõ tinhaõ podido ganhar sobre a Naçaõ altiva na guerra continuada de quasi hum seculo. Ajustada a liga, os tres Monarcas contratantes convencionáraõ entre si as condiçõres, que eraõ as seguintes: Era vulg.

Que elles sustentariaõ com todo o vigor a guerra sem desistirem, até a destruiçaõ total dos Portuguezes: que os tres Reis alliados a fariaõ em pessoa, entrando ao mesmo tempo em campanha com todas as suas forças: que na repartiçaõ das futuras conquistas, o Hidalcaõ ficaria com a Ilha de Goa, Onor, Bracalor, e mais terras visinhas: que Chaul, Damaõ, e Baçaim pertenceriaõ ao Nizamaluco: que o Çamorim recobraria Cananor, Mangalor, Chale, e Cochim: que o Achem seria convidado para ao mesmo tempo conquistar Malaca, e o Graõ Turco para da sua parte fazer huma diversaõ pelo Golfo Persico, e Costa de Cambaia: que se daria principio ás operações; o Çamorim pelo sitio de Chale; o Hidalcaõ pelo de Goa; e o Nizama-

ra vulg.

luco pelo de Chaul : que os Principes alliados tomariaõ cinco annos de tempo para os preparos desta guerra ; que elles teriaõ todo esse espaço occulta nos seus peitos ; mas que depois de declarada, nenhum delles se poderia retirar da liga para fazer com os inimigos communs Tratado á parte.

Dos cinco annos taxados nesta convençaõ, tinhaõ corrido quasi quatro, quando o Viso-Rei D. Antaõ de Noronha acabou o seu governo. A revoluçaõ, que por este tempo podia perturbar a liga, foi a morte do Nizamaluco, que havia concertado com o Hidalcaõ a ruina dos Portuguezes. Antes, e depois da morte do mesmo Nizamaluco outras revoluções causariaõ nova perturbaçaõ á liga, se o seu successor mudasse de sentimentos. Antes da guerra com o Rei de Narsinga, Nizamaluco havia repudiado sua propria mulher, e feito subir ao trono huma baixa Comedianta, de que tinha hum filho, que determinava augurar seu successor. Quanelle houve de marchar para aquella

guer-

guerra, os remorsos da consciencia criminosa o obrigáraõ a fazer hum voto de restabelecer nas devidas honras a sua legitima esposa, se voltasse triunfante do Rei de Narsinga. Como os successos lhe correspondêraõ, o voto foi cumprido; mas a Comedianta detronada tanto se sentio da injuria, que se determinou vingalla a todo o custo, ainda que fosse arrancar o remedio do centro dos mais abominaveis crimes. Ella se valeo do favor de dois irmaõs, que tinha occupados nos maiores empregos da monarquia, e naõ lhe foi difficultoso tirar a vida ao Nizamaluco com veneno propinado á bom tempo.

Era vul-

Com o mesmo favor lhe ficou facil a subida do trono para seu filho, que determinou naõ alterar as disposiçóes precedentes de seu defunto pai. Na idade de desaseis annos, propria para se deixar governar, admittio elle todas as sugestóes para ser inseparavel da liga, e do segredo dos outros Monarcas até rebentar na guerra a mina com o estrago de todos os

Era vulg. Vós acabais de conquistar Reinos potentissimos, e soffreis, que quatro homens ha tantos annos vagamundos, errantes sobre as ondas vos tomem as vossas cidades, dominem vossas terras, rompaõ o vosso commercio, e fechem a navegaçaõ dos devotos peregrinos á santa caza de Meca? Eu vejo estar o nosso Profeta corrido, como envergonhado, justamente colerico contra vós, que mostrais no vosso soffrimento naõ fazer caso da sua lei, desprezar a sua honra, naõ trabalhares pela sua gloria. Elle vos reprehende de covardes, porque com todo o poder, que tendes neste campo, capaz de conquistar o mundo, naõ ides lançar fóra das vossas mesmas cazas estas feras, que sahindo das covas do ultimo Occidente, mais vos aterraõ, naõ sei se rugindo, se devorando as prezas. Em que vos detendes? Como naõ marchais á restituiçaõ da liberdade do santuario de Meca? Os Cacizes de Constantinopla, da Arabia, da Persia me arguem em cartas repetidas do pouco que pos-

Era vulgar

posso com vosco; que naõ vos abalo; que naõ vos movo, ó Reis poderosos, pora cumprires os vossos deveres na expulsaõ destes monstros dos Continentes da Asia. Outra vez vos pergunto, em que vos deteides? Abalai-vos, movei-vos a taõ santo projecto, que álem de teres aos vossos lados empenhados no mesmo designio a todos os Soberanos do Indostaõ; vós vereis movidos, abalados os Reis da Ilha de Çamatra, os de Jaoa, os de Maluco, que tambem gemem opprimidos do mesmo jugo insoportavel, que desejaõ sacudir. Isto supposto, eu vos admoesto da parte do nosso grande Profeta, que sem demora vos punhais em campo, e empregueis os vossos numerosos exercitos nesta empreza, que he de maior honra, e de mais proveito, que esta da conquista de Bisnagá, que taõ facilmente conseguistes sobre o Rei mais poderoso de toda a Asia. Eu vos prometto sensivel, evidente o soccorro, a ajuda, a protecçaõ do Profeta desde o instante, em que tomeis a reso-

lu-

Era vulg. luçaõ de sahir a campo para promoveres a sua honra, o seu culto, a observancia da sua lei.

Depois os mesmos Aulicos, depositarios do inviolavel segredo, fizéraõ saber ao novo Nizamaluco para o empenharem na empreza, e naõ se apartar da liga; como seu pai, e o Hidalcaõ, os Generaes, e Capitães dos seus exercitos, acabando de ouvir a exhortaçaõ pathetica do respeitavel Apostolo do Alcoraõ, movidos á efficacia das suas palavras, tocados das suas justas admoestações, na mesma Mesquita juráraõ logo sobre os livros santos de se conjurarem contra os Portuguezes, de convidarem para a alliança a todos os outros Principes, e que os dominios daquelles, que naõ quizessem entrar nella, os confederados os conquistariaõ, e repartiriaõ entre si. Elles lhe declaráraõ os primeiros passos, que depois do juramento, e da liga deraõ com profundo segredo os dois Monarcas, e foraõ convidar para a mesma liga ao Ça-[illegible]n, que havia marchar sobre Cha-

le;

le; ao Achem, que tinha de sitiar Malaca; aos Regulos da Costa do Canará, que haviaõ investir as fortalezas dos seus districtos; aos Persas para fazerem a guerra pela parte de Ormuz; e aos Turcos para divertirem os Portuguezes no Estreito do Mar Roxo, no Golfo Persico, e pela Costa de Cambaia.

Era vu

Com estas ideas de Religiaõ unidas ás dos interesses foi facil aos Aulicos do novo Nizamaluco fazello entrar com ardor nas mesmas vistas, nos mesmos projectos, nos mesmos sentimentos de seu pai. Elle se firmou no conceito, de que os Portuguezes, insultando sempre a lei de Mafamede, de que se declaravaõ inimigos irreconciliaveis, e crueis, nada omitiaõ para estabelecerem os seus Dogmas sobre a ruina de todas as Religiões da Asia, que decahiaõ ao passo que a sua se exaltava. A razaõ dos homens mais illuminados do Oriente, e talvez que de muitos do Occidente, aonde raiára nos seus primeiros crepusculos a luz da verdade, enten-

dia,

ra vulg. dia, que o zelo dos Portuguezes em materia de Religiaõ algumas vezes aos povos era injurioso, outras agitado pelos sopros da paixaõ. Dos Soberanos o primeiro, que entaõ o quiz assim fazer entender, foi o Hidalcaõ, que dissimulado, e astuto representou em Goa, como elle naõ podia deixar de ter por injusta a violencia, que os Portuguezes faziaõ nos seus portos aos navios dos Mouros, roubando delles os moços, e moças de menor idade para os instruirem forçados na Religiaõ, que elles professavaõ, e que persuadiaõ unica verdadeira.

He verdade que o Hidalcaõ, porque naõ succedesse ser penetrado o segredo dos preparos que faziaõ os Principes da liga, se explicava nestas representações por termos taõ contrahidos, taõ temperados, que a sua moderaçaõ fosse capaz de apagar nos espiritos do Ministerio de Goa todas as suspeitas. Mas como nos grandes negocios ordinariamente he ouvida huma voz vaga, que á maneira de vo-

lan-

lante, corre diante delles, ignorando-se quasi sempre o orgaõ, a origem, o canal, donde ella sahe; o rumor surdo dos designios do Hidalcaõ, e de alguns dos seus alliados entrou a ser ouvido em muitos lugares com estrondo. Soou elle em Goa, e em Chaul primeiro, que nas outras partes, sendo avisados os Commandantes de ambas as praças pelos mercadores, que negociavaõ nas Cortes do Hidalcaõ, e Nizamaluco dos preparativos, que se faziaõ nos Estados com destinos, ainda que occultos, muito para temer. A prudencia pedia cautelas, e no meio das duvidas, Goa se commoveo, e em Chaul o seu Governador Luiz Freire de Andrade cuidou em se preparar para a defensa com tanta diligencia, como se já tivesse em cima de si a guerra.

Era vul

Com a mesma actividade se fortificáraõ Baçaim, e a Ilha de Salcete; mas o Hidalcaõ, e Nizamaluco intentaraõ com dissimulações adormecer os nossos cuidados. Como estes nasciaõ de suspeitas, que naõ tinhaõ

pro-

ra vulg. prova, com especialidade o Hidalcaõ, desejoso de sorprender-nos, por tal modo dissimulava, que as suas intenções naõ as podia penetrar a sua mesma Corte. Para encantar os Portuguezes, álem de lhes representar plausiveis os motivos dos seus aprestos com o fingimento de huma guerra estranha; elle os persuadio da necessidade, que tinha dos seus soccorros para submetter á obediencia hum vassallo poderoso, que no centro dos seus dominios se havia rebellado. Este pretendido rebelde era hum dos seus Generaes mais fieis, que de concerto com elle guardava o segredo, e era nos preparos militares o mais activo. Para enfraquecer a Goa, donde haviaõ sahido varias frotas a destinos differentes, elle persuadio, e rogava ao Governo quizesse mandar o resto das suas forças maritimas guardar a embocadura de hum Rio longe da nossa Ilha, por onde o pretendido rebelde tinha de fazer passagem.

Taõ bem conduzia elle a sua dis- que ao mesmo tempo que em

em Goa se tinhaõ por certos os intentos para ella perniciosos, logo entravaõ as duvidas a substituir o lugar dos temores, porque os avisos dos mesmos vassallos do Hidalcaõ os desmentiaõ. Tumultuosa sentiaõ em si os Portuguezes a agitaçaõ dos cuidados, e os mais prudentes naõ estavaõ sem desconfiança. Elles naõ ouviaõ aviso certo, nem viaõ hostilidade executada, que os obrigasse a tomar resoluções effectivas. No meio destas perplexidades de Goa, principiáraõ a soar nella as vozes das praças do norte animadas na Corte do Nizamaluco, aonde o segredo até entaõ mudo já rompia as cautelas do silencio. Entaõ foraõ ouvidos os nomes dos principaes Monarcas contratantes, e só o seu respeito causou nos espiritos hum tal espanto, que os mais intrepidos naõ podiaõ deixar de conceber as idêas tristes de que era chegado o fatal ponto da ultima ruina dos Portuguezes na India.

Era vulg.

Outros aconselhavaõ, que para melhor nos defendermos, seria neces-

sa-

Era vulg. sario abandonarmos muitas das nossas praças. Elles diziaõ, que a experiencia já mostrava a verdade dos sentimentos do primeiro Viso-Rei D. Francisco de Almeida; que nos queria dominantes só nos mares, ao contrario das idèas de Affonso de Albuquerque, que principiou a fazer-nos poderosos em terra. Elles ponderaõ a evidencia de nos ser prejudicial a multidaõ de praças, e fortalezas, que serviaõ de nos enfraquecer, quando ellas em menor numero, mais bem fortificadas, melhor guarnecidas, nas paragens mais commodas, nós tirariamos mais vantajosos os interesses, teria outro vigor a defensa, e no nosso dominio haveria mais constancia. Elles arbitravaõ remedios ainda prontos, efficazes, e effectivos, que diziaõ consistir em pôr a Goa taõ respeitavel, que reconcentrando em si como capital, alma, e coraçaõ do Estado, os espiritos espalhados, divididos por muitos membros, sendo segura a sua conservaçaõ, quando ella estivesse mais poderosa, tambem seria

cons-

constante a desses membros, quando elles tivessem proporçaõ com a cabeça. Era vulg.

Eis-aqui o estado, em que eu deixo nas duas Idêas acabadas de propôr, preparados os dois grandes theatros do Reino de Portugal, e do estado da India para as extraordinarias, e vistosas Scenas, que nelles tem de ser representadas. Pelo que pertence por ora aos juizos, e pareceres, em que a India andava dividida; ainda que o sabio Governo podesse pensar, que elles tinhaõ muito de verdadeiros, naõ lhe parecêraõ conformes ás circunstancias, e configurações do tempo. Elle discorria, que resoluçaõ taõ estranha, como era abandonar praças em tal conjuntura, ainda as capacidades mais grosseiras o sentenciariaõ por huma injuria da Naçaõ atégora dominante. Depois lembrava, que álem da perda das acquisições, que tanto tinhaõ custado, nos resultaria hum abatimento naõ vulgar pela fereza, que influiria nos Conjurados o effeito de huma determinaçaõ, que da parte dos

Por-

Era vulg. Portuguezes naõ podia deixar de ser enunciativa da sua fraqueza, ou hum testemunho autentico do excesso do seu temor. Resolveo pois a extolencia honrada do capricho Portuguez, que se soccorressem todas as praças ameaçadas; que todas se defendessem; que em toda a parte se peleijasse, e que os successos da guerra se entregassem ás disposiçóes da Providencia de quem era Senhor dos exercitos, Deos das batalhas, Repartidor das victorias.

Ultimamente pelo que he respectivo ao Reino, antes, e depois del-Rei sahir de menoridade, o maior negocio, que lhe levava, e devia levar as attençóes, como negocio o mais importante, de que se seguiaõ outros muitos, era o casamento do mesmo Rei. Nós temos visto o que sobre elle se passou até ao principio do anno, de que fallamos. Agora serve para conclusaõ, do que nestes ultimos Capitulos tenho tratado, dizer: que supposta a indecisaõ do Imperador para o dito casamento se tratar com sua filha a Archiduqueza de Austria; ma-

teria, que pondo de parte se ElRei Filippe II. tantas vezes rogado para o conseguir, se houve com duplicidade, ou sem ella; he certo, que o mesmo Monarca, e sua irmã a Princeza D. Joanna, mãi delRei D. Sebastiaõ, escrevêraõ com efficacia a este Principe, para que procurasse o socego do Reino no estabelecimento da successaõ para elle. Recebidas estas Cartas, os Ministros de Estado resolvêraõ, que visto naõ haver na Europa outra esposa digna delRei, que tudo se dissimulasse, e que o casamento se concluisse com a Princeza Margarida de França.

Era vulg.

Como Martim Gonçalves da Camara, e seu irmaõ o P. Luiz Gonçalves da Camara tinhaõ feito neste assumpto inflexivel a obstinaçaõ delRei: elle, de animo altivo, sugerido por estes Conselheiros, mostrando-se aggravado da duplicidade, que suppunha em ElRei de Castella seu tio, naõ quiz mandar Procuraçaõ, de que resultou declarar-lhe o mesmo Rei de Castella em termos fortes, que elle ti-

Era vulg. nha aos dois Conselheiros por suspeitos nos negocios mais interessantes da sua Corôa. Já o Reino ia conhecendo, que esta opposiçaõ, que ElRei tinha a cazar, sendo hum Principe unico, que ella naõ era regulada pelas razões da politica; mas que parecia disposiçaõ mais alta para designios impenetraveis á consideraçaõ humana. Esperavaõ os Ministros zelosos, fieis, amantes da patria ver o seu conselho posto em pratica, quando se fez publico, que ElRei com resoluçaõ decisiva mandára dizer a seu tio o de Castella, que elle naõ queria casar em França: resoluçaõ, que sendo conhecida por influencia dos Conselheiros privados, e dominantes da vontade delRei, elle concitáraõ contra si a indignaçaõ justa das Cortes de Lisboa, e de Madrid, dos povos de Portugal, e Castella, como mostrará a seu tempo a narraçaõ da Historia, que vai dar hum giro a Africa.

CA-

Era vulg.

CAPITULO X.

Dá-se outra breve idéa do estado de Africa neste tempo, e como se observava pelas disposições del-Rei no mesmo tempo, que nella o esperava a sua ruina.

Do tempo do feliz reinado delRei D. Joaõ I. de gloriosa memoria, e da Época brilhante da conquista de Ceuta atégora, tenho eu escrito os progressos felizes, as expedições gloriosas, as victorias de estrondo, que as armas Portuguezas, mimosas da fortuna, ganháraõ no continente de Africa, e visinha Mauritania. Nós vimos a rapidez das suas conquistas, o vigor com que elles as conservavaõ, as gentilizas, que fizéraõ do tempo daquella Época até ao memoravel sitio de Mazagaõ, aonde a sua coragem fez huma das defensas mais façanhosas, que se tem visto no mundo. Por muitos annos sustentou a nossa

Esta. vulg. Corôa em Africa as mais fortes praças, multidaõ de Aduares, vastos terrenos, numerosos vassallos do paiz, cobrou avaltados, e consideraveis tributos.

Na Historia delRei D. Joaõ III. dissemos, que por occasiaõ do descobrimento da India Oriental, e do Brazil: conquistas, que se entendeo deviaõ preferir no cuidado a todas as outras, por produzirem mais avultados os interesses: aquelle Rei, observando, ou presumindo, que no Reino naõ havia a quantidade de militares necessaria para manter respeitaveis as ditas conquistas, e fornecer as praças de Africa de guarnições competentes para conservarem a reputaçaõ das armas; elle abandonára aos Mouros as de Arzila, Çafim, Azamor, e Alcacere: abandonamento que entaõ dividio os juizos do mundo; huns notando a ElRei de froxo, de imprudente, de mal aconselhado por largar o dominio, que os seus Predecessores haviaõ adquirido com despezas, sangue, e gloria: ou-

tros louvando-o de sabio, de advertido, e de circunspecto em medir a vastidaõ das idêas pelas possibilidades do Estado.

Era vulg.

Servindo-me nesta passagem, e em outras muitas do Tomo, que se ha de seguir, das noticias modernamente dadas ao publico no que he respectivo á Historia delRei D. Sebastiaõ, aonde ellas me parecerem mais conformes, ou mais bem provadas por outros Authores: eu passo a dizer, que entaõ se persuadio ao mesmo Rei, como fizéraõ crer a seu Avô, que elle, por haver largado aos Mouros as praças sobreditas, incorrêra em excommunhaõ, de que o Papa o absolvêra: que elle devia remediar os effeitos deste máo conselho, com que o Rei seu predecessor pizára a ambos os pés o culto de Deos, a gloria das armas, o credito da Naçaõ, restaurando huma perda sempre para Portugal lamentavel.

Dando alto tom a este desacerto delRei D. Joaõ III. os que promoviaõ os seus interesses na face de seu

ne-

Era vulg.

neto; elles foraõ avançando os projectos, no principio notando o Monarca defunto na Real presença, de remisso, de descuidado da guerra, de hum quasi Monge no culto de Deos, naõ advertindo na impossibilidade de concorrerem as causas temporaes para a felicidade dos Principes, que o naõ promoverem. Depois entráraõ a aquecer o espirito do Rei menino com palavras de arrogancia, já trazendo-lhe á memoria os nomes respeitaveis dos Monarcas bellicosos; já os que conquistáraõ grandes Reinos, e ganháraõ famosas victorias; já retratando-lhes a imagem intrepida de D. Affonso Henriques; o coraçaõ magnanimo de D. Joaõ I; a ousadia inimitavel de D. Affonso V; a coragem sem igual de D. Manoel.

Ultimamente debaixo destes principios na abstracçaõ virtuosos, alguns juizos delicados o aconselhavaõ se fosse coroar Imperador á India, aonde á vista da sua Potencia, os Imperios do Turco, do Mogor, do Persa, da China seriaõ como os de Nabuco Im-

perios; mas só sonhados. Como este projecto descobria o horror em si mesmo para enfurecer a naçaõ, empenhados os validos em endurecer hum genio docil, elles mudáraõ de objecto sem perderem de vista os primeiros intentos. Entaõ se sugerio a El-Rei a restauraçaõ de Africa, para quando elle fosse mais homem, principiando a dispollo para naõ o impedirem os rogos dos vassallos fieis, como depois mostrou o effeito no desprezo ás efficazes instancias dos grandes Bispos D. Jeronymo Ozorio, D. Antonio Pinheiro, e ás do General das Galés D. Fernando Alvares de Noronha.

Era vulg

Quando ElRei sahio da Menoridade, o nosso Dominio em Africa estava contrahido ás praças de Ceuta, que depois ficou a Castella, á de Tangere, que cedemos aos Inglezes, á de Mazagaõ, que ha poucos annos vimos entregar aos Mouros sem se defender: ellas tres portas entaõ com largura bastante para os Portuguezes entrarem a avançar as conquistas em

con-

Era vulg. conjuntura, que os barbaros naõ estivessem tanto para temer como na presente. Em todo o discurso desta Historia temos nós visto o modo de se conduzir dos Xerifes, que principiáraõ a apparecer no mundo, com apparente desprezo delle, em figura de Santões, e Pregadores do Alcoraõ, e se fizéraõ Reis de Marrocos: que depois conquistáraõ os Reinos immediatos, e que com tantas usurpações ficáraõ senhores de boa parte da Mauritania. Agora, neste tempo, de que fallamos, era tal o seu poder, que naõ havendo nelle desmembrações, perdas, scismas politicos, e outros acontecimentos, que enfraquecem os estados; era necessario para o atacar poder semelhante, que entaõ naõ havia em Portugal.

Estas imagens verdadeiras eraõ apartadas da vista delRei D. Sebastiaõ, e substituidas pelos retratos das façanhas dos Portuguezes em Africa, aonde lhe diziaõ, que bastava hum para cem Mouros. Já lhe traziaõ á memoria a famosa defensa de Maza-

gaõ,

gaõ, que era hum dos assombros da sua idade: já as maravilhas, que nas passadas obráraõ os Fronteiros de Ceuta, e de Tangere, Çafim, e Azamor: já as gentilezas admiraveis de D. Luiz de Ataide, e de outros Heroes na India. Facil foi, com palavras para attrahir a ElRei, accommodar ao seu genio marcial estas vozes encantadoras na idade, em que saõ gostosas de ouvir as aventuras. Desde entaõ foi, que elle fez parecer, que até se esquecia da mesma natureza. Dominado pelos pensamentos da sugerida conquista de Africa, ElRei revestio o espirito de taes exterioridades de intrepidez, que naõ podia occultar quanto o arrastavaõ idêas caprichosas: idêas de homem feroz, que o levassem aos excessos do valor, ás demazias da coragem, aos arrojos da temeridade, a emprender impossiveis, a despedir-se raio fulminante sobre as mais altas torres, ainda que se desfizesse em fumo; humas idêas, que sendo propostas por homens á maneira de mestres, que se

Era vulg

a vulg. se inculcavaõ amantes do Rei, e do Reino, elles os perdêraõ, elles a ambos arruináraõ.

Duro ElRei com as doutrinas para ter pensamentos de ser de ferro em Africa, ja se notava nelle, que ia traçando aquelle estrago, quando o viaõ esquecer-se das cousas, que a natureza lembra a todos: quando o notavaõ carregado com o pezo da Magestade diante das pessoas prudentes, que naõ lhe approvavaõ os designios: quando se sentiaõ do desabrimento, do retiro, em que se punha dos seus Augustos Avó, e Tio, que com os seus conselhos sabios desejavaõ fazello mudar de intentos: quando viaõ em hum Principe unico, e menino huma audacia desmedida, hum esquecimento da posteridade, que denotavaõ querer acabar em si a memoria de todos os seus; quando viaõ em fim, que elle inconsiderado, ou temerario, intrepido, ou demente buscava voluntario os perigos mais certos, como se estes desatinos fossem huns proemios constantes, de que elle

le mesmo estava compondo o seu ultimo estrago. Que juizo faria quem o tinha desapaixonado, observando que hum Principe aborrecia, quanto os outros homens apetecem? Que a formòsura, apôz a qual todos os olhos correm; á vista dos seus ella ficava corrida. Que fizesse objectos do seu odio a natureza, o thalamo; a ternura; para amar a indocilidade, a bravura, a fereza? Toda esta dissonancia da harmonia dos elementos, com que vive o corpo, eraõ huns arrancos, que lhe dava o espirito, huns symptomas malignos da enfermidade, que davaõ lugar a fazer os prognosticos certos, de que o Rei, e o Reino iaõ a morrer.

Era vulg

Alem disto, quem o via na Patria buscar os perigos para depois naõ se assustar com os de Africa, naõ diria, que ou em Africa prevenia a sepultura, ou que na patria se queria esconder no mauzoleo antes de tempo? Naõ se preoccupariaõ de horror os sabios, que reconhecendo a ElRei por hum Principe justo, viaõ, que

se

se dispunha, como os impios, para naõ contar a metade dos seus dias? Nós naõ podemos deixar de olhar as suas acções por estes tempos, como humas imagens varias do seu precipicio. As vistas, ou presagios, que sempre aos homens fizéraõ horror, a elle nem lhe moviaõ susto. O formidavel cometa, que appareceo antes da jornada de Africa, que todos com credulidade plebeia tivêraõ por annuncio funesto, que devia divertir a resoluçaõ; elle o estimou como voz do Ceo, que naõ dizia cometa, senaõ que acometa. Elle ia fallar com os mortos curioso, como muitas vezes foi visto sobre a sepultura do seu valido D. Alvaro de Castro, e se desta Epopeia lugubre o viaõ sahir choroso, jámais o notáraõ assustado. Elle esperava, que o mar fóra da barra de Lisboa, açoitado dos ventos, levantasse as ondas á regiaõ das nuvens, e entaõ sahia nas galés a combater aquelle elemento como inimigo, fazendo irrisaõ dos que temiaõ, quando estavaõ alagados:

lou-

Era vulg.

loucura, em que se mostravaõ encontrados dois empenhos; o de Deos em livrar ao Rei dos perigos para conservar o Reino; o do Rei em metter-se nelles para o perder.

Elle ordenava ás torres de Belem, e de Giaõ, que naõ deixassem sahir embarcaçaõ alguma sem ser registada, e que naõ o fazendo, a mettessem no fundo. Entaõ esperava a noite, e embarcado em hum brigantim, passeava pelo rio em silencio profundo para se divertir com o zunido das balas, que quiz o mesmo Deos lhe respeitassem a cabeça, e sem romper o silencio voltava para o Paço. Elle, depois de recolhido, se levantava como transportado, e sem mais companhia, que a de D. Alvaro de Menezes seu pagem vinha passear na praia das onze horas até ás duas da madrugada, ou buscando os encontros, ou fazendo delicia dos horrores da noite. Elle se embrenhava nas mais escuras só pelos espessos bosques de Almeirim a despertar os javalis, e em huma destas occasiões, apartado dos

ca-

caçadores, se lançou a hum vulto, que entendeo ser féra, e andando com elle a braços, ao ruido da bulha acudiraõ os monteiros, que o acháraõ lutando com hum negro salvagem de desmarcadas forças, capaz de o haver despedaçado, se providencia particular naõ o guardára. Elle, em fim, com Sancho de Toar embarcava fóra de horas em huma pequena falua; atravessava o Tejo; saltava em terra na margem opposta a Belem; de outro pequeno carraio sahia hum homem, e em passeio pela praia levavaõ ambos duas, e tres horas, sem que jámais se soubesse quem era este homem, nem o que com ElRei fallava.

Com semelhantes resultas das doutrinas dos Mestres addicionadas pelo genio do discipulo, ElRei preparava o animo para a conquista de Africa, dos Reinos dos Xerifes, do Imperio de Constantinopla, de todos os Estados, aonde era dominante o Alcoraõ. Se as doutrinas só aconselhavaõ a recuperaçaõ do perdido no Reinado passado, os adiantamentos projec-

tavaõ naõ deixar no mundo, que conquistar aos Reis futuros. Humas propunhaõ emprezas temerarias, os outros ruinas certas. Para o Reino as prever infalliveis bastava notar o excessivo calor, que para ellas excitavaõ em ElRei as lições estranhas, e o espirito proprio; o aborrecimento a cazar, e as sugestões, para que naõ cazasse.

Era vulg.

Este ponto sempre delicado para a conservaçaõ da Monarquia, sempre frustrado para o seu precipicio, já mais proxima a primeira jornada de Africa, era outro presagio da fatalidade pelos embaraços estranhos, que entaõ o impediraõ. Já ElRei tinha alguns annos passados de poder ser pai, quando, impedidos os dois cazamentos de Austria, e de França, a Rainha D. Catharina, sempre dezejosa de deitar na esposa hum freio ás temeridades delRei, mandou a Hespanha a Pedro de Alcaçova Carneiro a buscar-lhe mulher na pessoa da Infante D. Isabel, filha do Rei Filippe II. Demorava este Monarca a res-

pos-

Era vulg. posta aos mais efficazes Officios, sem que se podessem penetrar os motivos verdadeiros do seu silencio, que descobriraõ activas, e efficazes diligencias. Veio em fim a saber-se, que os mesmos interessados na guerra de Africa haviaõ preoccupado ao Rei Catholico com a falsa noticia, de que D. Sebastiaõ era inhabil para cazar por impotente: desgraça da castidade bem observada, que naõ se quer attribuir a virtude da alma; mas a debilidade da natureza. Como este cazamento podia impedir a jornada de Africa, foi necessario impedir o cazamento, e o modo do impedimento barbaro seja o fecho deste discurso politico.

Preoccupado, como digo, o Rei de Castella da mentirosa noticia mettida nos seus ouvidos pelas vozes dos interesses corruptos; elle mandou a Lisboa D. Christovaõ de Moura, e na sua companhia o habil Medico da sua Camara disfarçado, para o informarem, depois do exame, da pretendida impotencia delRei. Como

a Rainha para a conclusaõ do ajuste havia empenhado os officios do Conde de Portalegre, Embaixador de Castella em Lisboa, tambem este Fidalgo foi consultado na materia pelo Rei seu amo. Conformáraõ-se os informantes nos pareceres, e especialmente o Conde fez saber ao seu Soberano: que Portugal entendia ser a sua irresoluçaõ nascida de estar pouco satisfeito da pessoa delRei, e que esta era a maior difficuldade: que em quanto ao modo, com que este se conduzia em ponto de honestidade, nunca dera prova de si, nem jámais a intentára, naõ sendo as mulheres objecto, nem ainda para as vistas passageiras dos seus olhos: que elle fazia taõ evidente este aborrecimento, que se alguma dama ia dar-lhe de beber, pegava no copo com tal cautéla, que naõ succedesse tocar-lhe em hum dedo; e que jogando canas todo o dia, naõ levantava os olhos para as janellas: que isto naõ obstante, o seu aspecto era de homem saõ, muito forte, sem defeito, ainda que

Era vulg.

Era vulg. diziaõ abrigava muito as pernas por causa de humas frialdades, que nellas padecia; mas que a força neste mesmo lugar, tido por enfermo, era tanta, que soportava os exercicios mais violentos á gineta: que havendo-o seus Mestres feito conceber hum tal horror ao trato com o outro sexo, como se fosse hum peccado de heresia, daqui resultava naõ fazer differença do que era virtude, e gentileza, ao que era culpa, e crime, sem ser necessario, para o modo porque elle se conduzia, appellar para o defeito, que lhe imputavaõ.

Foi publico na Europa, que os empenhados na infeliz jornada de Africa impediraõ a vantagem mais necessaria ao Principe, e á sua Monarquia, qual era hum dos dois casamentos, ou em França, ou em Hespanha. Desgraça foi grande, que hum Rei unico na sua familia chegasse á idade de quasi 25 annos sem casar, quando qualquer Senhor de hum morgado, se he só, anticipa muito antes daquella idade o

seu

seu commodo. Conselhos malignos sepultárão toda a posteridade de hum Soberano, todas as glorias de huma Monarquia, adquiridas por quasi cinco seculos, nas arêas de Africa: verdade constante, que se acha authorisada com a fé de Escritores do mesmo tempo, imparciaes, e illuminados.

Era vulg.

LIVRO LVIII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Historia da India no resto dos annos do Governo delRei D. Sebastiaõ, sendo D. Luiz de Ataide o primeiro Viso-Rei nomeado por elle.

Era vulg. 1568

POr methodo differente do que atégora tenho usado, servindo-me das tres idêas, com que acabei o Livro precedente; em cada huma dellas abro hum theatro para as scenas, que se vaõ a representar nos dez annos, e meio de Governo delRei D. Sebastiaõ, que principiaõ no dia 20 de Janeiro de 1568, em que elle sahio da sua menoridade, até o de 4 de Agosto de 1578, e que elle se perdeo nos campos de Africa. Cada theatro forma-

mará hum Livro : no primeiro se representaráõ seguidos os successos da India nos ditos dez annos : no segundo os do Reino pelo mesmo tempo : no terceiro os de Africa nos seus espaços precisos , todos na ordem Chronologica , em que acontecêraõ , e que seráõ a materia dos referidos tres Livros. Dando pois principio neste primeiro aos da India continuados no anno de 1568 , dizemos, que tres mezes depois delRei D. Sebastiaõ sahir da sua menoridade , como se lhe fosse revelada a grande maquina occulta , que os Reis do Indostaõ traçavaõ para a ruina geral dos Portuguezes no Oriente : elle , superiormente illuminado , nomeou para Viso-Rei , que havia render a D. Antaõ de Noronha , o grande D. Luiz de Ataide , Fidalgo o mais capaz de ir fazer parar o impeto rapido , que tinha de alagar o nosso Estado da India.

Era vulg.

Em annos taõ verdes , depois do acerto desta eleiçaõ , mostrou ElRei o seu caracter , que sempre seria espe-

Era vulg. pecioso se naõ consentisse, que influencias estranhas lhe corrompessem a natural docilidade, na instrucçaõ, que deo ao novo Viso-Rei, escrita da sua maõ, composta por elle só, e com tanta reverencia ao Supremo Objecto de quem elle buscava a gloria, que em quanto a lavrou, esteve de joelhos. Nella lhe dizia em poucas palavras com alto discernimento, e fervoroso zelo: Mostrai muita Christandade: fazei justiça: conquistai o mais que poderes: arrancai dos homens a cobiça: reformai os costumes: exercitai as tropas, e favorecei as que peleijarem: cuidado com a minha Fazenda: para tuda isto vos dou o meu poder: se bem o fizeres, vos farei mercê: se obrares mal, vos castigarei: se vos mandar algumas ordens contrarias a estas, sabei que me enganáraõ, e por isso nada haja, que vos embarace a execuçaõ, do que aqui vos recommendo. Assim concluia o admiravel papel, que feito na idade de quatorze annos, parecia obra do velho Nestor, naõ co-

pia dos desenhos dos sete Sabios da Grecia; mas extracto das Homilias dos seus Santos Padres.

A dez de Setembro deste anno chegou a Goa a novo Viso-Rei, correndo já o quarto da occulta conjuraçaõ ajustada entre o Hidalcaõ, o Nizamaluco, o Çamorim, e o Achem para a total expulsaõ, e ruina dos Portuguezes na India. Os vassallos destes Principes, que naõ a ignoravaõ, sabiaõ tanto esconder o sacramento dos seus Reis, que delle até entaõ nem rumor se ouvia por todo o Indostaõ. Tudo incognito ao Viso-Rei D. Luiz de Ataide, depois que o seu predecessor lhe fez entrega do Governo, cuidou em despedir varias esquadras para os differentes lugares, aonde entendeo mais necessario conservar a reputaçaõ com os interesses do commercio. Para o Norte mandou a Affonso Pereira de Lacerda com huma galé, e seis navios em demanda dos paraos do Malabar, que tinhaõ navegado para aquella Costa, aonde Affonso Pereira gastou o tempo do seu regimen-

to

Era vulg. to sem vantagem digna da lembrança da Historia.

Para o Malabar despachou a Martim Affonso de Miranda com varias galés, e vinte navios, que foraõ correndo a Costa, e provendo nella as nossas fortalezas. Desta expediçaõ tambem se naõ tirou fructo, e nos causou a perda do estimavel Martim Affonso, que atacando huns paraos do Malabar varados em terra, encadeados, e bem defendidos do seu fogo, e do de varias baterias plantadas na praia, huma bala perdida, lhe levou huma perna. Sete dias depois falleceo do golpe em Cochim, aonde estava o Viso-Rei D. Antaõ de Noronha para voltar ao Reino, e o fez sepultar com as honras devidas á sua pessoa, e merecimentos. Porque a armada ficára sem Chefe, e se perdia a campanha do veraõ, que entrava, o mesmo Viso-Rei D. Antaõ conseguio de D. Diogo de Menezes, que entaõ se achava em Cochim, tomasse o commandamento da armada por

ser

serviço do Rei, e credito da sua honra. D. Diogo que sempre correspondêra aos deveres destes dois altos objectos, condescendeo com os rogos do Viso-Rei, desempenhou a sua esperança na gloriosa guerra a fogo, e sangue contra os portos, e paraos do Malabar, que pagáraõ a morte de Martim Affonso de Miranda com estragos sem numero.

Era vulg.

Feito ao Estado da India este ultimo serviço, o Viso-Rei D. Antaõ, benemerito deste cargo pelas suas virtudes, e qualidades, se embarcou para o Reino com muitos Fidalgos, que já cançados da India, vinhaõ buscar o socego da patria. A sua náo arribando com tempo a Moçambique, elle falleceo na altura das Ilhas de Angoxa, ordenando que lhe cortassem o braço direito para ser collocado em Ceuta na sepultura de seu tio D. Nuno Alvares, e que seu corpo o lançassem ao mar, como foi executado. Este Fidalgo era neto do segundo Marquez de Villa Real: naõ deixou successaõ de sua mulher D.

Era vulg. Inez de Castro, filha de D. Manoel Pereira, Conde da Feira. Elle cercou a Ilha de Goa, e foi obra sua o grande muro, que corre de S. Braz para Santiago, aonde levantou hum padraõ com o seu nome para perpetuar a memoria deste estimavel serviço que fizéra ao Estado: obra de tanta importancia, que quando o Viso-Rei D. Luiz de Ataide vio do alto della o disforme poder, que da outra parte tinha o Hidalcaõ para vir sobre Goa, disse cheio de confiança: muro, naõ te fez D. Antaõ, fez-te Santo Antaõ; se tu naõ foras, quaes seriaõ os nossos trabalhos para defendermos a entrada desta Ilha?

Em quanto o espirito incançavel do mesmo Viso-Rei concedia á Rainha de Olala a paz humilde, que elle lhe pedia, como lembrada do castigo, que D. Antaõ de Noronha dera á sua perfidia, e se preparava para os projectos, que haviaõ ser executados na entrada do novo anno de 1569: Joaõ Gago de Andrade, e Mem Lopes Carrasco, que navegavaõ

vaõ para os lugares do seu destino; Era vulg.
succedeo apartarem-se, o primeiro seguindo a derrota das Mulucas, o segundo adiantando-se até avistar a barra do Achem. Na sua embocadura teve elle o encontro formidavel da armada deste Principe, composta de mais de 200 vélas, que elle mandava em pessoa, e com que marchava sobre Malaca para despicar as injurias passadas, sempre no animo vingativo, nunca com as perdas desenganado. Naõ temeo, naõ cuidou o Carrasco em desviar o encontro fugindo, antes se prepara com quarenta homens em hum só navio para ser author de huma das temeridades mais gloriosas, que se viraõ no mundo, e para que os fados o convidavaõ risonhos.

Como a resoluçaõ era de peleijar, e elles sabiaõ, que os Achens a Portuguezes naõ davaõ quartel, animados por hum Franciscano, e hum Jesuita, que levavaõ a bordo, todos na intelligencia de que iaõ dar as vidas pela Fé, se conjuráraõ para morrer ma-

tan-

ra vulg. tando. O Chefe da náo encarregou do governo da artilharia a seu primo Martim Daco : no Castello de proa pôz a seu filho Martim Lopes Carrasco com dez homens : no de popa a Francisco da Costa com outros dez; e elle com os dois Padres e o resto da tripulaçaõ, ficou no convez para ser author, e executor das ordens. Cercou a armada inimiga a nossa náo, que logo ficou submergida em huma nuvem de fumo, atacada por hum diluvio de fogo. Ella lhe correspondeo á proporçaõ com outro diluvio, que achando campo dilatado para a inundaçaõ, naõ perdia golpe, amontoava os destroços, huns vasos iaõ ao fundo, outros se alagavaõ, homens innumeraveis morriaõ. Separou a noite o combate, e podendo os nossos retirar-se, porque os inimigos os deixáraõ, e se recolhêraõ no porto; elles quizéraõ mostrar-se cortezes esperando receber no dia seguinte outra visita. Os Achens mais picados da confiança, apenas elle amanheceo sahiraõ com dobrada furia a buscar

naõ

naõ a batalha; mas a vingança. Era vulg.

Elles se encontráraõ com as montanhas de valor renovado, que superiores á condiçaõ de humanos, cada qual dos Portuguezes parecia hum Jupiter fulminante. Mem Lopes Carrasco desempenhava nos contrarios o appellido, como se o tivera por officio, que sendo infame, agora o sublimava á classe dos illustres. Huma bala o ferio; e chegando aos ouvidos do filho a voz falsa, de que elle era morto, o rapaz respondeo magnanimo: morreo hum homem, aqui estamos nós para lhe vingarmos o sangue. Outra vez cessou o combate com o dia, e se tornou a aquecer no terceiro com igual successo, tenazes os Portuguezes em vencer, ou morrer. Alguns tivêraõ este ultimo destino cobertos de gloria: da náo já se naõ via sobre o mar mais que o casco, sem obras mortas, nem castellos de popa, e proa, quando em seu soccorro na ultima extremidade appareceo o galeaõ de Joaõ Gago de Andrade, que acudia ao estrondo da

bul-

Era vulg. bulha, ou o guiava o numen das batalhas namorado da gentileza dos soldados, que eraõ seus.

Quem ha de crêr, que duzentos navios, com quarenta mettidos a pique, e innumeravel gente morta se retiraõ, fogem de hum só galeaõ, que furioso os ataca, de hum casco nadante, roto, despedaçado, que já quasi naõ resiste? O Rei injuriado entrava pela barra do seu porto blasfemando contra Mafoma, que o fizéra a irrisaõ da fortuna, a zombaria de toda Asia, o escarneo de hum par de individuos da Naçaõ mais infame. Elle se morde, raiva, dá bramidos, elle se despedaça; mas covarde foge: todo colera, todo furia, sem coragem, sem valor, por naõ morrer com honra, sem ella se retira. Joaõ Gago de Andrade com os braços abertos, em acçaõ de pasmado chega a bordo do casco, que fôra náo; avista as imagens do horror, que naõ pareciaõ homens; os fantasmas vivos, ou semi-mortos, que eraõ montanhas de gloria immortal, obeliscos de

e-

eterna honra. Elle quer fallar-lhes, e naõ sabe com que vozes; quer louvallos, e emmudece: quer dar-lhes os braços para os congratular da victoria, e os retira respeitoso, como indignos, e profanos para tocarem as deidades do valor que lhe parecem os Deozes da guerra.

Era vulg. 1

Recobrado do assombro, dos sobreselentes da sua náo preparou a victoriosa destroçada para poder navegar a Malaca. Vendo-a mareada, e capaz de fazer a viagem, Joaõ Gago se adianta para ir dar parte nesta Cidade do maior milagre do valor humano, que acabavaõ de obrar quarenta homens Portuguezes animados com os auxilios divinos. Malaca ao que ouve se põe extactica, e o seu Governador D. Leoníz Pereira, occupado de quantos sentimentos se pódem imaginar illustres, ordena ao mesmo Joaõ Gago parta sem demora a escoltar com segurança o theatro portatil da maior façanha obrada no Oriente, em quanto para receber os authores della se preparaõ

no

Era vulg. no seu coraçaõ os jubilos honrosos, em Malaca os apparatos magnificos. Assim o executou Joaõ Gago, que encontrando o que buscava no Cabo Raxado, com o seu galeaõ na vanguarda o escoltou até Malaca. Quando dos seus muros foraõ vistas navegando náo, e meia se conhecêraõ quem eraõ; e mettida a Cidade em alvoroço, toda ella excedendo-se na pompa, o seu Governador, o Cabido, o Clero, as Nações estrangeiras descêraõ á praia para receberem em abraços de honra, e de inveja as figuras, dos que lhes pareciaõ novos homens, que segundo Deos entendêraõ creados novamente.

Os Padres Franciscano, e Jesuita com as mesmas imagens de J. C. que tivêraõ arvoradas em toda a duraçaõ do combate, foraõ os primeiros que saltáraõ em terra. Depois os soldados, e officiaes na sua ordem cobertos pelo famoso Chefe Mem Lopes Carrasco, que era o objecto principal das admirações, e dos applausos. Nesta forma mettidos no centro das

Com-

Communidades, e de Povo innumeravel foraõ os vencedores levados em triunfo á Igreja Matriz, aonde o estrondo das lagrimas de piedade entoou a acçaõ de graças ao Deos das batalhas. Na de que se fazia memoria, tudo se contemplava milagroso; mas eu naõ sei se entaõ se estimou pelo maior milagre ver a Portuguezes tratados com tanta honra, tantas admirações, tantos applausos entre os seus mesmos Portuguezes. Voando chegáraõ ao Reino os seus echos, e ElRei sem esperar para os despachos mais valias, que as do merecimento, honrou aos bravos homens com mercês, e ao memoravel Mem Lopes Carrasco com o foro de Fidalgo, o Habito de Christo, tenças, e graças com alguma proporçaõ á heroicidade do serviço, que foi causa de Malaca naõ sentir entaõ os effeitos do odio do Achem corrido, e destroçado.

Era vulg.

Já por estes tempos tinha succedido a fatal revoluçaõ do Reino de Cambaia, que fica referida na idêa

Era vulg. da India no Livro antecedente, e o Rei Miraõ, como descendente dos seus Sultões, pretendia succeder nelle, dethronar o filho de Itimiticaõ, que este fazia suppôr filho de Sultaõ Mamud, e para lograr o seu projecto havia sollicitado a alliança dos Portuguezes. No meio da revolta Rostumecaõ, e Agalucaõ, que como fieis a Chinguiscaõ, sustentavaõ por elle as praças de Surrate, e de Baroche, depois da sua morte cada hum delles se apoderou, da que tinha debaixo do seu commandamento com as tropas, que as guarneciaõ. Por outra parte certo Mogor independente, na testa de tres mil homens da sua Naçaõ, trabalhava por se fazer hum Estado no centro de Cambaia, e foi sitiar a Rostumecaõ em Baroche. No seu aperto recorreo elle ao Viso-Rei da India, promettendo se o soccorresse, entregar a praça antes a elle, que aos Mogores. O Viso-Rei mandou Aires Telles de Menezes a este empenho, em que foi taõ feliz, que naõ só obrigou os Mogores a levantar o sitio; mas os pôz

a longa distancia do territorio de Baroche. Era vulg.

Rostumecaõ agradeceo com maõ liberal o serviço, que acabava de receber dos Portuguezes. Para a entrega da praça naõ foi taõ facil a sua condescendencia, antes indocil ás representações, soube dar uso á dilaçaõ; pedio hum anno de tempo para a deliberaçaõ, menos resoluto a se deliberar, que prudente a prevenir naõ perdesse os soccorros, se os Mogores o tornassem a atacar. O Viso-Rei á vista da affectaçaõ dos pretextos para a demora, que tomou pela parte da má fé, da rotura, e falta de observancia da palavra, abandonou a alliança, para que o perjuro viesse a ser a victima da indignaçaõ dos seus contrarios. Assim lhe succedeo no anno futuro, em que os Mogores vendo-o desamparado dos Portuguezes offendidos, o mesmo foi atacallo, que rendello, com perda da praça, e dos thesouros.

Era vulg.
1569

CAPITULO II.

Escrevem-se os successos da India no anno de 1569, e continuaçaõ dos de Cambaia até se declarar a conjuraçaõ dos Monarcas Alliados.

Quando em Cambaia se preparava o theatro para representações varias, o Viso-Rei naõ perdia de vista as da Costa do Malabar, aonde D. Diogo de Menezes depois da morte de Martim Affonso de Miranda sustentava com explendor a gloria da Naçaõ. Elle, e o famoso Malabar Antonio Fernandes, de quem o Estado havia muitos annos recebia assinalados serviços, tinhaõ feito aos piratas huma formidavel guerra com destruiçaõ de muitos Povos, e de innumeraveis paraos. Agora que ambos entráraõ em Goa escoltando huma cáfila numerosa dos navios da China, de Malaca, e de outras partes: o Viso-Rei informado dos movimentos do Çamorim, que

ameaçava Cananor, tornou a mandar Era vulg.
sahir D. Diogo com a armada refor-
çada para invernar em Cochim, e sus-
tentar a guerra, aonde entendesse ne-
cessario. Para castigar os Chatins de
Barcellor, que duvidavaõ pagar os
tributos, despachou elle com dez na-
vios ao Capitaõ môr Pedro da Silva
de Menezes, que já era bem conhe-
cido na Costa do Canará pelas suas
insignes victorias.

Este Fidalgo chegando ao porto
de Sanguisel, navegou rio acima pa-
ra visitar na sua povoaçaõ ao Nai-
que rebelde, que era vassallo do Hi-
dalcaõ, e pedir-lhe contas dos atra-
zados. Elle os pagou com o incendio
de cinco navios, e da mesma povoa-
çaõ, aonde ficáraõ as cinzas para tes-
timunhas, de que ella existira. Co-
mo Barcellor era o objecto principal
da expediçaõ, Pedro da Silva lhe pôz
as proas, e postando a gente em ter-
ra, atacou a fortaleza, aonde achou
200 homens, que a defendêraõ com
bizarria. Depois de mortos 50, e de
60 cativos, elles a rendêraõ com per-
da

Era vulg.

da de todas as suas armas, e despojos, que os Portuguezes embarcáraõ. Antes que elles fizessem o mesmo ás pessoas, as gentes dos contornos se ajuntáraõ, e corrêraõ de tropel a restaurar a perda; mas humilhados na face do nosso valor, com a diminuiçaõ de 250 mortos, e a maior parte do resto feridos, tivêraõ de buscar o caminho, que haviaõ trazido, deixando o campo livre para os nossos se recolherem ás naos sem susto, ricos, e reputados.

O Viso-Rei incançavel, em quanto os movimentos de Cambaia naõ o chamavaõ para novos empenhos pela alliança com Miraõ, depois de mandar reforçar Malaca, a armada do Malabar, e outros portos de consideraçaõ; elle ordenou ao façanhoso D. Paulo de Lima, que com huma galé, e seis navios se fosse incorporar com as forças, que em Baçaim tinha o seu Governador Martim Affonso de Mello, para que ambos unidos com Jorge de Moura castigassem no Rei de Cole o atrevimento

de

de infestar o territorio da mesma praça. Juntos 800 homens, algumas tropas de cavallos, e a peonagem da terra, os tres Chefes dispuzérão a marcha, em que D. Paulo levava a vanguarda com 400 soldados da sua frota: Martim Affonso o corpo da batalha com 200: Jorge de Moura a retaguarda com igual numero; a cavallaria, e gente da terra cobria os lados. Na aldêa de Paleterião esperavão por esta visita os Principes de Cole, e de Carseta na testa de 400 cavallos, e de 2000 Infantes, em que entravão muitos Mogores, e Dalariz, gente reputada de valor naquelles contornos.

Era vul

D. Paulo de Lima bem costumado a não fazer caso do medo, como ia mais avançado, apenas avistou os inimigos se lançou a elles com hum dos seus impetos ordinarios. Quando os outros corpos chegárão ao campo da batalha já os barbaros perdião terreno, agora apressárão a fugida. Para que a victoria não deixasse de nos custar sangue, no mesmo impulso da retirada cahirão os inimigos

Era vulg. sobre o Capitaõ Manoel Ferreira de Figueiredo, que com poucos homens ficára muito atrazado, e todos passáraõ á espada. Os nossos senhores do campo, marcháraõ á cidade de Darila, que reduziraõ a cinzas depois depois de naõ deixarem nella algum vivente. O mesmo serviço fizéraõ a outra Cidade chamada Varem: dois destroços taõ sensiveis a todo o Cole, que os seus moradores para de alguguma sorte os despicarem, se embrenhavaõ nas matas junto aos desfiladeiros para nos ferirem a gente na retirada. Tudo prevenio a intelligencia dos Cabos, que se recolhêraõ a Baçaim seguros, vencedores, e ricos.

Naõ tendo mais que fazer nas partes do Norte, D. Paulo se embarcou para voltar a Goa: mas como a fortuna se mostrava sollicita em offerecer occasiões a este grande homem para se fazer glorioso: viudo na altura de Carapataõ se lhe apresentou na frente huma esquadra de dez paraos, que tivêraõ a confiança de o investir, talvez ignorando a quem buscavaõ. Foi

a batalha taõ disputada, que dois navios de D. Paulo se lhe escoáraõ receosos do ultimo estrago, que temiaõ. Sem se embaraçar com esta covardia, o Chefe magnanimo, que tudo fiava do seu volor, aqueceo de modo o combate, que rendeo dois paraos, destroçou, e pôz os mais em fugida. O Viso-Rei que o esperava para se congratular com elle de triunfos amontoados, quando o levava nos braços lhe disse: Senhor D. Paulo ganhais victorias a pares, e naõ temeis, que vos dem veneno? Alto louvor da virtude, ao mesmo tempo reprehensaõ dura aos guapos presumidos, que estavaõ presentes, e haviaõ desamparado ao seu Chefe no maior ardor da batalha.

Era vulg

O destroço que os Mogores fizéraõ sobre Rostumecaõ em Baroche, naõ perturbou a tranquillidade de Agulacaõ em Surrate. O contrario presumia o Viso-Rei, que se capacitou, de que elle determinava ir segurar-se em Meca: supposiçaõ, que teve por mais certa, qnando soube, que elle

car-

Era vulg. carregava duas grandes náos de muitas riquezas com o designio da viagem á referida Cidade. Como o Viso-Rei se mostrava sentido de Agulacaõ por haver fornecido ao Achem de muita artilharia, ordenou o D. Pedro de Almeida, que estivesse sobre as suas guardas, sempre attento, e vigilante, para que as duas náos de Meca naõ lhe escapassem. Elle cumprio as ordens com exacçaõ, e o Estado se vio senhor de huma preza, em que álem da importancia das duas grandes náos, se achou pelo mais baixo preço dos generos acima do valor de cem mil cruzados: preza na configuraçaõ do tempo bem importante; mas que foi causa de se embrulharem Agalucaõ e o Estado. Por esta causa devia temer Damaõ a visinhança de Surrate, e o Viso-Rei naõ se pôde escusar de despedir para o Golfo de Cambaia com huma frota a Nuno Velho Pereira, que pôz o porto de Surrate no mais apertado bloqueio.

Agulacaõ roto o commercio, teve de recorrer a Calecut, que naõ obstante a dura guerra, que no Ma-

la-

labar lhe fazia D. Diogo de Menezes, o Çamorim o mandou soccorrer com huma esquadra de 20 vélas, que incorporadas com as de Agalucaõ, obrigáraõ o Viso-Rei ordenar a Nuno Velho se recolhesse a Damaõ. Proveitosa foi a sua vinda a esta praça aonde Alvaro Pires de Tavora, que havia succedido no seu governo a D. Pedro de Almeida, naõ podia soffrer a má visinhança, que lhe fazia a fortaleza de Parnel situada a tres legoas de distancia. Hum official rebelde dos Mogores a possuia com guarniçaõ numerosa, que Nuno Velho teve ordem de ir atacar para a demolir, e tirar da face de Damaõ este padrasto. Elle encontrou a resistencia taõ dura, que oito dias bateo os muros; mas estando nos termos a brecha de se montar o assalto, os Mogores naõ quizéraõ esperallo, huma noite abandonáraõ a fortaleza, e ella foi posta por terra.

Era vulg

Estas, e outras muitas operações mandadas executar pelo Viso-Rei em differentes, já enchiaõ de admiraçaõ

aos

ra vulg. aos homens, que notando a decadencia das vantagens da India, a diminuiçaõ das suas rendas, o espirito remisso dos homens, o viaõ cumprir taõ exactamente com as funções do seu ministerio, que cobrindo o mar de navios, elle como que fazia resuscitar a primitiva gloria dos Portuguezes no Indostaõ, desde as gargantas do Mar Roxo até a Peninsula do Ganges. Causava assombro, álem de muitos navios soltos, ver tres frotas numerosas, e bem esquipadas, independentes da grande armada, que o Viso-Rei fazia prestes para com ella obrar em pessoa no soccorro promettido ao Rei Miraõ, como logo veremos. Mas em quanto esta expediçaõ se naõ executa, e os Reis da grande liga naõ correm o veo ao segredo mysterioso guardado cinco annos, vamos a ouvir os successos de Gonçalo Pereira Marramaque depois da morte do Rei Aeiro no Archipelago das Molucas, aonde o deixámos triunfante.

Depois da victoria ganhada sobre

os

os Itos em Amboino, e fundada a fortaleza, que se encarregou a D. Duarte de Menezes; passando Gonçalo Pereira para a bahia da Cova na mesma Ilha, foi avisado, de que o novo Rei de Ternate Sultaõ Babu mandava huma grossa armada para tomar sobre elle satisfaçaõ da injusta morte de seu pai Aeiro. Elle se veio engrossando mais pelas outras Ilhas escandalisadas, aterrando por todo o Archipelago com ameaças aos professores do Christianismo. D. Duarte naõ se atreveo a esperar na fortaleza tantos inimigos sem soccorros, que foi em pessoa pedir a Gonçalo Pereira duvidoso de os dar, mais por temor de se lhe sublevarem na Ilha os Itos submettidos, que das forças dos Ternatezes escandalizados. Estes apparecêraõ no outro dia á vista da fortaleza, que com poucos homens ficára entregue a Balthasar de Sousa, em quanto D. Duarte conduzia da Cova os soccorros. Postados em terra naõ perdêraõ tempo, huns em assaltar os paliçadas a peito descober-

Erá vul

to,

Era vulg. to , outros com hum Caciz na sua frente a darem fogo a huma galeota , que ainda se conservava no estaleiro.

Balthasar de Sousa sahio das trincheiras a impedir esta segunda manobra ; mas foi taõ desgraçado , que o Caciz de hum golpe lhe levou a cabeça. O celebre Bathasar Vieira , depois chamado o Ternate , que estava sobre o muro , vendo a infelicidade do seu commandante metteo a espingarda á cara , e deo com o Caciz morto em terra : perda aos contrarios taõ sensivel por ser elle tio do Rei Aeiro , e de seu irmaõ Calatineo, Chefe da armada , que junta ella aos destroços , que nelles fazia a artilharia , por entaõ suspendêraõ o ataque. Mais picados porem com o estimulo novo , elles se embarcáraõ , e foraõ investir duas fustas , que tinhaõ a bordo dezaseis Portuguezes , homens taõ alentados , que todos vendêraõ as vidas a troco de muitas mortes. Gonçalo Pereira sentido desta fatalidade de taõ bons camaradas , veio

lo

logo para a fortaleza esperar os Ternatezes, e fez lançar ao mar a galeota a que elles quizérað pôr fogo; pronto para sustentar a guerra na superficie de ambos os elementos.

Eta vulg.

Sobre o da agua em poucos vasos sahio Gonçalo Pereira a esperar a armada inimiga, que appareceo no outro dia. A batalha em taõ grande desproporçaõ se podia chamar illustre, e gentil, se Gonçalo Pereira naõ estivesse costumado a ganhallas com desigualdades semelhantes. Nella obráraõ os Portuguezes milagres de valor espantosos. Tres corocoras tamanhas como galés, e a maior força da armada, abriraõ rendidas a primeira porta ao triunfo. Em huma dellas atravessou Lourenço Furtado pelos peitos ao General inimigo, e com a sua morte esfriou o combate. O nosso mandando, e investindo já este, já aquelle vaso, póde-se dizer, que elle só brigava com toda a armada, superior a si mesmo este grande homem. Desamparados da sua coragem os Ternatezes, mudáraõ em fugida vergonhosa

a

Era vulg. a vingança ameaçada; mas o Marramaque, ainda que teve por acabada a guerra em Amboino; que despedio para Malaca as náos, que lhe vieraõ de soccorro, e que foi para a fortaleza de Ito descançar á sombra do triunfo: elle seriamente pensava, e já sentia, que a morte barbara do Rei Aeiro tinha de causar aos Portuguezes de Ternate os ultimos trabalhos.

Bem o experimentáraõ elles no apertado bloqueio, que immediatamente pôz á fortaleza seu filho o novo Rei Babu, reduzindo-os á extremidade mais triste da fome, e da miseria. Naõ satisfeito com esta guerra lenta, como os Reis do Archipelago, antes nossos alliados, depois daquella morte nos olhavaõ monstros de injustiça, foi facil a Babu trazer á sua devoçaõ ao Rei de Tidoré, e esperar com maiores forças levar-nos todas as gargantas de hum golpe. Ainda naõ estava decretada a total; mas a metade da nossa ruina em Ternate no formidavel, e rapentino assalto, que Babu com as suas tropas, e as dos

dos Reis amigos deo á fortaleza guarnecida de homens famintos, afflictos, lastimosos objectos, na verdade huns semi-cadaveres. Determinou o Rei este avance antes que chegasse o Marramaque, que lho impedisse; e elle com tanto desembaraço o acommetteo, que no primeiro repellaõ nos degollou vinte homens. Os mais tirando forças da extrema fraqueza, animados por dois homens valentes, que eraõ hum Luiz da Mó, e Balthasar Vieira o celebre, que nesta occasiaõ ganhou pelo seu valor extraordinario o appellido de Ternate para toda a vida: elles fizéraõ huma defensa taõ superior á esperança, que com estrago aos inimigos sensivel, tivêraõ de desistir do empenho. Foi o Ternate instrumento principal da victoria, elle o que fez esmaiar os inimigos; porque com outro tiro taõ certo como aquelle, com que em Amboino derrubára ao Caciz, agora matou ao General de Tidoré, que era toda a alma do exercito.

Era vulg

Já por este tempo o Viso-Rei da

Era vulg. rem a mim, ahi vaõ vosses: desembaraço militar para todos taõ honroso, que o Viso-Rei, depois de o celebrar, o estimou.

A cidade, e fortaleza de Barcellor formavaõ huma especie de Republica tributaria ao Rajú. Ellas estavaõ situadas hum quarto de legoa pelo rio acima, aonde foraõ todas as embarcações ligeiras com as tropas de desembarque, desprezando aquelles diluvios de fogo. A Henrique de Betancor custou a vida o ser primeiro, que pôz os pés em terra. Pedro da Silva de Menezes, que já sabia por onde andava, em forçar as trincheiras com melhor successo, tambem foi o primeiro. Luiz de Mello da Silva com o seu ardor ordinario marchou sobre a fortaleza sem fazer especie do chuveiro de balas, e a levou de hum golpe de maõ. Veio Cesar a Barcellor, vio, e venceo. Os Reis de Tolar, e de Cambolim em huma noite escura quizéraõ sorprender hum forte, aonde estava Pedro Lopes Rebello com 200 homens; mas elle os

il-

illuminou de sorte com a artilharia, e fogos de artificio, que se retiráraõ com a vista tremula, só perspicaz em pedirem a paz humildes. O Viso-Rei se demorou o tempo necessario para deixar a fortaleza respeitavel ás ordens de Antonio Botelho com 300 homens de guarniçaõ, e voltou para Goa a esperar os avisos de Cambaia.

Era vul

Crescia a sua impaciencia ao passo que os avisos tardavaõ, até que ultimamente se soube: que o Rei Miraõ duvidoso de emprender a conquista de Cambaia, sem estar sabedor das intenções da Corte de Delli, teve por necessario casar hum de seus irmaõs com a filha do Rei dos Mogores: que este ingrato irmaõ, depois de favorecido, intentou com o favor do sogro pôr na sua cabeça a Corôa, que era herança da primogenitura de Miraõ: que este Principe advertido de projecto taõ pernicioso, se vio obrigado a empregar as forças na defensa dos seus Estados se fossem invadidos, naõ succedesse perder o certo pela acquisiçaõ do con-

tin-

ra vulg.

tingente. Esta noticia foi sensivel ao Viso-Rei, que via abortar hum designio, que obrigára a fazer taõ consideravel despeza. Como ficavaõ inuteis em Goa tantas forças, elle dividio a armada em differentes esquadras para varias paragens, e reforçou as guarnições de Onor, e Barcellor, que trazendo continuamente saudosos aos seus donos, lhes faziaõ visitas repetidas. Mas se assim emmudecêraõ as vozes de Cambaia, o echo publico da conjuraçaõ dos Soberanos do Indostaõ para abysmarem aos Portuguezes na India já nos fere os ouvidos, e chama todas as attenções da Historia.

CAPITULO III.

Trata-se a guerra espantosa, que os Reis conjurados fizéraõ pelo mesmo tempo aos Portuguezes na India.

Já os Monarcas alliados para expulsarem, confundirem, abysmarem os

Por-

Portuguezes da India moviaõ os primeiros estrondosos passos, e Goa cria, e duvidava o mesmo, que estava vendo: porque cria, tomava susto: porque duvidava, naõ temia: o credito a advertia para unir as forças; a duvida a animava para divertillas. Nesta perplexidade prevaleceo a duvida para ser causa da divisaõ, que depois mostráraõ os effeitos haver sido obra da imprescrutavel Providencia, que guardava no seu seio aos Portuguezes espalhados pela vasta extensaõ do Oriente. Recolhido áquella Capital do Estado o Viso-Rei, já livre do empenho de Cambaia, ouvindo as vozes do que entre si contratáraõ o Hidalcaõ, o Nizamaluco, o Çamorim, o Achem, toda a Asia contra elle só: porque duvida, ou porque he magnanimo, elle manda para Malaca a Luiz de Mello da Silva com huma armada de cinco galeões, cinco fustas, huma galé, e huma galeota, em que embarcáraõ o novo Governador D. Francisco da Costa, D. Pedro de Menezes, D. Nuno da Cunha, Diogo da

Era vi

A-

ra vulg. Azambuja, o memoravel Mem Lopes Carrasco, Sebastiaõ de Rezende, com outros Fidalgos, e luzidas tropas.

Despachou com soccorros para Ceilaõ, e Columbo ao seu Governador Diogo de Mello Coutinho: para governar, e prover a praça de Dio a Aires Telles de Menezes: para Adem a Gil de Goes com tres galeões, e a Pedro Lopes Rebello com duas fustas. Como ao mesmo tempo chegáraõ as náos do Reino commandadas por Jorge de Mendoça, mandou reforçar a D. Diogo de Menezes, que partio para o Malabar, com huma esquadra de tres galés, e dezasete navios, de que faremos mençaõ a seu tempo. Assim andavaõ espalhadas pelo Oriente as forças Portuguezas, quando as novas vindas de Chaul, mais que os movimentos do Hidalcaõ taõ visinhos a Goa, fizéraõ nella duas commoções bem differentes. O Viso-Rei, o grande D. Luiz de Ataide, as ouvio com aquella especie de temor, que he filho da prudencia; mas sem a perturbaçaõ, que nasce da pusillani-

Era vulg.

nimidade. O seu Conselho ficou atonito com a grandeza do objecto; pôz-se como pasmado na consideraçaõ de tantos, e taõ grandes Potentados unidos para a ruina de taõ pequena Potencia como era a dos Portuguezes na India.

Já eu disse na idêa, que lhe respeita, como foi rejeitada a proposta de abandonarmos algumas praças para melhor sustentarmos outras, e determinado, que se defendessem todas. Tal era antes da deliberaçaõ do Conselho o sentimento do Viso-Rei, que com as noticias do sitio, que temia Chaul, já trazia no pensamento encarregar aquella guerra com todos os seus poderes a D. Francisco Mascarenhas. Elle o executou com effeito quando se teve por certo o rompimento, partindo D. Francisco para Chaul com tres galés, e dez navios, em que embarcáraõ 600 homens, entre outros Fidalgos voluntarios Ruy Gonçalves da Camara, D. Gonçalo de Menezes, D. Fernaõ Telles, D. Rodrigo de Sousa, Pedro da Silva de

Me-

Era vulg. Menezes, e por Capitães da armada Fernaõ Telles, D. Henrique de Menezes, D. Duarte de Lima nas galés, e nos navios Henrique de Betancor, Jorge da Silva Pereira, Diogo Soares de Albergaria, Christovaõ de Bobadilha, Manoel Pereira, Joaõ de Mendoça, Francisco de Tovar, D. Nuno Alvares Pereira, Nuno Velho Pereira, e Gaspar Velho: estes os bravos Officiaes, que com os mais que estavaõ em Chaul vaõ ser authores de huma façanha, que ha de occupar a memoria das idades.

Levava D. Francisco provisões de General do mar, pleno poder sobre todas as praças do Norte, na guerra, e na Fazenda; e na retaguarda da sua frota o foraõ seguindo muitos navios de voluntarios carregados de munições de guerra, e boca, tudo necessario em occasiões semelhantes. Elle achou certas em Chaul as noticias do rompimento, e encontrou occupado ao seu Governador Luiz Freire de Andrade em se preparar para a defensa com a actividade, e brios dos

seus

seus appellidos. Entendeo o General, que era da sua obrigaçaõ reforçar Baçaim, e segurar a Ilha de Salcete, para onde partio na mesma armada. Nestas partes foi a sua diligencia muita, mas a demora mui pouca; porque logo teve aviso de Luiz Freire, como a pequena distancia de Chaul se achava a vanguarda do exercito inimigo composta de 8$000 cavallos, e 20$000 Infantes ás ordens do Abexim Fratecaõ, que havendo assistido nos dois sitios, que defendêraõ em Dio Antonio da Silveira, e D. Joaõ Mascarenhas, sabia com que qualidade de homens vinha a bater-se em Chaul.

Era vul

A grande alma de D. Luiz de Ataide naõ estava ociosa em Goa, quando eraõ taõ activos os movimentos do Hidalcaõ, que a havia atacar ao mesmo tempo que o Nizamaluco o fizesse a Chaul. Elle se applicou a fortificar os nove passos da entrada para a Ilha especialmente o de Benastarim, aonde fez Quartel General, e na sua companhia o velho, valente, e

ex-

Era vulg. experimentado Official Fernaõ de Sousa de Castellobranco para o ajudar com as maõs, e o conselho. Todos os mais passos foraõ encarregados a homens de honra, cada hum delles com bem pouca gente, que depois se engrossou, e se postáraõ pelos rios varios generos de embarcações, quando chegáraõ mil soldados das armadas de D. Diogo de Menezes, e de Luiz de Mello da Silva, de que logo fallaremos. Ao valeroso D. Paulo de Lima com cem soldados, e alguns paizanos foi encarregada a defensa das terras de Salcete, com ordem de assistir na sua fronteira, e fortaleza de Rachol, aonde estavaõ Damiaõ de Sousa Falcaõ, e Diogo Barradas com huma companhia de Portuguezes. Quando o Viso-Rei fazia estas disposições reconheceo por obra de Santo Antaõ o muro de divisaõ, que mandára levantar o seu antecessor D. Antaõ de Noronha.

Ora antes que nos engolfemos no labyrinto de successos, para que nos está convidando esta formidavel, e

espantosa guerra, vejamos em muitas acções a magnanimidade do Viso-Rei, como se o seu espirito intrepido naõ se embaraçasse com ella. Foi-lhe proposto, que naquelle anno naõ despedisse as náos para o Reino, e se servisse de tantos homens, artilharia, munições, e viveres que nellas se haviaõ embarcar, allegando-lhe o exemplo do Viso-Rei D. Garcia de Noronha na occasiaõ do primeiro cerco de Dio, e offerecendo-se a assistir-lhe o mesmo Commandante dellas Jorge de Mendoça, e todos os seus Officiaes. Elle a tudo se fez desentendido, e com as suas cargas respectivas despedio as náos na forma do costume. Para Ormuz despachou hum galeaõ do Estado, e com assombro das gentes deixou ir para a mesma Cidade doze navios de mercadores importantissimos. Para Moçambique mandou dois galeões com cavallos de soccorro a seu cunhado Francisco Barreto, que havia marchar á conquista do Monomotapa. Para soccorrer a Gonçalo Pereira Marramaque, supposto o gran-

Era vulg.

ra vulg. grande aperto em que estava a fortaleza de Ternate, despedio a Joaõ da Fonseca com hum galeaõ bem fornecido. Informado de que no porto de Dabul tinha o Hidalcaõ duas náos á carga para Meca, ordenou a D. Fernando de Vasconcellos as fosse queimar no mesmo porto, o que elle fez com tanta confiança como fortuna.

Em quanto á providencia das munições de boca, o Viso-Rei naõ só fez ajuntar em Goa huma prodigiosa quantidade de mantimentos; mas para contemporisar com a voz commua, que tinha por infallivel a vinda da armada dos Turcos, como partes contratantes na liga; elle fez encher dois grandes armazens de reserva unicamente para fazer face ás necessidades extraordinarias. Conforme as suas idêas, e segundo os avisos, que tinha de Alepo, de Jerusalem, e do Cairo, o Viso-Rei naõ cria na vinda dos Turcos á India, fosse por haver retirado o Sultaõ a maior parte das suas tropas da Arabia, e da Persia, fosse por estar tudo em tranquillidade da parte

do

do mar Roxo; fosse porque elle estava occupado em conquistar aos Venezianos a Ilha de Chipre: tudo circunstancias, que davaõ lugar a presumir, que se elle entrava na liga, era por huma politica refinada para entreter os Portuguezes, e suspender-lhes o projecto das conquistas, entaõ bem faceis, de Adem, e Baçorá. Nestes discursos se enganava o Grande D. Luiz; porque o Graõ Senhor no porto de Suez tinha mandado armar 25 galés, 15 destinadas a favor do Hidalcaõ, e 10 para soccorrer os designios do Achem. Nos devemos á gloriosa victoria de Lepanto, que D. Joaõ de Austria ganhou sobre os Turcos, termos na India estes inimigos menos, sendo o seu grande estrago a causa de Solimaõ puchar para a Europa as guarnições da armada de Suez.

Era vulg.

Chegou em fim a conjuntura do Hidalcaõ querer dár principio á execuçaõ dos seus intentos; mas tomando em muito máo agouro para as imaginadas vantagens a perda das duas náos de Meca, e de outros navios,

que

Era vulg.

que D. Fernando de Vasconcellos acabava de lhe queimar. Elle os propôz em hum grande Conselho, reduzidos ás poucas palavras: de que se via necessitado a destruir a Naçaõ soberba, que conduzia a sua dominaçaõ altiva ao intoleravel imperio de tyranisar as almas, e de forçar as consciencias. Todos os Capitães moços, e inexpertos lhe approváraõ a justiça da causa, promettendo certezas da victoria. Pelo contrario Norichaõ, velho, e experimentado Official, em hum discurso longo, vivo, e pathetico lhe reprovou os designios, lhe fez temiveis os encontros, lhe representou duvidosos os triunfos, ou elle advertisse na injustiça, e sem-razaõ, com que rompia a guerra, ou reparasse na Naçaõ bellicosa, e invencivel, que ia a combater. O Hidalcaõ o ouvio sem se formalisar, e porque naõ mudou de sentimentos, fez que o naõ ouvia. Outro tanto succedeo ao Nizamaluco com os seus conselheiros, entre os quaes só houve hum Fratecaõ, que lhe fallasse verdade naõ attendida, como Norichaõ a seu amo.

O-

O aspecto horrivel de guerra taõ espantosa já tida por infallivel, se metteo em inquietaçaõ o espirito do Viso-Rei, naõ lhe perturbou a intrepidez. Se lhe compete a semelhança, que lhe daõ alguns dos nossos Escritores, nós o podemos contemplar Noe na segurança da Arca no meio da tempestade do Diluvio. Agora entrou elle a fazer effectivas as disposições, que atéqui pareciaõ vagas. Valor, e prudencia unidos serviaõ de directores aos seus passos: postados em todos os da Ilha, como já disse, os bravos homens, que haviaõ defendellos, pelos rios muitas embarcações para offender os contrarios: o Viso-Rei se passou para o vão seco, que era o mais arriscado, e importante, logo que soube que a vanguarda do Hidalcaõ era chegada a Pondá. No dia 28 de Dezembro appareceo Norichaõ no passo de Benastarim, aonde fez armar as tendas do Hidalcaõ, que o elegêra para seu Quartel General. Este Principe se deteve oito dias no alto das montanhas do Gate para ver desfilar

Era vul.

Era vulg. o alojar-se nas duas legoas de campo, que correm do passo seco até Agaçaim; o seu exercito, composto de 35000 cavallos, de 65000 Infantes, de 35 canhões para bater, de 1100 elefantes, de gastadores sem numero, de muitos Fidalgos bizarros, menos attrahidos da honra da guerra, que abalados da fama da gentileza das Damas de Goa.

Supposto pois, que as operações de taõ grandes exercitos principiaõ em Janeiro do outro anno, trazendo-as ajustadas ao mesmo tempo o Hidalcaõ, e o Nizamaluco, em quanto elles movem a passo lento as monstruosas maquinas: vamos nós buscar a Luiz de Mello da Silva na sua viagem para acabarmos com os successos della os deste anno de 1570. Como a fortuna parecia andar ao soldo deste animoso official, indo na sua viagem correndo a costa do Achem, soube que elle trazia no mar huma armada de 60 galés, e náos grossas mandadas por seu filho o Principe herdeiro, e que elle entendeo sitiaria Mala-

ca. Fazendo toda a força de vela o impaciente coraçaõ do Chefe, chegou a esta cidade, aonde soube, que a armada estava no Rio Formoso a doze legoas de distancia. Com dobrada impaciencia porque já se naõ batia com os Achens, Luiz de Mello com a sua frota empavezada, mas sem apparencias de guerreira, se apresenta na embocadura daquelle rio fazendo elle a vanguarda. Correm ligeiros os inimigos a segurar a grande preza nas náos, que imaginaõ de Mercadores, avançando-se espaço longo a galé capitania.

Era vulg.

Luiz de Mello que havia mandado atacar de miudas pedras hum grosso canhaõ, e apontallo á proa da galé, o seu tiro foi taõ feliz, que varrendo-lhe a coxia com morte de muitos, levou pelos ares ao malogrado Principe de Achem feito em peças. Seguio-se a facil abordagem com morte do resto da gente, e preza da galé. Caso para os inimigos taõ lastimoso aquecco a batalha, em que os Portuguezes com elle mais animados, vomitavaõ cha-

Era vulg. mas Nada resiste á sua coragem. Quanto á vista se representa saõ espectaculos do horror em homens mortos, e agonizantes, em navios queimados, submergidos, abordados, prisioneiros, sem escaparem de sessenta mais de hum carregado de feridos, que leváraõ ao Achem as tristes novas do seu destroço. Ficáraõ em nosso poder livres do fogo, e do fundo do mar tres galés, e seis navios com todas as suas armas, e muniçóes. Morrêraõ 1200 Achens, e 300 ficáraõ cativos. Os Portuguezes tivêraõ 50 feridos, e nenhum morto. Carregado com o pezo deste triunfo, Luiz de Mello entrou em Malaca, e sem querer ter demora, como se estivesse prevendo os que o esperavaõ na India, no Janeiro seguinte se fez na volta de Goa.

Naõ correspondêraõ a este os successos de Gil de Goes, e de Pedro Lopes Rebello em Adem, aonde elles esperavaõ introduzir-se. Depois que os Arabes expulsáraõ os Turcos desta cidade, Adem era governada pelo Cheife, filho daquelle Xequé, que

o barbaro Baxá Solimaõ mandára enforcar, como eu disse em seu lugar proprio. Este Cherife amigo do Rei de Caxem, que o era dos Portuguezes, por seu meio negociou com elles entregar-lhes a praça temeroso da volta dos Turcos. A tomar posse della vinhaõ os nossos dois Chefes; mas o Rebello nas duas fustas se adiantou sem esperar pelo Goes com os tres galeões. O filho do Cherife, que governava Adem na ausencia de seu pai, fez-se desentendido ás propostas do Rebello sem lhe declarar os motivos da repulsa. Por naõ esperar pelo seu camarada, elle arruinou hum grande negocio; teve de retroceder, e tres dias depois da sua partida, os Turcos que soubéraõ da sua vinda a Adem, armáraõ nove galés, e se apresentáraõ na praça, que na mesma noite ganháraõ por sorpreza. O Goes, que tambem se retirava, acossado por huma tormenta, com o seu galeaõ chegou a Dio, e os dois arribáraõ destroçados a Ormuz.

Era vulg.

Ora nós somos chegados ao sempre

1551.

pre memoravel anno de 1571, illustre nos nossos Fastos Orientaes pela grandeza dos successos, que entramos a referir. Se era muito para temer o exercito do Hidalcaõ, que deixámos abarracado ás margens dos rios da Ilha de Goa, o do Nizamaluco sobre Chaul naõ se representava menos temivel. Elle se compunha de 34ȣ000 cavallos, 100ȣ000 homens de Infantaria, de 360 elefantes, de 17ȣ000 forrajadores, de 4ȣ000 fundidores, de artifices immensos de differentes Nações, e de huma quantidade prodigiosa de bufalos, e bois. Tamanho apparato appareceo nos primeiros dias de Janeiro sobre Chaul, que com o nome de cidade devemos figurar huma aldêa miseravel; a sua fortaleza antes huma Feitoria; as obras exteriores sem fossos, nem paliçadas; os Portuguezes, que tinhaõ nascido, e se haviaõ criado em Chaul huns negociantes feitos molles pela longa paz do precedente Nizamaluco, amparada á sombra dos louros, que os soldados da sua Naçaõ sublime colhiaõ

por

Erà vulg.

por toda a India. Tanto era verdade o que eu digo, que o presente Nizamaluco reconhecia, e chamava a Chaul hum curral de gado. Era curral; mas elle para o render movia todas as forças do seu Imperio: era curral, e elle vinha visitallo em pessoa: era curral, e Fratecaõ lhe responde: Sim senhor, he curral; mas está cheio de leões.

Em quanto pois deste curral sahiaõ rebanhos com bons Pastores a sustentar no campo as primeiras escaramuças, e os inimigos se entretinhaõ em arrastar os 40 canhões de desmedida grandeza, todos assignalados com huns nomes taõ arrogantes, que eraõ capazes de inspirar terror o o General Mascarenhas, e o Governador Freire repartiaõ as obras defensaveis, que entregáraõ a D. Rodrigo de Sousa, a Fernaõ Telles, a Ruy Pires de Tavora, a Henrique de Betancor, e a Fernaõ Pereira de Miranda. Para mandarem tapar as muitas roturas, que havia pelos quintaes, e paredes, que corriaõ para o mar

de

Era vulg. de S. Francisco, e por onde já os barbaros se mettiaõ, foraõ destinados Nuno Velho Pereira, e D. Gonçalo de Menezes, que logo ao terceiro dia de Janeiro lhes deraõ as boas vindas. Occupados na sua obra ouviraõ estes dois Fidalgos hum grande tropel de inimigos, que se andavaõ divertindo nas hortas immediatas. Com os soldados que tinhaõ prontos, sahiraõ a elles, e em hum choque que durou até noite, lhes degolláraõ cento e oitenta, feriraõ 500, naõ havendo da parte dos Portuguezes mais que dois mortos: presagio feliz das futuras victorias.

Foi apparecendo no campo todo o poder do Nizamaluco, e Fratecaõ desejoso de ganhar alguma honra, que lhe fosse pessoal, elle se foi avançando, favorecida a marcha da sombra das palmeiras; tomou quartel nas cazas do Vigario; fez-se senhor da Ermida da Madre de Deos, e do alto, que domina o mar. Estando as cousas nesta figura, os Fidalgos, e officiaes nas trincheiras, baluartes, e ca-

gas, que se tinhaõ de defender como se fossem castellos; de tudo foi informado o Viso-Rei pela gente inutil de Chaul, por Fernaõ Telles, D. Duarte de Lima, que a escoltáraõ até Goa, e pelo P. Fr Jeronymo Travaços da ordem de S. Francisco, que ia instruido por D. Francisco Mascarenhas das representações, que havia fazer ao Viso-Rei. A chegada destas gentes, e a relaçaõ do Frade metteo toda Goa em combustaõ. Renovou-se a pratica da entrega de Chaul, e até o Clero levando na sua testa ao Arcebispo, e ao Bispo de Malaca, sugeria ardente a entrega. O Viso-Rei fixando a vista grave no Arcebispo teimoso lhe disse: que elle Viso-Rei da India sabia tanto dos negocios da guerra, como o Arcebispo de Goa das materias Ecclesiasticas; que escusasse intrometter-se nos primeiros, que naõ entendia, e que orasse com o seu Clero a Deos pelo bom succesео das armas. Naõ obstante os protestos que se seguiraõ a esta interlocuçaõ, o Viso-Rei mandou que se defendesse

Era vulg

Chaul,

a vulg. Chaul, e despedio os dois Fidalgos conductores da gente inutil com mais dois navios cheios de soldados, que tirou das Ilhas de Goa.

Antes que entremos na narraçaõ de maiores progressos, eu fecho este Capitulo com a noticia, de que o Çamorim de Calecut, parte contratante na Liga, sem ainda tirar a mascara, nem entrar nas operações juntamente com os seus alliados; agora mandou fazer ao Viso-Rei propostas de paz. Dividiraõ-se os pareceres quando se fizéraõ publicos estes officios. Huns entendêraõ, que elles nasciaõ de naõ lhes serem já soportaveis as perdas com que D. Diogo de Menezes devástava as povoações situadas nas praias dos seus mares, lhe pilhava, e consumia as embarcações mesmo dentro dos portos. Outros discorriaõ, que com esta dissimulaçaõ pretendia o Çamorim esconder a parte, que elle tinha tomado na grande alliança; e depois conseguir com mais facilidade os seus designios. Como quer que fosse, elle reforçava a negociaçaõ por

meio do Governador da nossa Forta- Era vulg.
leza de Chale.

Sem embargo que á penetraçaõ do illuminado D. Luiz de Ataide naõ escapavaõ as intenções occultas do Camorim, elle quiz ouvir os votos dos prudentes em hum Conselho secreto. Todos deliberáraõ sem discrepancia, que a paz se acceitasse com as condições mais vantajosas, que fosse possivel segundo o aperto do tempo: condições, que se agora naõ fossem correspondentes, para o futuro poderiaõ ter remedio. O Viso-Rei que navegava por outro rumo, sem poder estimar como paz a que naõ desterrava as suspeitas, naõ quiz mostrar, que desconcordava dos pareceres unanimes do Conselho, que via occupado daquelle temor, que cahe sobre os varões constantes. Mas servindo-se da sua authoridade, enviou ao Governador de Chale huma instrucçaõ secreta, em que lhe ordenava, fizesse saber ao Camorim: Que o Viso-Rei da India naõ se opprimia tanto com a guerra, que tinha entre mãos, que

lhe

tos Fidalgos que nellas se distinguiaõ, Era. vulg.
levavaõ naõ vulgares applausos o General D. Francisco Mascarenhas, e o Governador Luiz Freire. Se elles se deshouveraõ sobre qual tinha de levar ao campo a bandeira Real; os seus genios eraõ taõ doceis, que para naõ perturbarem os interesses do publico, se submettêraõ concordes á decisaõ do Viso-Rei. Quando nos primeiros apertos do sitio se propôz, que a cidade se desamparasse, e recolhesse a guarniçaõ na cidadella para ser mais vigorosa a resistencia; a mesma Nobreza intrepida julgou esta resoluçaõ de covarde, protestando que primeiro queria largar todas as vidas, que consentir tirasse o Nizamaluco de Chaul huma só pedra sem ser a troco dellas.

Por todas as partes era ella atacada por hum fogo bem servido. Contra dois postos se esmerava mais, antes o furor colerico dos contrarios, que a sua destreza da arte de atacar. Hum era o de S. Francisco, aonde Alexandre de Sousa, Ruy Gonçalves

da

Era vulg. da Camara, e outros muitos Fidalgos trabalhavaõ para se fortificar como os mais humildes gastadores, e para se defender como os mais bravos soldados. A fama das suas fadigas, e das suas façanhas attrahio tanta gente das nossas praças do Norte, que foi necessario aos seus Governadores impedirem com rigor esta deserçaõ honrada. O segundo posto era o baluarte Santa Catharina, que por fazer no campo inimigo estrago horroroso, o Nizamaluco naõ desmontou da colera em quanto o naõ vio razo com a terra. Reparou as suas ruinas outro muro de peitos fortes, que faziaõ vêr áquelle Principe a victoria naõ só pelo lado de difficultosa; mas pelo de quasi impossivel.

Os bravos homens, dignos de memoria immortal, que defendiaõ o posto de S. Francisco, esperáraõ a vespera de S. Sebastiaõ, que em obsequio ao nome delRei, quizeraõ celebrar com solemnidade. Elles sahíraõ aos inimigos, que se faziaõ fortes nas cazas immediatas, e os desalojáraõ

com

com tanta perda, e vantagem, que o Nizamaluco para despicar a injuria, mandou na madrugada do dia seguinte dar hum grande assalto ao forte por dois dos seus melhores Generaes. Largas horas durou este temeroso combate, em que os inimigos encontrárao a resistencia taõ dura, que deixáraõ o campo coberto com 300 mortos, e 500 mal feridos; sem faltar algum dos Portuguezes. Successivamente houveraõ outros muitos encontros; entre elles hum em que Nuno Velho Pereira renovou as antigas glorias, outro em que sentimos a perda de D. Fernando de Menezes, neto de D. Henrique de Menezes o Governador da India, que era Fidalgo moço de grandes esperanças. Finalmente em outro D. Nuno Alvares Pereira se mostrou hum monte de valor no meio dos barbaros, quebrando-se nas mãos muitas alabardas, que ensopava nelles; como que cançando as armas de dar golpes, os braços incançaveis em os despedir.

An-

Era vulg.

Antes de entrar em campanha, o Nizamaluco havia pedido ao Çamorim huma armada para atacar os Porguezes por mar, e terra. Elle a esperava com impaciencia; mas o Çamorim se detinha, ou porque ainda queria demorar o rompimento, ou porque a vigilancia de D. Diogo de Menezes lhe fechava para a sahida todos os portos. Sendo grandes as instancias, elle tève modo de deitar ao mar duas frotas, que escapáraõ á diligencia do nosso General. Huma dellas composta de 22 galés, e paraos entrou de noite em Chaul sem ser sentida pelos Capitães dos nossos navios: que taõ desmedida era a confiança Portugueza no vivo ardor de semelhante guerra, que os Cabos mais bem instruidos dormiaõ nas horas da vigia necessaria a sono solto. O Nizamaluco estimou infinito a chegada desta frota, de que se prometria grandes vantagens. Para lhe animar as esperanças, o seu Commandante Cariprocá Marcá, naõ querendo arrogante esperar a segunda frota menos feliz na via-

gem,

gem, que a sua, se lhe offereceo para chegar aos navios Portuguezes, mandados por Leonel de Sousa, e dar-lhes fogo. Era muito civil este comprimento para o Nizamaluco naõ o acceitar. Elle quiz ser o expectador da nossa tragedia, e com luzida escolta subio a hum alto monte para ter o recreio de ver a derrota sem batalha.

Era vulg.

Tanto que o Catiprocá se moveo com a sua Frota, Leonel de Sousa de voga arrancada se foi a elle em tres galés, e huma fusta. Os melhores soldados do Nizamaluco vinhaõ a bordo dos paraos para verem obrar aos nauticos Malabares os esperados prodigios de valor. Ao nosso primeiro fogo, que levou pelos ares muito corpos, elle esmaia, e por naõ esperar segunda descarga, toda a frota nos vira as popas. Ellas foraõ na retirada bem servidas de balas, os Malabares de improprios, e a testemunha honrada das façanhas, quero dizer, o Nizamaluco, desceo da montanha trazendo no conceito abatida

Era vulg. guarda, principiáraõ o combate para darem tempo aos companheiros de chegarem. Accendeo-se a briga com tal ardor, que ficou por muitos tempos memoravel em toda a India: briga animada pelo espirito de D. Diogo de Menezes. Catiprocá, cumprindo melhor aqui os seus deveres, que em Chaul, foi morto de huma bala, e a sua capitania abordada por Mathias de Albuquerque, e por D. Joaõ de Lima, que despediaõ incendios dos seus navios. O escuro da noite favoreceo a fugida de Cutiale, que tomou o commandamento por morte de seu tio: mas ficando a sua galé atrazada, saltáraõ nella Martim Affonso de Mello, Antonio Fernandes Malabar, e passando tudo á espada, deixáraõ ao Cutiale a vida, que pouco depois lhe foi tirada em Goa para nos escusarmos aos sustos de hum tal inimigo. Perdêraõ os Malabares onze navios, e mais illustre D. Diogo com esta victoria se recolheo a Goa, aonde chegou Luiz de Mello da Silva da sua expediçaõ do Achem: dois Che-

fes

ſes sublimes, que fizéraõ mudar a face ao sitio daquella capital, e com as tropas, que trouxeraõ, ficou o Viso-Rei reforçado com mais de tres mil Portuguezes na Ilha.

Tornando ao sitio de Chaul, he digna de memoria a gentileza de Estevaõ Perestrello, que com quarenta soldados guardava o forte de Caranjá a tres legoas de distancia da praça. Os dois famosos Cabos do campo do Nizamaluco Fartecaõ, e Sabecaõ marcháraõ com dois mil cavallos, e seis peças de campanha a investillo. Defendia-se o Perestrello com coragem; e ouvido o estrondo por Manoel de Mello, que com trinta soldados em varias manchuas andava de ronda pelos passos da Ilha de Salcete mandado pelo Governador de Baçaim, se foi metter com elles no forte. O Perestrello com setenta homens entendeo, que devia visitar os inimigos no campo coberto com as sombras da noite. Tal foi o espanto dos barbaros pelo assalto repentino, que depois de huma ligeira resistencia, se puzéraõ

em

ra vulg. em vergonhosa fugida, deixando mortos no campo, todos os despojos, a artilharia, que tudo servio para fortificar, e fornecer o forte. Hum dos cabos ficou taõ corrido da sua fraqueza, que temendo apparecer na presença do Nizamaluco, fugio para Cambaia com mil cavallos.

Na cidade eraõ já passados mezes de porfia entre sitiantes, e sitiados, continuos os assaltos já nos baluartes, e trincheiras, já nos quintaes, e cazas, que tudo os Portuguezes defendiaõ com igual empenho. Naõ se faz crivel, que exercito taõ grande sobre praça taõ fraca batida por fogo horrivel, naõ tivesse mais vantagem, que a de ganhar o forte de S. Francisco, quando as baterias o deixáraõ em estado de naõ ser possivel defendello. Como o sitio foi continuando, e os assaltos eraõ tantos, ás vezes mais que os dias, naõ obstante o Viso-Rei soccorrer a praça com cuidado antes do inverno, os inimigos muitos, e muito poderosos conseguiraõ algumas pequenas vantagens. Elles da

mul-

Era vul

multidaõ tiravaõ gente, que combatia descançada; os Portuguezes eraõ sempre os mesmos, que a todas as horas naõ largavaõ as armas. Depois do soccorro de 200 homens que trouxe de Goa Ruy Gonçalves da Camara, mandado de Chaul a informar o Viso-Rei do estado da praça, e que trazia ordem para ella se defender até a ultima extremidade; chegou com mais 300 D. Jorge de Menezes Baroche, que veio succeder a Luiz Freire de Andrade no governo.

Os muitos annos de assistencia, as grandes proezas, a origem do appellido de Baroche faziaõ a D. Jorge bem conhecido na India. Agora, ainda que veio consummar a obra alheia, naõ deixou de conseguir reputaçaõ sublime no complemento da defensa de Chaul, a que se seguio paz illustre. Já tinhaõ passado quatro mezes de sitio; queria entrar o inverno, e nos Reis alliados naõ se viaõ apparencias de suspender as operaçoẽs. Nos dois mezes que ainda corrêraõ até ao fim de Junho, teve D. Jorge tempo de

mos-

a vulg. mostrar a gentileza do seu valor, que penteava honradas cans. Desde entaõ os barbaros, obstinados na porfia, como querendo acabar a guerra por enfadados della, buscavaõ á cada hora os combates de maõ a maõ, de peito a peito, em que ganhavaõ huns postos, e perdiaõ outros. Em taõ longas disputas já os Portuguezes tinhaõ de menos 400 mortos, e ainda que as perdas do Nizamaluco, como de muitos milhares, eraõ em si mais consideraveis, ellas á proporçaõ tinhaõ muito de menores.

Mas chegou o dia 29 de Junho, em que este Monarca determinou dar fim á guerra com hum assalto geral sobre Chaul, que era hum monte melancolico de entulho moido. Contra esta imagem da assolaçaõ, aonde mil Portuguezes estavaõ escondidos, se movêraõ cem mil homens colericos precedidos de hum exercito de elefantes furiosos; estes para balroarem as tranqueiras; aquelles divididos em doze corpos de oito mil homens cada hum para as montarem por doze partes. Só

a

a representaçaõ deste modo de atacarem tantos a taõ poucos bastava para encher de espanto os espiritos mais intrepidos. Naõ se assustaõ covardes os Portuguezes. Naõ a pusillanimidade, mas o valor lhes faz palpitar no peitó os coraçóes. Todos correm intrepidos aos seus postos. Nos de maior perigo o General D. Francisco Mascarenhas, o Governador D. Jorge de Menezes se levantaõ duas colunas, que antes da acçaõ dizem á Eternidade como a sua memoria ali ha de ser perpetua, ou elles vivaõ, ou morraõ, vençaõ, ou sejaõ vencidos. A competencia dos generosos Fidalgos, a emulaçaõ dos soldados de brio em buscar os lugares mais arriscados he hum presagio feliz da futura victoria.

Era vulg.

Ao romper o dia principiou a acçaõ com huma descarga geral dos canhões, e fuzilaria de ambas as partes, que fez tremer a terra, e o fumo por largo espaço escureceo as esferas. Os bramidos dos elefantes, os gritos desentoados dos barbaros, o estrondo dos golpes, os ais dos agonizantes,

as

:ra vulg. as imagens da morte, os destroços da humanidade trasladou para o recinto de Chaul no dilatado termo de doze horas, que durou o combate, as vivas representações do Inferno. Dos milagres de valor, que neste formoso dia obrárao os Portuguezes atacados por cem mil homens, nao tendo outra defensa álem dos seus braços invenciveis, os nossos Escritores nada mais sabem dizer senao: que elles na Asia excedêrao aos Gregos, e Romanos; mas que nao tivêrao Lucios, e Plutarcos, que os desse a conhecer na Europa.

Vendo o Nizamaluco feitos em troços os seus melhores soldados, mortos os Capitães mais aguerridos, a furia dos Portuguezes indomavel, a dos seus desfalecida; elle os deixou no campo morrendo, voltou o cavallo, e buscou porto seguro. No refugio de huma Mesquita, aonde blasfemaria das disposições do seu Mafoma, esperou o fim da acçao, e vio confuso retirar tanto mundo envergonhado da face de hum punhado

de

de homens, que o recambiou com quatro mil mortos, com feridos innumeraveis, ficando elles só com cinco vidas de menos, entre ellas de importancia as de Francisco de Sá o Solismundi. Já abatida a soberba, vieraõ magotes humildes pedir liçença para retirar os seus mortos. Por parte dos Chefes lhes foi respondido: Que os Portuguezes só faziaõ guerra aos vivos; que podiaõ levar os mortos, e que em cima lhe pagariaõ esse trabalho. Entaõ pediraõ elles lhes mostrassemos a mulher formosa vestida de branco, que todo o tempo do assalto assistio ao lado dos Portuguezes, desviando delles com as pontas do manto as balas, e sétas, que naõ os offendiaõ. Os nossos os leváraõ á Igreja, e lhes fizéraõ ver a Imagem da Senhora, que elles adoráraõ prostrados por terra.

Era vulg.

O exercito inimigo, ainda que ficou á vista da praça, depois da derrota retirou os canhões das baterias, e quanto tinha no campo, ficando em tregoas até ao dia 24 de Julho,

q

Era vulg. que se ajustou a paz. Neste intervallo o Nizamaluco cuidava seriamente nella, senaõ obrigado das perdas, que tivera no sitio, sem duvida pelas suspeitas, de que os Principes do Decaõ negociavaõ com o Hidalcaõ huma liga contra elle. Qualquer que fosse o motivo, elle encarregou o General Fartecaõ, e Cafacaõ, Vedor da sua Fazenda, do ajuste da paz com D. Francisco Mascarenhas, e com D. Jorge de Menezes, que para elle tinhaõ os Plenos-poderes do Viso-Rei. No dito dia 24 de Julho, e no campo entre as cazas de D. Nuno Alvares Pereira, e o Convento de S. Domingos se ajuntáraõ os quatro Plenipotenciarios com os seus Adjuntos, que concluiraõ a grande obra da paz entre o poderoso Nizamaluco, e o Estado da India com as maiores vantagens do ultimo.

CA-

CAPITULO V.

Escreve-se o sitio da Ilha de Goa, e o que aconteceo no tempo da sua duraçaõ.

Nos primeiros dias de Janeiro, em que o Nizamaluco deo principio ao sitio de Chaul, principiou o Hidalcaõ o da Ilha de Goa, como fica dito, e elles entre si tinhaõ convencionado. Naõ perdêraõ os inimigos tempo em plantar baterias por differentes partes ao longo da Ilha, especialmente contra o passo de Benasterim, aonde era intoleravel o incommodo, que soffriaõ as nossas tropas, que o guarneciaõ; mas o Viso-Rei fazia reparar de noite as ruinas, que elles de dia causavaõ nas obras. Como as suas descargas eraõ frequentes, o nosso Chefe para elles as multiplicarem com perda sua sem dano nosso, mandou accender muitos fogos em partes desertas para elles entenderem, que nellas se trabalhava, e sobre ellas fazerem

mais

ra vulg. mais vivo o fogo. Assim o executáraõ elles com tanto estrago das suas munições, que só nos alojamentos de Alvaro de Mendoça se recolhêraõ em poucos dias mais de 600 balas, algumas dellas com seis pés de circunferencia.

As nossas baterias lhes respondiaõ com mais lentidaõ, e maior estrago. Como a gente se amontoava nos passos Seco, e de Santiago, já para entulharem hum, já investindo a passagem por ambos, cada qual dos nossos tiros, sem perda de algum, fazia muitas mortes. Ainda eraõ mais continuos os destroços causados pelas nossas galés, fustas, e barcaças, que sem cessar dia, e noite rondavaõ o rio. Por muitas vezes postavaõ ellas gente em terra, que insultava, mettia á espada muitas tropas de trabalhadores dos inimigos, atacava, reduzia a cinzas muitas das suas povoações. Com tanta intrepidez fazia a guerra esta gente das nossas barcas, e em huma occasiaõ apresentou ao Viso-Rei tantas cabeças de barbaros

tra-

trazidas por divertimento da outra banda, que carregados dois carros destes despojos da deshumanidade, elle os mandou a Goa, para que principiasse a gostar os mal sazonados fructos da guerra.

Era vulg.

O Hidalcaõ antes deste sitio tinha feito as maiores diligencias para alcançar do Viso-Rei a venda de hum soberbo cavallo, que o Rei de Ormuz lhe havia mandado de presente. Agora que o mesmo Principe publicava naõ ser decente á sua dignidade passar á Ilha em ponte, nem em barco, para o fazer a pé firme; com monstruosa quantidade de terra, e de fachina, se trabalhava em entulhar o passo fronteiro á Ilha de Joaõ Lopes: o Viso-Rei, que tudo sabia do campo, e naõ se lhe occultou este designio, mandou a Antonio Mendes de Castro, que com o cavallo magnificamente adereçado, passasse á outra banda, o apresentasse ao Hidalcaõ; e lhe dissesse da sua parte: Que elle sabendo, como S. A. desejava aquelle cavallo para passar á Ilha de Goa;

que

ra vulg. que cortez, e officioso lho offerecia, e rogava naõ desistisse do projecto para naõ defraudar a sua ambiçaõ do empenho, que tinha em o servir de mais perto. Quiz o Hidalcaõ remunerar o presente com hum traçado precioso, que enviava ao Viso-Rei. O conductor o naõ quiz acceitar dizendo: Que D. Luiz de Ataide se dava por muito bem pago da sua offerta com o alvoroço de ver na Ilha de Goa hum taõ grande Principe, que elle infinitamente desejava obsequiar.

Se o cavallo tivesse juizo, elle se encheria de generosidade dobrada, quando se vio aquartelado em cavalharice, que podia servir de antecamara á dama mais delicada; quando para as branduras do tacto se recostou em camas de veludo, sobre os estofos preciosos da India despertadores do mais bom gosto; quando lhe deitavaõ a raçaõ temperada com as doçuras mais agradaveis, que podiaõ pôr o paladar extactico; quando lhe davaõ a beber aguas rozadas, assucaradas, odoriferas, que levavaõ

o cheiro ás nuvens. Mas o mimoso bruto foi taõ infeliz, a complacencia do Rei teve duraçaõ taõ breve, que passados poucos dias huma bala dos nossos canhões o fez em pedaços, malograda a passagem á Ilha de Goa no appetecido Bavieca do grande Capitaõ, que taõ pouco bem o guardou para carro triunfal da sua imaginada victoria.

Era v

Incançavel no cumprimento das suas obrigações, o Viso-Rei em parte alguma se achava menos; e aos que o persuadiaõ repousasse de tanta fadiga, respondia; Que queria vêr tudo; porque como ElRei só a elle o fizera responsavel do Estado da India, que a qualquer tempo queria dar delle boas contas. Por esta causa se expunha mais do que devêra aos perigos, de que muitas vezes o livráraõ milagres indisputaveis. Tal foi o da bala de arcabuz do tamanho de huma noz, que dando-lhe com toda a força nos peitos, lhe cahio como humilde a beijar os pés. Succedeo pouco depois mandar-lhe o Arcebispo

ia vulg. hum açafate de figos do reino, que elle agradeceo enviando-lhe a bala com o recado, de que aquella qualidade de fruta era a com que elle acabava de se regalar nos pomares, em que se divertia: que lhe rogava a pozesse aos pés da Mãi de Deos, como primicias de copiosa fecundidade na colheita, que esperava.

Aonde naõ assistia a presença, obravaõ as suas ordens. Com tanta exacçaõ as executava o bravo D. Paulo de Lima em Rachol, que sem ter socego nas invasões, era hum raio devorante em giro pelas aldêas dos inimigos com incendios lastimosos, morte, e cativeiro de innumeraveis, já taõ temido o seu nome, como a sua espada. Elle rubricou tantos triunfos com o sangue de cinco feridas, que recebeo na duraçaõ da guerra; servindo-lhe, como a heroe, a vista do sangue de estimulo para crear alma nova a fortaleza. Com valor, e fortuna iguaes, Jorge Cabral mandado com algumas fustas ao rio de Chaparâ, depois de reduzir a cinza

trin-

trinta navios, e muitos bateis ligeiros, que os inimigos tinhaõ promptos para passar á Ilha de Goa, fez em pó quatro aldêas para espectaculos do furor, e do estrago.

Era vul

Já eraõ passados dois mezes sem os inimigos darem hum passo nos seus projectos, quando pela barra entrou a armada de D. Diogo de Menezes vinda do Malabar, com a de Catiprocá ao reboque: vista para o Hidalcaõ taõ malancolica, quanto para os Portuguezes agradavel, e jucunda. Cutiale que nella vinha prisioneiro, e no abatimento da sorte naõ podia conter a arrogancia, para que naõ viesse algum dia a ser effectiva contra nós, os Portuguezes o despacháraõ com hum bocado de veneno. O Viso-Rei nomeou a D. Diogo para General dos rios em lugar de D. Jorge de Menezes Baroche, que tinha de ir governar a praça sitiada de Chaul, como nós acabamos de dizer. A audacia de D. Diogo em reconhecer á estancia de Rumecaõ lhe ia custando a vida; mas a bala de canhaõ

ra vulg. taõ cortez, que com huma ligeira offensa lhe passou por entre as pernas, quando acabava de se levantar do assento, em que ia na sua galé dando as ordens.

O gosto do seu bom successo se augmentou com huma grande vantagem das nossas armas. Intentáraõ os inimigos metter tres mil homens na Ilha de Joaõ Lopes, e já haviaõ entrado nella mil e quinhentos, quando Mathias de Albuquerque, D. Luiz de Menezes, Martim Affonso de Mello, e Antonio Fernandes o Malabar na testa de cento e cincoenta se arrojáraõ a lançallos fora. A magnanimidade suprio a falta do numero, e sendo o primeiro nos transportes do espirito Duarte Pereira de Sampaio, que defendia o passo Seco, elle abrio aos camaradas a porta para a victoria. Dos fios das espadas, e da furia da corrente foraõ despojos miseraveis as vidas de 1500 barbaros: destroço naõ pensado, que lhes abateo os brios, e que á nossa coragem infundio novos alentos.

Uni-

Era vul[illegible]

Unicamente dois successos affligiraõ ao Viso-Rei no discurso desta guerra. Hum foi o effeito da relaxaçaõ da disciplina militar, que havia tempos se introduzira na India, naõ sendo bastantes as ordens mais severas, que impediaõ aos soldados abandonar os postos para virem em bandos divertir-se a Goa. Quiz o Viso-Rei remediar huma desobediencia, que podia ser causa de consequencias perniciosas em conjunctura taõ critica. Elle fez publicar pena de morte contra todos os que sem licença sua sahissem do campo para vir á cidade. Como nem este rigor conteve a dissoluçaõ, o Viso-Rei mandou enforcar com as alvas curtas, que lhes descobrissem as pernas, a alguns Mouros brancos, que tinha cativos, publicando, que eraõ Portuguezes incursos nas penas do Bando: estratagema, com que sem perder as vidas dos homens necessarios, inteiramente destruio a relaxaçaõ; e a desordem.

O segundo máo successo foi a derrota de D. Fernando de Vasconcellos,

a. vulg. los, que acabava de se recolher a Goa triunfante das náos do Hidalcaõ sobre Dabul. Este alentado Fidalgo com a gente de huma galé, e de huma fusta, que tinha em defensa dos passos da Ilha, foi visitar a Angoscaõ, hum dos Generaes dos inimigos, no seu mesmo alojamento. Elle desembarcou na madrugada, e marcou o impeto da primeira irrupçaõ com a desgraça de todos os que lhe cahiraõ debaixo das maõs, perdidas as vidas, as trincheiras, e o campo. Do espirito dos vencedores tomou posse a grande confiança, que ordinariamente he origem das desordens. Os inimigos recobrados voltáraõ sobre os Portuguezes dispersos, que logo foraõ degollados. D. Fernando com alguns poucos se bateo em bravo homem, mas elle deixou a vida acabado pelo pezo da multidaõ. Foraõ decapitados quarenta infelizes temerarios com o seu Chefe prudente, e mandadas ao Hidalcaõ as cabeças, que as estimou presagio feliz da victoria, como se dellas houvessem sahido as

al-

almas de todos os Portuguezes de Goa. Era vulg

D. Fernando era filho de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, e neto do Arcebispo de Lisboa D. Fernando, irmaõ do Conde de Penela: pai, e filho imagens da inconstancia da fortuna sobre o mar, que lhes afogou a posteridade; o filho acabando como fica dito; o pai com a mesma sorte indo para Governador do Brazil, ás maõs de Hereges Calvinistas. Já á vista do porto teve elle o primeiro fatal encontro com estes impios, que tomáraõ duas das suas náos, em que iaõ quarenta Jesuitas debaixo da obediencia do P. Ignacio de Azevedo, que todos em odio da Fé foraõ victimas do seu furor. D. Luiz com a sua náo destroçada voltou para as Ilhas dos Açores, aonde recebeo a triste noticia da morte de seu filho D. Fernando, que chorou com o pranto de unigenito. Elle se embarcou para Portugal com afflicções dobradas; mas encontrando na viagem outros corsarios Calvinistas, depois de peleijar como hum homem,

que

ra vulg. que tendo perdido quanto no mundo lhe era amavel, buscava na morte o alivio dos males; elle no combate deixou a vida.

Na entrada de Março houvêraõ motivos, que alvoroçáraõ com prazer o nosso campo. Sabiamos, que o Hidalcaõ, sentido de tantas perdas sem vantagem, anciosamente desejava a paz, ainda que a sua soberba naõ consentia ser elle quem a pedisse. Notava-se ter o Viso-Rei tantas intelligencias no campo contrario, e na mesma corte do Rei, havendo ganhado á sua devoçaõ a Dama valida, que segredo algum lhe era occulto. Mais que tudo dilatou os espiritos a chegada a Goa de dois soccorros muito importantes, que nella, e em Chaul mudáraõ o semblante da guerra. O primeiro composto de muitos navios com gente, e mantimentos, vinha conduzido pelo valeroso Fidalgo Vasco Lourenço de Barbuda o Carracaõ, que acabava de governar Cochim. O segundo que chegou a seis de Março, foi a armada do bravo Luiz de Mel-

lo

lo da Silva, que vinha triunfante do Achem; que conduzia muita gente, e que na sua pessoa apresentava ao campo o melhor soccorro. O Viso-Rei o aquartelou no passo de Santiago, naõ só para lhe remunerar com este lugar do maior perigo os muitos, de que vinha victorioso; mas para ter mais perto do quartel general unidos em taõ grande homem os braços de Achilles com a cabeça de Nestor.

Era vulg.

Pareceo, que o Hidalcaõ naõ desestimára a vinda destes Chefes, e de mais tropas; promettendo-se augmentar com huns o numero dos prisioneiros honrados, e de arrancar das maõs das outras mais bandeiras para varrer os vestibulos dos altares nos seus Pagodes. Elle determinou dar hum assalto geral á Ilha por differentes partes, e para isso fez soar a sua caixa real, que naõ se batia, senaõ quando o Principe marchava em pessoa a grandes emprezas. A expediçaõ principal havia ser no passo da Ilha de Mercantor com a gente escolhida, que o Hidalcaõ encarregou ao Turco

So-

Era vulg. Solimaõ Aga, Capitaõ da sua guarda. A nossa defensa neste posto pertencia ao General D. Diogo de Menezes; mas como elle ainda estava mal convalecido do golpe da bala, teve hum substituto bizarro em Luiz de Mello da Silva, a quem a fortuna mettia as victorias em caza. Pelos outros váos, que occupavaõ o espaço de duas legoas foraõ postados dois mil homens para terem maõ em tanto mundo. O Hidalcaõ para ver o successo subio a hum alto, aonde depois feriaõ melhor os ares as blasfemias, que vomitava contra Mafoma. Com esta noticia na cidade subiaõ os clamores ao trono do Deos verdadeiro, aonde já estava decretada a nossa victoria.

No Domingo precedente a esta semana foi revelado o Decreto Divino ao Santo Bispo de Malaca D. Fr. Jorge de Santa Luzia. Elle jantava com o Viso-Rei no passo de Santiago, e lhe deo huma gostosa sobremeza dizendo: Deos vos promette na guerra bom successo, e para prova

da

da promessa, ganhareis esta semana Era vulg.
huma grande victoria. Na quarta feira escreveo a Luiz de Mello da Silva declarando-lhe se fosse pôr pronto para no dia seguinte receber a grande mercê, que Deos determinava fazer-lhe. Amanheceo com effeito a quinta feira; soou a caixa Real; marchou o Hidalcaõ para o alto como expectador da Tragedia; moveo-se o espantoso exercito; rompeo a voga huma multidaõ immensa de almadias, barcas, e catures; principiou-se a acçaõ toda de horror, derramada a imagem da morte pelo longo espaço de duas legoas de terreno. Os nossos navios, que guardavaõ os passos, foraõ os primeiros, que ensanguentáraõ a batalha com fogo para a terra despedaçando homens, para o mar submergindo as embarcações carregadas de gente.

Quando nas outras partes combatia o furor derramado, a exhalaçaõ formidavel infesta aos barbaros, quero dizer, Luiz de Mello da Silva, com as tropas do seu commandamen-

vulg. to entrou na Ilha de Mercantor, aonde o Turco Solimaõ com hum cordo já formado de cinco mil homens sustentava a passagem aos mais. Sobre elles vaporou a exhalaçaõ incendios, que ateando-se nos acolchoados de algodaõ, de que iaõ vestidos, devorou os corpos como estopa na face da ira do Omnipotente, que entaõ mostrou ser este o seu nome no esforço, com que fez ganhar taõ desigual batalha. Os golpes do ferro acompanhavaõ a voracidade do fogo. De mil em mil cahiaõ para cada lado os inimigos. Foi degollado o Turco Solimaõ, hum seu cunhado, seis bravos Generaes, a maior parte das suas tropas; o resto sahio por onde haviaõ entrado. Desde entaõ ficou a Ilha de Mercantor dita dos Mortos para se equivocar no nome com a de Beth, junto a Dio, que assim foi chamada por Nuno da Cunha depois do massacro, que nella executou a sua inexoravel espada.

O Hidalcaõ que do seu alto via bem ao vivo esta representaçaõ repe-

ti-

tida, blasfemo contra Mafamede arrojou á terra a touca; quiz nella pizar os fados, aliviar no seu pezo o da corôa, e voltando os olhos á carranca da fortuna, foi nessa noite refugiar-se em Pondá. O numero dos mortos na Ilha, no rio, em todas as suas margens, a quantidade dos seus despojos nas mesmas partes, tudo foi monstruoso, tudo causa do nosso prazer excessivo, da sua assolaçaõ extrema, taõ encontrados os affectos, os exteriores, as demonstrações, como o eraõ as causas, donde nasciaõ. Respirou Goa com victoria taõ assinalada; decidio-se a conservaçaõ de Chaul, sendo logo despedido com soccorros para a praça Rui Gonçalves da Camara, que viera em pessoa representar ao Viso-Rei a sua critica situaçaõ, levando na galé real por commandante da frota a D. Diogo de Ataide; para succeder a Luiz Freire no governo a D. Jorge de Menezes Baroche, e entre outros Fidalgos, a D. Diogo de Lima, que já tinha em Chaul a seu irmaõ D. Duarte de Lima,

Era vulg.

Em 15[illegible]. ma, a Diogo Lobo de Sousa, a Christovaõ Ferreira, e aos dois irmaõs Joaõ, e Gonçalo Rodrigues Caldeira.

Com o successo referido ficáraõ os inimigos taõ quebrados, que por muito tempo naõ houvéraõ movimentos no campo. Entrou o inverno, continuava o sitio, apenas em ligeiras escaramuças mostravaõ os dois partidos, que eraõ contrarios, quando no meio de Julho cuidados novos desafiaraõ as attenções do grande Viso-Rei. Mas que importa, se augmentarem os seus emulos o numero dos inimigos, era fornecer-lhe materia para multiplicar os triunfos! Jorge de Moura, Governador da fortaleza de Onor, lhe fez aviso, de que a Rainha saudosa da sua posse, sugerida pelos Principes da Liga, soccorrida pelo Hidalcaõ com tropas, e com o General Cratiçaõ, pela grande utilidade, que desta diversaõ lhe resultava; o havia sitiado com seis mil homens de pé, e de cavallo. No mesmo instante o infatigavel heroe fez esquipar huma galé, oito fustas, e com 200 homens

mens ordenou a Diogo da Azambuja, Era vulg.
a D. Luiz de Menezes, a Antonio
Fernandes o Malabar chegassem ali
a Onor, e afugentassem da vista da
fortaleza aquelle bando de atrevidos,
que a inquietava.

Em cinco dias de viagem trabalhosa, rompendo os mares grossos, chegou o soccorro a Onor. O Malabar foi conferir com Jorge de Moura o que se havia fazer, e sem gastarem o tempo em muitos conselhos, assentárao: Que a frota pojasse em terra os 200 homens; que elle sahisse com cem da fortaleza, e unidos em hum corpo se lançassem aos inimigos. Seguio-se á idêa a execuçao tao pronta, activa, e ardente, que os barbaros nao podendo soportar sobre si o pezo dos montes de furor, depois de ficarem muitos esmagados, para salvarem os corpos desampararao as trincheiras, largárao o campo, e perdêrao as armas, as munições, os viveres, todos os despojos, huns que provêrao a fortaleza, outros que enriquecêrao os soldados. O Antonio Fer-

Era vulg. Fernandes Malabar obrou neste dia tantos prodigios de valor, que só nelle merecia as distinctas mercês, com que ElRei o tinha honrado, e o gosto, com que os Officiaes Portuguezes qualificados serviaõ debaixo da direcçaõ das suas ordens.

CAPITULO VI.

Durando o sitio da Ilha de Goa, o Çamorim de Calecut declara da sua parte a guerra pondo cerco á fortaleza de Chale.

Fosse que o Çamorim de Calecut, como hum dos Principes alliados, quizesse dar calor aos sitios de Chaul, e de Goa, que já por este tempo obravaõ com lentidaõ; ou fosse por se resolver a esperar o Inverno, em que a fortaleza de Chale com difficuldade seria soccorrida: no fim de Junho deo elle principio á diversaõ da sua parte com o successo das mais, em quanto governou a India o grande D. Luiz de Ataide, que parecia

unico instrumento designado pelo Ceo para reparador da sua ultima ruina. Com numero de gente igual ao dos seus alliados cercou o Çamorim em torno á fortaleza de Chale; cem mil contra sessenta homens, que guarneciaõ os seus muros ás ordens do veneravel velho D. Jorge de Castro, a quem os Principes do Malabar chamavaõ pai, vaõ a ser em huma das praias da sua costa a admiraçaõ do mundo em todas as suas idades. Homens honrados; mas infelizes, que lhes ignoramos os nomes para os gravarmos, os esculpirmos nos bronzes immortaes.

Era vulg.

Quarenta canhões, e cem mil espingardas entráraõ a chover diluvios de balas sobre a fortaleza. As passagens foraõ fechadas por tal modo, que vindo de Cochim D. Antonio de Noronha a soccorrella, naõ lhe foi possivel forçallas. Francisco de Sousa Pereira pelas relações, que tinha com D. Jorge de Castro, em huma pequena embarcaçaõ se determinou a romper no rio todos os obstaculos,

Era vulg. desprezar as inundações do fogo, com que o serviaõ de mar, e terra, e ir ser do seu parente companheiro na honra, e nos perigos. Elle conseguio o seu projecto monstruoso taõ afouto, e denodado, com tanta admiraçaõ das gentes, que lhe chamavaõ a primeira façanha da India, e ElRei D. Sebastiaõ quando fallava nella dizia, que a naõ ser Rei, desejaria ser Francisco de Sousa.

A noticia deste sitio posto no fim de Junho, chegou ao Viso-Rei a dez de Agosto. Mez, e meio resistiraõ 60 homens famintos governados por hum velho de 80 annos a todo o poder de Calecut, e ainda vai avante a sua temeridade, ou intrepidez, aborrecimento da vida, ou ambiçaõ da honra. Como D. Diogo de Menezes era taõ practico, e taõ temido na Costa do Malabar, o despedio logo em duas galés com Mathias de Alburquerque, levando ordem para ir por Onor incorporar-se com a armada, em que foraõ de soccorro á sua fortaleza Diogo da Azambuja, D. Luiz de Menezes,

o Malabar Antonio Fernandes, e navegar para Chale. Ainda que D. Diogo partio logo, elle encontrou os mares taõ grossos, que naõ pôde chegar á barra do seu destino antes dos fins de Setembro. Como o modo de forçar os passos era ponto de contemplaçaõ longa, e o tempo corria, alguns soldados afoutos foraõ a nado representar da parte do Governador ao General a sua necessidade extrema, o seu extremo perigo, tudo extremos até na constancia dos poucos homens, que tinha mais de verdadeira, que de crivel.

Era vulg-

Determinou o Çamorim á vista do soccorro dar hum assalto geral á fortaleza. Todo o seu recinto foi occupado pela multidaõ de cem mil barbaros, huns empenhados a subir por quantidade de escadas, outros trabalhando por picar os muros, muitos a fazer fogo sobre os parapeitos para desviarem os defensores. Apparecia com a agilidade de hum moço nos lugares de maior perigo armado de espada, e rodella o semi-cadaver do Gover-

Era vulg. desp
com
e ir
na l
guio
afou
mira
vaõ
ElR
nell
seja

de J
Ag
hon
vel
Ca
me
me
Co
pra
Ma
galé
leva
corp
tora
da A

Era vulg. nador D. Jorge infundindo almas generosas nos homens vivos. Como se elles se multiplicassem em todos os lugares, com inexplicavel inveja da gente da armada, que estava vendo no alto do Capitolio a taõ poucos Manlios obrarem tantas monstruosidades de valor: elles fulmináraõ de tal sorte os barbaros com a artilharia, panelas de polvora, e mais armas necessarias á defensa, que o Çamorim para poupar a sua gente, naõ augmentar a perda, naõ fazer mais intoleravel o pejo, mandou suspender o assalto.

Sendo D. Diogo de Menezes testemunha ocular de huma victoria, que parecia sonho, resolveo soccorrer homens semelhantes a todo o risco pelo meio das baterias dos contrarios. Elle fez carregar huma grande barca de viveres, que entendia chegariaõ a sustentar a guarniçaõ hum mez, e naõ passáraõ de quinze dias. Diogo da Azambuja a devia preceder com a sua galé: logo Fernando de Mendoça seu sobrinho com 50 soldados, que haviaõ abrir o passo por

en-

entre os inimigos para a entrada do soccorro na praça: D. Luiz de Menezes, e Antonio Fernandes Malabar nas suas fustas para rebocarem a galé, seguidos de outras embarcações de remo. As mais ficáraõ fora da barra como expectadoras do successo, que se conseguio á medida do desejo; mas por baixo de huma tempestade de balas de canhaõ e de fuzil. D. Luiz de Menezes foi o primeiro, que pôz pé em terra seguido de Fernando de Mendoça com os seus 50 soldados já soccorridos por Francisco de Sousa Pereira, que sahira com alguns da fortaleza a sustentar-lhes o campo.

Era vulg.

Incorporados estes dois bravos homens fizéraõ maõ baixa nos inimigos com ella taõ pezada, que os primeiros golpes lhes degolláraõ 500. Elles tiveraõ a vantagem de nos pilhar a caixa da botica, entendendo que era a Militar, e com a ancia de haverem o imaginado thesouro, carregou sobre os poucos homens tanto mundo, que os introductores do soccorro tivêraõ de se retirar bem depressa en-

nos-

ia vulg.

va. Elle queria levantar o sitio, mas com artificio, que lhe ficasse menos vergonhoso naõ lograr o projecto. Para isso deo ordem de partir a artilharia, e as bagagens com pouco ruido. Entre tanto os seus Generaes haviaõ ficar pintando huma imagem de guerra com cores taõ pouco vivas, que nos seus longes se visse hum desenho da paz. O Viso-Rei, que nada ignorava, a paz, nem a guerra se deo por entendido, já bem certo, de que se lhe havia offerecer occasiaõ delle a dar em alto tom de superioridade. Assim seria, e Chale naõ se perdêra, se o grande D. Luiz de Ataide governára mais tempo. Elle vai a acabar o seu triennio, e nós podemos dizer, que com a sua falta a India começa de longe a dar os primeiros arrancos.

Antes que nós vejamos chegar o seu successor, digamos, que por modos taõ sublimes, taõ heroicos, taõ magnanimos acabáraõ, fizéraõ termo os esforços da maior conjuraçaõ, que em época alguma se armou contra os Portuguezes em qualquer das partes

da

do mundo. Ella teve em continuos Era vulg
sobresaltos o longo espaço de dez
mezes ao intrepido coraçaõ do grande D. Luiz de Ataide, que tudo vence; porque o seu coraçaõ, álem de intrepido, era seu. Ao contrario os formidaveis Monarcas alliados, elles quanto perdêraõ? A sua vaidade naõ sentiria o estrago dos homens, o despejo dos thesouros, os incommodos das Monarquias. Mas a perda da reputaçaõ; naõ poderem dar hum passo com grandes forças contra hum inimigo em sua comparaçaõ fraquissimo, que tinha as idêas do esforço reconcentradas em huma só cabeça; estas imagens funestas, estas considerações tristes pode-se explicar a impressaõ, que fariaõ nos seus espiritos soberbos? ...

Naõ colheo o grande D. Luiz o fructo das suas victorias. A seis de Setembro chegou á barra com cinco náos o seu successor D. Antonio de Noronha condecorado, e revestido do mesmo caracter de Viso-Rei. Nesta monçaõ vinha o Estado da India di-

vi-

Era vulg. vidido em tres Governadores. A repartiçaõ do novo Viso-Rei comprehendia desde o Cabo de Guardafu do Estreito de Meca até Ceilaõ : a de Francisco Barreto do Cabo das Correntes até ao de Guardafu : a de Antonio Moniz Barreto, Governador de Malaca, do Pegu até á China. Com a noticia de haverem as náos chegado a Goa, o Viso-Rei, que ainda estava no passo de Santiago, veio logo fazer entrega do Governo ao successor; retirou-se para Pangim; deixou em outrás maõs sazonados, e colhidos os saborosos pomos dos triunfos; embarcou rico de gloria para Portugal, aonde foi recebido pelo Rei com grandes honras, e levado á sua maõ direita debaixo do Pallio na Procissaõ solemne em acçaõ de graças pelas grandes vantagens, que conseguira na India, e que acabáraõ de provocar os sugeridos desejos de ir o Rei em pessoa a Africa buscar outras semelhantes.

O novo Viso-Rei foi logo visitar os passos da Ilha, aonde houve grande

Era vul

de mudança nos Officiaes, que os guardavaõ. Maiores foraõ as do campo do Hidalcaõ, que informado do maior poder, que chegára a Goa, mandou retirar o grosso do exercito, deixando hum pequeno corpo a dois Generaes munidos com os seus plenos-poderes para tratarem da paz, que com effeito se concluio com semblante de que naõ era obra de D. Luiz de Ataide. Se foi felicidade esta concordia ella teve o contrapezo da perda da fortaleza de Chale, que atégora se defendia esperando soccorros: perda a primeira de praça, que as nossas armas entregáraõ nas maõs dos inimigos. Sim lhe preparou o Viso-Rei por todo Setembro duas armadas, que levavaõ 1500 homens com muitas munições, e viveres, huma ás ordens de D. Diogo de Menezes, outra ás de Francisco de Sousa Tavares; mas quando ellas chegáraõ a entrega estava feita.

Quem a negociou foi o Rei de Tanor, amigo dos Portuguezes, que conseguio do Çamorim tomar elle con-

tra

Era vulg. ta de todos para lhes segurar as liberdades, e as vidas nos seus estados, até os entregar a D. Diogo de Menezes, que naõ tardaria em vir áquella Costa. Nós diremos, que os Agentes da negociaçaõ vergonhosa, em que degenerou a coragem extrema dos defensores de Chale, foraõ a idade debil de D. Jorge de Castro, *velho de 80 annos*, que se deixou vencer das lagrimas da sua formosa, e moça mulher, que desacreditou as cans illustres penteadas pela honra em muitas occasiões sublimes: foraõ os clamores de outras mulheres, que naõ aparentavaõ com as de Dio, de Malaca, de Ormuz, de Mazagaõ: foraõ Officiaes dos filhos da India, intrepidos dentro em caza, chamandose prudentes em evitar na guerra os perigos: homens, que entregáraõ ao Çamorim huma praça do seu Rei sem brecha aberta, sem chegarem á ultima extremidade, sendo na India authores de hum caso novo, sem exemplo, capaz de abater em toda ella a reputaçaõ das nossas armas, em toda

da a Asia temidas, ao Malabar formidaveis.

Era vulg.

D. Diogo de Menezes soube em Cananor, que Chale se entregára no mesmo dia, em que elle sahio de Goa. Afflicto com semelhante nova, chegou a Tanor, e depois de agradecer ao seu Rei a hospitalidade, que usára com os Portuguezes, os transportou a Cochim, e voltou picado com os estimulos novos para continuar a guerra no Malabar. Elle o naõ pode já fazer neste anno pela necessidade de mudar de idêas, que tambem o obrigáraõ a dividir a armada. Informado, de que para o Cabo Comorim haviaõ passado muitos paraos, mandou a Mathias de Albuquerque com dez navios, que fosse escoltar os que vinhaõ de muitas partes buscar aquelle Cabo para os levar a Goa com segurança. Elle andou alguns dias nos mares do Malabar, que achou infestados de muitos piratas, ajuntando as cafilas, e navios de Mercadores para lhes naõ cahirem nas maõs, e os conduzir á mesma cidade. Depois

a vulg.

1572

pois que na sua barra os deixou seguros, virou de bordo, e na entrada de Janeiro voltou para os lugares do seu destino. Do mesmo modo se portou Mathias de Albuquerque, que na volta de Goa veio incorporar-se com o seu Chefe junto a Barcelor.

Ambos em conserva marcháraõ a executar as ordens, que traziaõ de arrazar o forte de hum Xeque vassallo do Hidalcaõ na embocadura do rio de Sanguiser. Neste avance succedeo levar a vanguarda o celebre Antonio Fernandes o Malabar de Chale, que generosamente acabou a vida de huma séta pela garganta peleijando como sempre. O sentimento da sua morte desenfreou a colera dos Officiaes, e soldados de quem era amado, para na escalada naõ darem quartel a alma viva. O cadaver daquelle distincto homem honrado por ElRei, entre outras mercês, com as devisas de Fidalgo, e Cavalheiro da ordem de Christo, foi levado a Goa, e nella sepultado com tanto apparato, concurso, e [illegible]uto das gentes, como se

fos-

fosse o de hum qualificado, e benemerito Viso-Rei. A sua Christandade depois de convertido, as suas obras feitas em serviço de Portugal no discurso de tantos annos, a sua fidelidade á Naçaõ, em que se quiz naturalizar, formaõ o seu elogio. Era vulg.

Por estes tempos eraõ notaveis as revoluções no Archipelago das Molucas aonde a nossa dominaçaõ espirava. Depois do repellaõ, que o Rei de Ternate estimulado da affrontosa morte, que seu pai recebeo da maõ dos Portuguezes, como fica dito, deo á nossa fortaleza: Gonçalo Pereira Marramaque fez prestes a frota, que tinha em Amboino para acudir á dessolaçaõ extrema de Ternate. Naquella Ilha deixou elle a D. Duarte de Menezes, que morreo pouco depois, e lhe succedeo no governo da fortaleza Sancho de Vasconcellos, contra o qual se rebelláraõ os Itos aproveitando-se da ausencia de hum, e da morte do outro Chefe. Logo no principio teve o Vasconcellos a infelici dade de perder a melhor da sua ge

Era vulg. te em cinco corocoras, que huma frota de Ternatezes lhe tomou. O Marramaque quando vinha de Amboino acudir a Ternate, na altura das Ilhas de Bacao, e Negoriche sim despicou esta affronta com o destroço de 50 corocoras, em que vinha o Rei de Tidoré, e outros alliados impedir-lhe a viagem.

Mas era chegado o tempo deste Chefe alentado experimentar a ultima infelicidade no meio das suas façanhas. Grande foi a que elle teve na perda de Joaõ Rodrigues de Beja morto na batalha: Fidalgo cheio de merecimentos, de grande valor, todo da sua confiança. Já occupado o espirito de idêas funestas nascidas de grandes remorsos, taõ pobre, que em estado de mizeria; de consolaçaõ alguma servio aos de Ternate a vinda de Gonçalo Pereira, nem a elle o soccorro de 60 homens em hum galeaõ, que de Malaca lhe mandára D. Leoniz Pereira ás ordens de seu sobrinho Joaõ da Silva Pereira. Ambos partiraõ para Bachaõ depois de recolherem

em

Era vulg.

em Ternate a gente da fortaleza de Moino, que abandonáraõ ao Rei vingador da morte do pai. Em Bachaõ encontrou o Marramaque rebelde, e apostata ao Rei, que antes era Christaõ, e alliado; hum desgosto em tantas calamidades, que o chegou á ultima dessolaçaõ. Sem refugio, se fez na volta de Amboino, aonde teve as noticias da morte de D. Duarte de Menezes, do levantamento de de todos os povos da Ilha, do destroço da gente, e corocoras de Sancho de Vasconcellos; tudo para elle taõ sensivel, que apurado de desgostos, perseguido pelas calamidades, sem consolaçaõ acabou a vida.

Tal foi o fim do memoravel Gonçalo Pereira Marramaque, taõ miseravelmente morto, que até a terra se lhe negou para a sepultura, sendo o cadaver lançado ao mar, como foi o do Rei Aeiro de Ternate, de cuja morte barbara ninguem o escusava de ser elle o author. Succedeolhe no cargo Joaõ da Silva Pereira; mas os Portuguezes, que andavaõ por

Era vulg. tantas Regiões remotas, já sem paciencia para tolerar a fome, a perseguiçaõ, os trabalhos, continuos perigos, huns homens quasi esquecidos da India, donde eraõ soccorridos mal, e tarde: elles consultáraõ entre si, que deviaõ abandonar aquellas Ilhas, e recolher-se todos para Malaca. Unicamente Sancho de Vasconcellos teve á gloria de se oppôr á esta resoluçaõ, e conseguir, que as Christandades dispersas pelas mesmas Ilhas se naõ desamparassem: que se a fortaleza naõ podia subsistir no lugar, em que estava, rodeada de povos rebeldes, que se mudasse para o lugar da Cova na ponta de Rosanive, que faz huma grande enseada para a Ilha de Ito, junto ao lugar de Ulilhenos, amigo dos Portuguezes, que os soccorreria a todo o tempo, o que com effeito foi executado.

CA-

Era vulg.

CAPITULO VII.

Trataõ-se os successos do tempo do Viso-Rei D. Antonio de Noronha, e os do governo de Antonio Moniz Barreto.

Huma das primeiras acções do Viso-Rei D. Antonio de Noronha foi a lembrança de soccorrer com dois galeões as desgraçadas Ilhas Molucas, aonde visivelmente descarregava a ira Divina golpes continuados em castigo de atrocidades diuturnas sem emenda, com especialidade as que haviaõ sido executadas contra os nossos fieis amigos os infelizes Reis de Ternate, escravos da avareza, e ambiçaõ dos Portuguezes dissolutos. Este soccorro dos galeões sentio o mesmo fatal destino, e tudo se perderia se a caridade do Rei de Macassar naõ amparasse, e fizesse conduzir a Malaca as reliquias dos naufragados. A esta cidade voltou Joaõ da Silva Pereira depois da mudança da fortaleza de Amboino para represen-

Era vulg. tar ao Governador D. Francisco da Costa, que tinha succèdido a D. Leoniz Pereira, o deploravel estado dos consternados Portuguezes. D. Francisco os soccorreo com hum galeaõ, e huma fusta carregados de muitos generos, que tudo tragòu o mar conjurado contra os miseraveis, que nos castigos pareciaõ reos dos crimes mais abominaveis.

Novas revoluções no reino de Cambaia impediraõ ao Viso-Rei tomar do Çamorim a satisfaçaõ, que desejava em desagravo da perda de Chale. O terrivel Itimiticaõ, que receava naõ poder conservar no reino inquieto, aonde elle fizéra augurar Soberano a seu mesmo filho com o fingimento, de que o era de Sultaõ Mamud, aquella authoridade despotica a que o arrastava a sua ambiçaõ desmedida: elle negociou com o Rei poderoso dos Mogores Galaldim Mamede Hecobar entregar-lhe a pessoa do pretendido Monarca, e todo o reino de Cambaia sem golpe de espada, se elle o fizesse Viso-Rei com os seus

ple-

plenos-poderes sobre o mesmo estado. Era vulg.
Hecobar que nada desejava tanto como fazer-se senhor dos reinos do Decaõ, mal se escusaria a acceitar hum cumprimento taõ conforme, e lisongeiro do seu gosto. Com 60000 cavallos entrou elle por Cambaia; chegou á corte de Amadabá; Itimiticaõ cumprio exactamente a palavra; entregou-lhe o Rei; em poucos dias o reino, e sem perda de hum homem ficou Hecobar dominante de estado taõ potente. Alguns Portuguezes, que nelle commerciavaõ, foraõ tratados pelo novo Monarca com honras distinctas; mas havendo quem lhe lembrasse, que as terras de Damaõ, e ainda as de Baçaim eraõ pertenças de Cambaia, elle mudou de sentimentos, e se dispôz para as revindicar.

O Viso-Rei immediatamente que recebeo as primeiras noticias dos seus movimentos, despedio para o norte duas armadas de observaçaõ, huma ás ordens de Jorge de Moura, outra ás de D. Jorge de Menezes, que depois foi Alferes mór do reino. Naõ tar-

tardou muito em apparecer na praça de Damaõ hum Emissario de Hecobar, que por parte de seu amo requereo ao Governador D. Luiz de Almeida a entrega da cidade. Elle o entreteve com a resposta, de que para o fazer necessitava ordem do Viso-Rei da India; que lhe dava parte para resolver o que havia executar hum servidor taõ obsequioso de Hecobar como elle era. Esta representaçaõ vinha reforçada com a escolta de dez mil cavallos, que ficáraõ a poucas legoas de distancia de Damaõ. Tanto que o aviso della chegou a Goa, o Viso-Rei sem perda de tempo sahio ao mar com a respeitavel armada de nove galés, oito galeotas, cinco galeões, setenta e seis fustas, em que embarcou toda a Nobreza, tres mil Portuguezes, muita gente da terra, quantidade de marinheiros, e com viagem feliz chegou a Baçaim, dando de si ás praças do norte huma vista agradavel e guerreira.

Engrossando em Baçaim a armada com mais quinze navios, informa-

do

do de que os Mogores estavaõ duas legoas distantes de Damaõ, appareceo á vista desta praça com o apparato de cento e treze vélas, que atroáraõ os remotos horisontes com huma salva real de toda a artilharia. O seu estrondo fez parecer aos Mogores que se resolvia a maquina do Universo, e avisando ao seu Rei, que estava em Baroche, elle passou a Surrate para ficar mais perto do lugar das expedições, que devia metter em obra. Ellas se reduziraõ a mandar huma Embaixada por Ministro habil, que o Viso-Rei recebeo com apparato soberbo a bordo da Galé Capitania, que occupava o centro da armada posta em linha pelo rio de Damaõ: espectaculo para o Embaixador alegre, logo horrendo, quando vio milhares de bocas de bronze vomitarem em obsequio seu diluvios de fogo. O Viso-Rei o recebeo rodeado de 200 Fidalgos brilhantes, nos gestos intrepidos, e mettidas em uso civilidades delicadas, se tratáraõ nellas propostas de paz.

Era vulg

Pa-

Era vulg.

Para ellas se concluirem, o Viso-Rei mandou da sua parte com o mesmo Ministro, e com igual caracter ao bem instruido Antonio Cabral, que foi recebido pelo Mogor com honras semelhantes ás que o seu Embaixador acabava de experimentar entre os Portuguezes. Em poucas conferencias se ajustáraõ vantagens consideraveis para o Estado da India: o Mogor se recolheo a Amadabá, aonde acabou de assegurar os negocios de Cambaia: temeroso de que os Liquios, e Patanes na sua ausencia lhe invadissem os Estados proprios, como inimigos irreconciliavies, cuidou em recolher-se: levou comsigo ao Rei fantasma da Magestade em Cambaia: a Itimiticaõ, e aos mais Generaes, que lhe entregáraõ o reino, pela sua perfidia lhes mandou cortar as cabeças, dizendo judicioso: Que naõ devia perdoar a traidores capazes de o venderem a elle, assim como sem motivo lhe haviaõ entregado por ambiciosos o Rei, e a patria. O Viso-Rei satisfeito da paz, que celebrá-

ra com taõ grande Monarca; mas afflicto pela noticia, que recebeo em Damaõ da morte de Gonçalo Pereira Marramaque, e da triste figura das Ilhas Molucas, se recolheo para Goa a tomar as medidas necessarias neste importante negocio.

Era vulg.

Muitos, e graves achou elle, que pediaõ expediçaõ pronta. Para acudir aos arruinados das Molucas despachou a Antonio Valadares de la Cerda com duas náos, e tres galeotas, estas que foraõ invernar a Ceilaõ, aquellas que seguiraõ a sua viagem. Porque o Çamorim fazia movimentos, que indicavaõ idêas perniciosas contra a fortaleza de Cranganor, mandou passar o inverno no seu porto a Vicente Dias de Villalobos com duas galés, e cinco fustas. Estes intentos do Çamorim, victorioso sobre Chale, com a guerra ainda declarada, todas as suas forças em pé, pediaõ huma circunspecçaõ attenta. Com ella senaõ embaraçou Antonio Moniz Barreto, que desejoso de entrar no seu governo de Malaca, segundo a ordem da reparti-

Era vulg.

tiçaõ referida, pedia ao Viso-Rei lhe fizesse pronta a armada com dois mil homens, como ElRei determinára no reino, naõ fazendo lembrança, que de quatro mil, que embarcáraõ em Lisboa, dos quaes se havia tirar aquelle numero, naõ chegáraõ á India a metade; que a guerrra dilatada contra tantos Reis havia consumido muitos homens; e que o Estado naõ se via em situaçaõ de tirar de si para mandar a Malaca tanta gente, e tantas náos.

Proposta a materia em conselho se resolveo, que como no reino se ignorava a grande guerra da India ainda naõ acabada; como morrêra tanta gente na viagem; como era preciso despedir muitas frotas para diversos lugares; que por este anno se contentasse Antonio Moniz com levar para Malaca 500, ou 600 homens, que no anno futuro seriaõ reforçados por maior numero. Foi-lhe communicada esta deliberaçaõ, mas elle, seja porque desejava entrar no seu Governo com apparato, seja porque temia o sitio do Achem, de que se mandavaõ noticias confusas; fir-

me

me se manteve em naõ sahir de Goa sem a quantidade de homens, e náos, que ElRei lhe destinára. Elle fez tamanho estimulo pessoal das impossibilidades da India, que escreveo á Corte de Lisboa cartas, que vaporavaõ fel, e amargura: cartas, que representavaõ o victorioso Estado na situaçaõ mais florecente, capaz de fornecer Malaca com seperabundacia: cartas, que figuravaõ taõ proxima a ruina desta cidade, como descreviaõ a das Molucas, os apertos de Gonçalo Pereira, de Ternate, de Amboino, a assistencia dos Castelhanos em Cebu, tudo pontos criticos, que naõ soffriaõ dilaçaõ no remedio: cartas em fim, que sem mais informaçaõ, foraõ bastantes para ElRei mandar depôr a D. Antonio de Noronha do governo da India, como veremos.

Era vulg.

Ruy Gonçalves da Camara governava por este tempo a fortaleza de Barcellor, que mal guarnecida, e sem os necessarios provimentos para huma boa defensa, era freio insoportavel aos naturaes da terra impedidos

pa-

;ra vulg. para as suas piratarias. Elles se ajuntárað em bastante numero, e a sitiárað no principio do Inverno com a confiança de a renderem em poucos dias. O valor do commandante, bem provado em Chaul, suprio todas as necessidades, até chegar o primeiro soccorro, que o Viso-Rei lhe mandou em tres galeotas. Depois enviou segundo mais consideravel por D. Jorge de Menezes o Alferes môr, que levava ordem de castigar no rio de Sanguiser ao Naique levantado com a ruina da sua povoaçaõ, e navios, que tivesse no porto. D. Jorge tudo executou com gentileza na testa de 300 homens, que destroçárað mil e quinhentos dos inimigos. Custou-nos a victoria a perda de André de Sousa, e de Pedro Boto Meirelles, que ficando com poucos soldados de guarda da armada, naõ podendo conter-se sem acudir ao ruido do combate; quando D. Jorge se retirava triunfante, elles o desencontrárað, e entrando huma rua da povoaçaõ, aonde acudirað muitos Mouros, os rodeá-

rað,

raõ, e degolláraõ a todos havendo o- Era vulg.
brado na sua defensa as monstruosas
façanhas, que ainda chegáraõ a ver
os que lhe acudiraõ, e trouxeraõ de-
capitados os seus cadaveres. Sentio D.
Jorge estes effeitos vulgares da teme-
ridade, e desobediencia; navegou pa-
ra Barcellor, e achou o campo aban-
donado pelos inimigos, que naõ po-
déraõ soportar o pezo dos golpes da
espada de Rui Gonçalves da Cama-
ra, o mesmo homem em Barcellor,
que em Chaul.

Entre tantos empenhos, naõ deo
pouco cuidado o da violaçaõ da paz
pouco antes acabada de ajustar com
o Hidalcaõ solemnemente. D. Henri-
que de Menezes que andava a corso
na Costa de Dabul, sabendo da mes-
ma cidade, que haviaõ chegar a ella
duas náos de Meca importantissimas,
e pertencentes áquelle Principe: im-
paciente na maldita fome do oiro,
determinou fazellas de boa preza se
viessem sem passaportes Portuguezes.
Elle se encontrou com ambas; mas
separadas, naõ querendo as suas tri-
pu-

a vi lg. pulações deixar-se registar, antes defendendo-se com coragem de huma esquadra de oito galeotas, perdêraõ as prezas, e as liberdades com honra. D. Henrique estimando por vantagem huma injustiça notoria, voltava para Goa com o importantissimo roubo, quando a pouca distancia de Dabul o assaltou huma tormenta furiosa, que foi o verdugo do seu crime. Huma das náos tomadas se desfez nos cachopos: elle deo á costa em hum dos portos do Hidalcaõ: foi levado á sua presença com 50 infelizes naufragados, que todos mandou metter em asperas prizões, aonde soffrêraõ largo tempo o mais duro cativeiro, inexoravel o Principe a conceder-lhes o resgate: deo o mesmo tratamento a quantos Portuguezes commerciavaõ nos seus Estados confiscando-lhes os bens: victimas innocentes, que foraõ immoladas em pena da avareza de huns poucos de culpados.

O resto da frota com a outra náo soffreo o tempo; mas vinte legoas an-

tes

tres de chegar a Goa teve o fatal encontro com huns poucos de Paraos do Malabar, que os Officiaes prudentes, e maltratados da tormenta naõ queriaõ investir, nem arriscar a importancia da náo. A tudo prevaleceo a temeridade de Antonio Mascarenhas, que ia por commandante, e que perdeo tudo. Depois delle morto no combate, desgraça em que o acompanhou o estimavel Fernaõ de Sousa Coutinho, a náo, e a esquadra se entregou por bom partido aos victoriosos Malabares, que em huma fusta mandáraõ a gente para Goa sem preza, sem reputaçaõ, com hum Principe visinho, e poderoso escandalizado com justiça. Naõ se poupou o Visó-Rei a diligencia, primeiro para saber o destino de D. Henrique, depois para o resgatar. Para o primeiro fim mandou sahir com alguns navios a Fernaõ Telles para correr a costa, donde voltou com brevidade a informallo, como D. Henrique, e muitos Portuguezes estavaõ prezos em Religaõ com grande aperto, e os Mercadores

Eta vulg.

1573

Era vulg. res confiscados pelo Hidalcaõ, que clamava furioso contra a nossa iniquidade. Para o segundo fim, sendo inuteis as negociações com o Principe inexoravel, o Viso-Rei intentou remediar hum absurdo com outro abysmo. Tal foi a ordem, que elle deo ao mesmo Fernaõ Telles de sahir ao mar com huma armada para tomar outras duas náos muito ricas, que o Hidalcaõ esperava de Meca, com o designio de as cambiar pelos prisioneiros. Mas neste meio tempo nós vamos a vêr qual foi o destino fatal deste benemerito Fidalgo em remuneraçaõ dos seus muitos serviços.

A carta de Antonio Moniz Barreto o negociou em Lisboa com tanta prontidaõ, que nas quatro náos do reino, que chegáraõ commandadas por D. Francisco de Sousa, lhe veio o mais estranho despacho. Este Chefe apenas pôz os pés em terra foi entregar ao Arcebispo as Instrucções, que trazia da Corte concebidas nestes precisos termos: Que se o Viso-Rei D. Antonio de Noronha naõ tivesse

man-

mandado a Antonio Moniz Barreto pa- Era vulg.
ra Malaca, ou naõ estivesse já para o despachar, em tal caso se abrisse huma successaõ do governo da India, que se mandava, e chamados á Sé o mesmo Antonio Moniz, o Commandante da armada do reino D. Francisco de Sousa, o Secretario, o Vedor da Fazenda, o Governador da cidade D. Pedro de Sousa, os Vereadores, Officiaes da Camara, Desembargadores, Fidalgos, e mais pessoas publicas, elle Arcebispo na presença de todos fizesse logo entregar o governo da India ao dito Antonio Moniz Barreto, e que D. Antonio de Noronha se embarcasse para o reino na náo capitania com o seu Chefe D. Francisco de Sousa quasi como prezo.

Este procedimento taõ estranho ainda o fez mais estranhavel a precipitaçaõ do Arcebispo D. Gaspar, homem na verdade respeitavel pelas suas cans, pela sua santidade, litteratura, e emprego: mas tambem na verdade homem ignorante na dexteridade dos negocios civís, taes como os desta natureza, em que logo commetteo

Era vulg. huma falta enorme, indigna de se confrontar com aquelles caracteres, que lhe competiaõ, e que eu acabo de lhe imprimir. Elle, devendo tomar conselho prudente em materia taõ grave, e interpretar benignamente as ordens da Corte, especialmente na clausula: *Ou naõ estivesse já para o despachar*: esperando até ver se o despachava; transportado de hum zelo imprudente, se a caso entaõ se naõ deixou tocar da vaidade, que ordinariamente investe com os Ecclesiasticos quando se contemplaõ executores de Decretos semelhantes; elle fez quanto lhe mandavaõ; logo, de repente, com huma obediencia naõ só cega; mas sem olhos.

Antonio Moniz Barreto tomou logo posse do Governo da India em premio de ser o verdugo da honra do innocente Viso-Rei D. Antonio de Noronha, benemerito filho de D. Martinho de Noronha, e marido de D. Francisca de Noronha, irmã de D. Fernando Alvares de Noronha, General das galés, Sumilher delRei D.

Sé-

Sebastiaõ, e que taõ alta figura representava em Portugal. Acabado o acto terrivel, com o mesmo passo, e igual imprudencia, o Arcebispo, seguido de todo o concurso tumultuoso, foi em pessoa intimar ao Viso-Rei a sentença da sua deposiçaõ, e mostrar-lhe o seu lugar occupado pelo proprio accusador. D. Antonio com a presença de espirito, que costuma ser inseparavel dos heroes, ouvio inalteravel o tom das ordens já executadas. Elle se satisfez com dizer moderado: Que nada merecia do que com a sua pessoa se executava; mas que como ia para o reino, esperava da equidade do Rei lhe fizesse justiça. A India se encheo de escandalo: ninguem desculpava ao Arcebispo: Antonio Moniz Barreto sim era attendido como Governador; mas olhado por hum injusto.

Era vulg.

Desgosto taõ pezado foi bastante para tirar a vida aos dois illustres irmaõs, que eraõ mulher, e cunhado de D. Antonio de Noronha. O Ministro em Portugal façanhoso, que

Era vulg. passou sem consideraçaõ a ordem precipitada, della, e de outros casos iguaes na injustiça, concebeo tal horror, que tambem lhe naõ tardou a morte antes da do seu Rei na sugerida empreza de Africa. O Viso-Rei deposto se embarcou com os cortejos de homem mal visto, ainda que merecedor por todas as suas qualidades das maiores honras. Chegou a Lisboa; foi ao Mosteiro, aonde jazia sua mulher para a encommendar a Deos, e dizendo-lhe o Prelado, que seu filho D. Antonio era tambem falecido; a alma combatida do tropel de tantas fatalidades, rompeo no transporte de o fazer dizer alto: Homem sem mulher, sem filho, e sem honra, de que te serve viver? Estas vozes taõ conformes com as do grande Affonso de Albuquerque, ellas iguaes no poder para matar, naõ foraõ vozes, que chamassem os mortos a Juizo; mas vozes, que por falta de Juizo, chamáraõ os vivos para a morte. Ás maõs de huma injustiça morreo D. Antonio de Noronha, e ElRei D. Sebastiaõ que a conheceo

car-

tarde, quando a quiz remediar naõ lhe pôde applicar a cura. Era vulg.

Erradas foraõ estas honradas mortes. Quem devêra morrer de melancolia, e de pejo haviaõ ser o Arcebispo de Goa, e Antonio Moniz Barreto; mas elles naõ morrêraõ. O formidavel Ministro, que extorquio o Decreto, foi o que cumprio os seus deveres. Elle se deixou morrer corrido, envergonhado de se descobrir ao mundo inconsiderado, injusto, pouco reflexivo; tudo igual á simplicidade, ou vaidade de hum Ecclesiastico devoto; tudo porem huma imagem bella do vacuo das cousas humanas, que assim nos mostraõ a vida, e a honra de hum homem de merecimento, collocado luz brilhante sobre o candieiro da Republica, dependente ao mesmo tempo dos sopros de outro homem; turbilhaõ violento das suas paixões, interessado na causa propria, nas suas informações dando pezos em balanças falsas. Tal foi neste exemplo de terror Antonio Moniz Barreto, de alguma sorte elle mesmo o seu author,

Era vulg. e executor. Mas quem ha de dar credito, como logo veremos, que este mesmo homem, sem temor de huma Corte taõ sevéra, á vista com tal exemplo, elle se arroja, elle se precipita logo, sem demora no mesmo crime porque D. Antonio de Noronha he castigado?

CAPITULO VIII.

Continúa-se com á narraçaõ destes successos, e se trata do sitio, que o Achem pôz a Malaca.

No referido acto publico celebrado na Sé, se abriraõ as successões para se saber quem havia ser successor de Antonio Moniz, Governador da India, no governo de Malaca, e do seu districto, segundo a forma da repartiçaõ feita por ElRei. O primeiro nomeado era Gonçalo Pereira Marramaque; mas como este havia falecido nas Molucas, cahio a sorte em D. Leoniz Pereira, que tinha de possuir em propriedade o mesmo governo, que ob-

tivera interino. Já por estes tempos o terrivel Achem, ou fosse como Principe contratante na grande alliança com os Reis do Indostaõ, ou fosse para vingar as duas affrontas, que soffreo nas duas invasões, que fez sobre Malaca: elle se apresentou agora com todo o seu poder naval, e terrestre sobre a mesma praça, entaõ governada pelo Alcaide môr na falta do seu Governador D. Miguel de Castro. Com sete mil homens deo elle a primeira investida á povoaçaõ de Ilher, que ficaria reduzida a cinzas, se huma chuva repentina naõ apagára o incendio; mas nós sentimos a perda do alentado homem D. Joaõ Bandara, commandante do corpo dos seus Gentios, que morreo com intrepidez neste choque.

Era vulg.

Com igual esforço intentou o Achem dar fogo aos navios, que estavaõ no arsenal, e naõ o podendo conseguir, estabeleceo quarteis, e entrou a fulminar a praça. Depois informado, de que nella faltava tudo, para evitar, que os poucos homens inca-

pa-

Era vulg. pazes de se render sem matar, lhe diminuissem as tropas, resolveo em poucos dias rendellos por fome. Com este designio tomou todas as avenidas por onde podiaõ entrar mantimentos na cidade, até ao rio de Muar, levantando o campo, e postando a armada pelas cinco legoas, que *ha* entre ella, e o dito rio. Os poucos, e miseraveis Portuguezes, que estavaõ na cidade criminosa, centro da avareza, e da luxuria, reduzidos a huma consternaçaõ extrema naõ pensavaõ defender-se, senaõ por meio de lagrimas, penitencias, procissões, e votos, que applacassem o Ceo irado. Parece que elles o conseguiraõ do Pai das misericordias, que naõ pôde ouvir os gemidos dos homens sem se enternecer. Nesta situaçaõ a mais triste, a providencia traz a Malaca com huma só náo vinda do Sunda a Tristaõ Vaz da Veiga, e com elle a D. Francisco Henriques: dois Fidalgos, que fazendo os officios de Anjos Tutelares, vieraõ ensinar Malaca a crêr na esperança contra a mesma esperança.

Ta-

Era vulg.

Toda a cidade ouvindo fallar a Tristaõ Vaz palavras de vida, quando ella se considera nas garras da morte, pedem, que lhe acuda. Elle, cheio de huma coragem intrepida, de huma Fé incontrastavel, toma sobre si o importante empenho de defender Malaca. Elle vai ao arsenal, e manda deitar ao mar nove, ou dez galeotas, e fustas, sem se embaraçar com as vêr podres, algumas sem vélas, as munições poucas, os mantimentos escaços. Elle pede o honre com a sua companhia, e lhe assista o conselho das suas veneraveis cans ao illustrissimo velho, em todas as suas idades o bravissimo Fernaõ Peres de Andrade, que se achava em Malaca. Elle embarca trezentos semi-homens meio acabados da fome, e vai em busca dos inimigos, que encontra no Rio Formoso formados em batalha, no numero, e nas forças temiveis á vista. Elle, com huma resoluçaõ heroica, depois de largar a outro a sua náo, e se metter em huma galeota ordinaria para mostrar aos

com-

ra vulg. companheiros, que lhe naõ quer ser desigual nos perigos, ataca denodado a capitania. Elle sustenta o combate, hum dos mais sanguinolentos, e temerarios, que viraõ as idades, toma quatro galés, sete fustas, mette muitas a pique, mata setecentos barbaros, em fim, elle salva Malaca, aonde foi recebido em triunfo, e rogado para a ficar governando em premio da sua façanha.

Quando succediaõ estas cousas, o novo Governador da India provia negocios differentes, sendo os primeiros ordenar a Fernaõ Telles, que suspendesse a diligencia de esperar as náos do Hidalcaõ, e a D. Antonio de Menezes, que partisse com huma esquadra para a costa do Canará em guarda das nossas cafilas. Chegáraõ porem a Goa as noticias dos apertos de Malaca; as dos sustos, que ainda tinha de outra vinda do Achem; as dos receitos, de que contra ella se dirigiaõ os grandes aprestos, que fazia a Rainha de Japará; as da falta, que nella havia de homens, de navios,

1574

de

de munições, e de viveres: tudo circunstancias pressantes, que obrigáraõ ao seu novo Governador D. Leoniz Pereira fazer representações ao Governador da India semelhantes ás que elle fizera ao seu Viso-Rei D. Antonio de Noronha, quando era Governador de Malaca. Ora aqui temos a Antonio Moniz Barreto mettido no mesmo caso, de que elle se servio para botar a perder aquelle infeliz Viso-Rei; o mesmo caso com ordens mais apertadas, que as do mesmo Viso-Rei; em situaçaõ muito mais critica, que a primeira; elle desembaraçado, e com mais meios para executar as ordens, no que ha huma grande differença: mas nós vamos a ver como Antonio Moniz se conduz no mesmo caso.

D. Leoniz Pereira fez o seu requerimento com termos muito moderados, contentava-se com muito menos, do que Antonio Moniz como Governador de Malaca pedia ao Viso-Rei da India. Dizia-lhe, que naõ era sensivel ao Estado preparar a sua partida com o moderado soccorro, que pedia, quando elle se via livre das

Era vulg

ra vulg. oppressões, que lhe causára a conjuraçaõ dos Reis alliados; quando naõ tinha inimigos; quando as suas tropas estavaõ desembaraçadas. Mas Deos, que queria vingar a memoria innocente do Visó-Rei arruinado pela mesma maõ do seu verdugo; deo coragem a Antonio Moniz Barreto para naõ conceder a D. Leoniz Pereira *nem ainda a* quarta parte do que ElRei mandava nas suas ordens para a defensa de Malaca. Esta resulta sahio de hum conselho semelhante ao que convocou D. Antonio de Noronha, entaõ reprovada, agora resulta seguida, e conforme ás intenções de Antonio Moniz Barreto. Este porem, tendo tanto de mais criminoso, que o outro, a sua fortuna foi mais vantajosa, *ou* por naõ haver hum interessado, que o denunciasse á Corte, ou porque nella fazia a sua desobediencia menos vulto.

De que os homens saõ, ou deixaõ de ser ser culpados segundo as intenções dos Ministros de quem elles dependem, naõ só he huma prova evidente os successos encontrados des-

te

te Viso-Rei, e do seu successor, hum pelo mesmo crime castigado, o outro impunido; mas o do infeliz velho D. Jorge de Castro, que entregou ao Çamorim a fortaleza de Chale. Se a severidade da Corte fazia castigar este reo, ella era obrigada a mandar formar o processo a outros co-reos muito mais culpados, que elle na mesma entrega. Naõ aconteceo assim; antes nestes naõ se fallou palavra; contra D. Jorge se mandáraõ actuar as culpas, sobre que recahio a sentença de morte, que com effeito foi executada o anno seguinte ao que tratamos, sendo-lhe cortada a cabeça em hum cadafalço na praça de Goa. O que tem mais de admiravel neste caso, fóra de toda a ordem, he o discernimento illuminado do mesmo Ministerio, que mandou castigar a D. Jorge como reo; enviar-lhe hum anno depois Patente para Governador de outra praça na India, honras, e mercês distinctas.

Era vulg.

Antonio Moniz Barreto depois de se conduzir com D. Leoniz Pereira sobre os soccorros de Malaca como dei-

Era vulg. xo referido, elle entrou em negociaçõs com o Hidalcaõ, que lhe mandou dar os parabens do governo, e pedir a restituiçaõ da importancia das duas náos de Meca, como preliminar para a entrega de D. Henrique de Menezes, e dos mais prisioneiros, que retinha em seu poder: negociações, que por entaõ naõ produziraõ algum effeito. Na companhia de Fernaõ Telles, que se recolheo na forma da ordem, que se lhe mandou, para naõ buscar as outras náos, que o Hidalcaõ esperava de Meca, vinha hum Embaixador do Rei dos Mogores, que foi recebido em Goa com apparato magnifico. Depois mandou ao mesmo Fernaõ Telles a cruzar nos mares do Malabar, aonde aprezou cinco paraos, e huma grande náo do Çamorim.

Contra a infeliz Malaca cresciaõ os inimigos ao passo, que em Goa se augmentavaõ os descuidos tanto a seu prejuizo. A Rainha de Japará, naõ se desgostando da derrota passada do Achem para ella só ter a gloria de

render a praça sem o concurso daquelle seu Alliado: ella mandou sahir ao mar a sua poderosa armada de 300 vélas, em que entravaõ 80 juncos com as proas em Malaca. Ainda a governava Tristaõ Vaz da Veiga, que a tinha fortificado com alguns pequenos soccorros enviados pela Providencia naõ ordinaria para elle outra vez ser o seu Anjo Tutelar. Quinze mil Jaos desembarcáraõ para formarem o sitio com todas as regras, e tomáraõ quarteis. D. Antonio de Castro com dez homens quiz medir-lhes o compaço dos primeiros movimentos na praia, logo que elles pozéraõ os pés em terra; mas a sua audacia lhe custou a vida. O Vedor da Fazenda Martim Ferreira com temeridade mais feliz lhes forçou a primeira trincheira, aonde degollou a muitos, e se recolheo á praça com o despojo de sete peças de campanha.

Era vulg.

Bem instruido por Tristaõ Vaz, em todos os tres mezes, que durou este cerco, se fez nelle memoravel Joaõ Pereira de Sampaio. Commandando a nos-

sa

Ira vulg. sa pequena armada, e sabendo, que os Jaos com o descuido, que lhes inspirava o seu poder, tinhaõ a sua mal guardada no rio dos Malaios, deo sobre ella huma noite; queimou-lhe trinta juncos, e se recolheo com muitos mantimentos, que entaõ eraõ os despojos de maior valor. Esta perda fez aos inimigos circunspectos para nos impedirem as sahidas ao mar de Malaca com huma maquina alterosa, que ao mesmo tempo lhes servisse para atacarem hum dos baluartes da fortaleza. Joaõ Pereira acompanhado da respeitavel pessoa, e longas experiencias de Fernaõ Peres de Andrade, que na defensa de Malaca havia ganhado victorias de tanto estrondo; depois de hum rudo cambate, em que matáraõ muitos dos inimigos, lhes abrazáraõ a maquina; lhes impediraõ a entrada dos mantimentos no campo, e aos sitiantes os deixáraõ quasi na figura de sitiados.

Os Jaos com a ametade da sua gente morta, huma a ferro, outra da epidemia, que lhe atacou o exerci-

to, naõ querendo sujeitar-se ás exorbitantes condições da paz, que mandáraõ pedir ao Governador: elles se embarcáraõ com precipitaçaõ tal, que a retirada tinha todas as realidades de huma vergonhosa fugida. Fosse que elles se assustassem da intrepidez de Joaõ Pereira, que lhes naõ dava descanço; fosse porque as enfermidades os diminuiaõ, ou fosse porque temiaõ a vinda do Achem, que os acabasse de derrotar, sendo voz constante a sua volta sobre Malaca com maior poder; a sua armada, sem ordem cuidou em se salvar, e encontrou a ruina. Joaõ Pereira longo espaço lhe foi picando a retaguarda taõ afoito, e destemido, que se os soldados naõ estivessem taõ fracos da fome, hum só dos navios chegaria ao seu porto; mas pela boa diligencia em fugir, ainda recolhêraõ nelle a terceira parte das suas forças. O immortal Tristaõ Vaz da Veiga, já livre destes adversarios, cuidou em se preparar para fazer outra hospedagem semelhante ao Achem, que naõ tardou

Era vulg.

muitos dias em lhe bater á por
rém como a sua chegada foi e
vereiro do anno seguinte, nós
mos concluir os mais successo
pertencem ao prezente.

CAPITULO IX.

Escreve-se a viagem do Gover
Francisco Barreto á conquista
Minas do Monomotapa.

Como ElRei D. Sebastiaõ ti
seu Throno rodeado de delicad
bitristas, foi-lhes facil capaci
de que as minas do Monomotap
hum pelago inesgotavel de riqu
e a sua conquista taõ facil de l
como elles eraõ pouco pensad
propór, faceis em dizer, acti
conseguir. Daqui nascêraõ as tr
visões do Governo da India, p
cendo a Francisco Barreto, de
do Conquistador das Minas com
tente de Capitaõ General, tudo
to corre entre o Cabo das Corr
e o de Guardafu. Já eu fallei n

vezes neste respeitavel Fidalgo, agora General das Galés do Reino, quando o mostrei Governador da India, e quando o fiz ver triunfante na conquista do Penhaõ de los Velez auxiliando com as nossas armas as de Filippe II. de Hespanha. Tambem eu deixo feita a descripçaõ do Imperio do Monomotapa na occasiaõ, em que lhe foi mandado o P. Gonçalo da Silveira, que reduzio á Fé o Principe, e a sua mãi, depois enganados pelos Mouros, que maquináraõ o martyrio do mesmo Padre.

Era vulg

He digno da nossa admiraçaõ, que ElRei enganado pelos que lhe sugeriraõ, ou as ganancias monstruosas das minas do Monomotapa, ou os avances da Religiaõ no seu Imperio; elegesse para huma commissaõ, que nós podemos chamar de bem pouco vulto, ou de bem pouca monta, a hum Fidalgo do caracter de Francisco Barreto, General, que era das Galés, Governador, que foi da India, taõ honrado por Filippe II. na empreza do Penhaõ; mas era Francisco Barreto,

Era vulg. que por fazer sombra ao partido dominante da Corte, lhe seria necessario, como luz, desterrallo para muito longe. Para inspector das suas acções, para conselheiro dos seus expedientes lhe foi destinado hum homem de espirito taõ façanhoso, como era o Jesuita Francisco de Monclaros, e para a execuçaõ do projecto tres náos com mil homens. Na que elle montou embarcáraõ trezentos, ou mais Fidalgos, que ouvindo dizer iaõ a buscar oiro, se offereciaõ em tropas; menos attrahidos de acompanharem semelhante General, que arrastados da fome maldita do metal, que arroja os peitos humanos a todo o genero de destemperos. Das outras duas náos eraõ Capitães Vasco Fernandes Homem, que havia succeder a Francisco Barreto no caso de falecer, e Lourenço de Carvalho, que arribou ao reino.

Sahio Francisco Barreto de Lisboa em Abril de 1569, foi invernar á Bahia, e Vasco Fernandes Homem a Moçambique, aonde esperou o seu Chefe até ao anno seguinte. Quan-

do

do elle chegou ao mesmo porto, e naõ vio a náo arribada de Lourenço de Carvalho, suspendeo a jornada das Minas para esperar maior reforço na vinda das primeiras náos do reino. Para naõ estar ocioso tanto tempo, Francico Barreto quiz visitar a costa de Melinde, castigar o Rei de Pate, que se havia levantado com os tributos, e ajuntar em Moçambique grande copia de mantimentos para a expediçaõ do Monomotapa. Tudo elle conseguio com summa felicidade, e quando se recolheo áquella praça, achou nella as duas náos, que dissemos lhe mandára da India seu cunhado o Viso-Rei D. Luiz de Ataide com cavallos, e provimentos para a mesma expediçaõ. Porque pelas noticias, que ellas trouxeraõ, soube a conjuraçaõ dos Principes do Indostaõ contra os Portuguezes, e que Chaul esperava por todo o poder do Nizamaluco, o pobre General, que vinha feito hum subalterno do Jesuita Francisco de Monclaros ignorante dos negocios da guerra, naõ podendo conter os impetos

Era vulg.

do

ai vulg. espirito generoso, nem faltar á docilidade forçada de se submetter ás decisões do Padre superior, disse: Que lhe parecia maior serviço delRei ir acudir a Chaul, que marchar á viagem das Minas: viagem, que se podia differir sem prejuizo para outro tempo.

Quando elle assim pensava, chegou a Moçambique o Viso-Rei D. Antonio de Noronha, que como levava para a India taõ grande poder, escusou a Francisco Barreto o seu glorioso projecto. Como elle naõ trazia arbitrio proprio, todo subordinado a Monclaros, vendo-se em Moçambique com hum Viso-Rei da India, velho, e experimentado, com seu parente Antonio Moniz Barreto, Fidalgo de muitos annos de serviço na mesma India, em Africa, e no reino, com quantidade de nobreza illuminada, com muitos Religiosos sabios, entre elles o Monclaros; quiz que todos em conselho decidissem por qual dos caminhos havia elle emprender a conquista das Minas: se pelo da Serra, e Mo-

mo-

nomotapa, se pelo de Çofala que todos representavaõ mais facil. Resolveo Assemblea taõ veneravel, que elle devia tomar o segundo caminho pelas razões, que com bem de reflexaõ se ponderáraõ, naõ havendo mais voto contrario, que o do poderoso Monclaros.

Era vulg

Com a decisaõ assinada por todos em hum termo authentico, Francisco Barreto entrou a despedir para Çofala muitas embarcações com os provimentos necessarios. Mas ella, e as suas solemnidades, de que importavaõ, se para desfazer tudo bastava hum sopro do Jesuita? Francisco Barreto, que nunca conheceo o medo senaõ para o desprezar, á vista do desagrado do seu superior Monclaros, teve tal temor dos Prelados da Companhia, e do façanhoso Mestre del-Rei, como diz o nosso Couto, que houve de fazer nova Junta para propôr o negocio. Nella se revogou quanto se tinha determinado na primeira e seguida a vontade do Padre, q' queria se fizesse a jornada pelo cam

nho

Era vulg. nho da Serra, houve o General de desfazer as suas disposições sabias para se conformar com as de hum teimoso ignorante, que com zelo affectado da maior gloria de Deos, foi causa de se malograrem todos os projectos.

No mez de Novembro, em quantas embarcações haviaõ em Moçambique, com todas as prevenções, que naõ podiaõ escapar á perspicacia de hum General taõ previsto, sabio, e experimentado, Francisco Barreto se embarcou para a desgraçada conquista das Minas de Butuá, e de Manicás no Monomotapa. Com viagem feliz navegou as noventa legoas de Moçambique ao Rio dos Bons Sinaes, que assim chamou Vasco da Gama ao Quilinamé, quando fez a primeira jornada da India, e lle hum dos rios de Cuama. Postado em terra o exercito de mil homens, alguns cavallos, a artilharia de campo, e bagagens, ficando no rio as embarcações, os Portuguezes rompêraõ a marcha em bella ordem pelas suas margens acima. Nos primeiros dias foi logo conhecido o

acerto do conselho do formidavel Monclaros em os encaminhar pela visinhança das terras dos Mouros, seus mortaes inimigos, que envenenáraõ as aguas para consumirem a todos em huma guerra sem sangue. Penetrada a impiedade pela vigilancia do General, teve de os mandar passar a todos á espada excepto hum, que reprovando a barbaridade dos seus, lhe dera o aviso a tempo.

Do forte de Sena chamado de S. Marçal, enviou elle embaixadores ao Impera[illegible] que prometteo obter delle quanto quizesse se cumprisse a palavra, que lhe mandava dar de fazer crua guerra ao Rei Mongas, que se levantára contra elle. Francisco Barreto tomou este empenho á sua conta: deixou os enfermos, e as bagagens em huma ilha, que ali fazia o rio, escoltadas por Ruy de Mello com hum corpo de tropas, e elle ao longo do mesmo rio marchou com o resto em demanda das terras do Mongas. A centos de milhares se lhe oppozeraõ por varias vezes estes salvagens, e ou-

ra vulg.

tras tantas foraõ desfeitos com mortandade espantosa por 600 Portuguezes de pé, e 50 de cavallo. Ao mesmo tempo que o ferro os cortava, o estrondo, e os effeitos das peças de campo, e da fuzilaria lhes causava tal horror, tanto os occupava a desordem, que cahiaõ apinhados huns sobre outros cadaveres servindo de tropeço aos vivos, que fugiaõ. Em tanta consternaçaõ o miseravel Mongas naõ teve mais remedio, que pedir a paz a tempo, que o General recebia avisos, de que o ingrato Antonio Pereira Brandaõ naõ só formava contra elle capitulos para enxovalhar a sua reputaçaõ na Corte; mas estava resoluto a naõ lhe mandar de Moçambique os provimentos necessarios para continuar na expediçaõ.

Este Antonio Pereira Brandaõ pela enormidade dos seus crimes, que eu escrevi delle, quando foi Governador das Molucas, a Corte de Lisboa o havia desterrado por toda a vida para Africa. Francisco Barreto, ompadecido da sua desgraça, pedio

a

ElRei liçença para o trazer comsigo, Era vul
e o fez Governador de Moçambique,
dizendo-lhe, que nelle podia adquirir hum bom dote para o casamento
de sua unica filha. Agora este ingrato homem, sem desmentir na idade
de mais de 80 annos a sua primeira inclinaçaõ malevola, se levantou taõ
indignamente contra o General seu bemfeitor, que obrigou a deixar a
empreza encarregada a Vasco Fernandes Homem, e vir em pessoa a Moçambique reparar os danos proprios,
e os do serviço do Rei maquinados por este máo homem. Todos esperavaõ de Francisco Barreto huma vingança correspondente á injuria, quando
o viraõ apartar-se só com Antonio Pereira, e mostrar-lhe os Capitulos caluniosos, que mandára á Corte contra elle. Mas o Barreto, mais que
nunca heroe, porque o reo humilde, choroso, arrependido se lhe lançou aos pés pedindo perdaõ, elle
lhe voltou as costas compadecido, derramando lagrimas, escondendo o
punhal a que mettêra maõ, como se

Fran-

a vulg. Francisco Barreto fosse o culpado, o Juiz Antonio Pereira.

Provido o Governo de Moçambique em Lourenço Godinho, despachados muitos mantimentos para o Rio Quilinamé, elle com varias embarcações tomou o mesmo rumo, e foi incorporar-se nas tropas para continuar a expediçaõ principiada. Naõ eraõ passados muitos dias, quando o Padre Francisco de Monclaros, arrogante como nunca, teve a audacia de entrar á presença de Francisco Barreto, digno das venerações de outras qualidades de pessoas, e dizer-lhe: Que desistisse da conquista das Minas, com que elle enganára a ElRei; que elle só era o culpado na perda da gente, que tinha morrido, e ainda morreria; que de tudo daria conta rigorosa a Deos, e ao Rei; e que pela naõ aggravar mais, abandonasse depressa expediçaõ semelhante. Ao golpe desta bala despedida de canhaõ, sabe Deos, e tambem o sabe o mundo, se atacado com mixtos infernaes, cahio por terra o grande Francisco

Bar-

Barreto; suspirou, gemeo, sem frio, nem febre, como se costuma dizer, em trinta horas morreo; e a graça he, que lhe assistiraõ á cabeceira como auxiliantes os seus mesmos verdugos.

Era vulg

Intentou o P. Francisco de Sousa mostrar innocentes éstes seus socios, que andavaõ pelos Certões do Monomotapa, naõ os levando a esta Regiaõ o espirito do P. Gonçalo da Silveira. Elle critica, morde, descompõe a Manoel de Faria e Sousa, porque escreveo a verdade em tempo, que attribuindo as linguas em particular muitas desordens verdadeiras aos Jesuitas, naõ havia penna, que se atrevesse a escrevellas com verdade em publico. Manoel de Faria o fez veridico, como Historiador; livre, como independente; resoluto, como sabio. Se Francisco de Sousa, antes de enxovalhar a reputaçaõ de Manoel de Faria, consultasse a Diogo de Couto, que nestes tempos estava em Moçambique, aonde vendeo a Francisco Barreto algumas peças de

pa-

ra vulg. panos, que trazia da India, elle emudeceria ouvindo-o dizer a respeito da morte do mesmo Francisco Barreto: Sobre esta morte naõ ha que fallar, mais que contar o caso como passou; que podera dizer muito; mas nem isso lhe ha de dar a vida, nem ha de acabar com os Religiosos, que deixem de se metter no governo temporal, que elles ignoraõ, porque o naõ aprendêraõ, e he cousa muito differente rezar, dizer Missa, confessar, e governar almas, do que dispôr as cousas da Republica, nem seus Prelados haõ de remediar nunca isto, de que por muitas vezes foraõ advertidos.

Na Hermida do Forte de S. Marçal junto ao Rio Quilinamé foi sepultado sem alguma pompa o cadaver do grande Francisco Barreto, achando-se-lhe de cabedal cento e vinte mil cruzados de divida, que contrahio para gastar na conquista; e porque lhe naõ ficáraõ filhos, deixou herdeira dos bens que possuia no reino a sua sobrinha D. Francisca de Aragaõ, mu-

lher de D. Joaõ de Borja, que foraõ pais de D. Carlos de Borja, Conde de Ficalho, Fidalgo de qualidades excellentes. Vasco Fernandes Homem que por ordem da Corte succedeo no cargo a Francisco Barreto, determinou proseguir a empreza; mas encontrou na sua testa a opposiçaõ do Padre Monclaros, que o constrangeo a voltar para Moçambique sem ver o semblante á sua fortuna. Aqui occorrêraõ dois incidentes, que o obrigáraõ a mudar de resoluçaõ, e continuar o projecto principiado. O primeiro foi a chegada da India de seu parente Francisco Pinto Pimentel, que lhe ponderou o perigo a que se expunha de abandonar a conquista das Minas sem ordem da Corte: o segundo a partida para o reino do Padre Monclaros na armada de Ambrosio de Aguiar Coutinho.

Aquella persuasaõ, e a ausencia deste temivel Jesuita facilitáraõ a Vasco Fernandes Homem seguir os vestigios de Francisco Barreto. Elle penetrou o Monomotapa, e a beneficio

da

Era vulg. da paz ajustada com o Dominante de Chincagá, chegou ao dezejado lugar das Minas de Manicás. Entaõ mostrou a vista mentirosos os rumores da fama; o trabalho imponderavel, que era necessario para romper as entranhas da terra, donde se tiravaõ taõ pequenas porções de oiro, que naõ faziaõ especie á mais insaciavel cobiça; e confirmada a paz com o mesmo Rei de Chincagá, cuidou em se retirar para Sena, aonde o deixaremos sem a gloria de concluir com proveito o seu destino. Este foi o fructo do projecto, que consumio hum thesouro, o precioso tempo, e muitos homens de valor, que empregados na India em situações taõ criticas, como entaõ eraõ as suas, teriaõ servido de grande vantagem ao estado.

CA-

Era vulg.

CAPITULO X.

Trataõ-se os ultimos successos da India até o anno de 1578, em que ElRei D. Sebastiaõ se perdeo em Africa.

Quando era taõ infeliz o exito da premeditada expediçaõ das Minas do Monomotapa; quando corriaõ á dessolaçaõ os negocios das Molucas; quando a opprimida Malaca sentia vexações extremas; nas visinhanças de Goa se preparava o theatro para a decadencia da reputaçaõ, que se havia adquirido a expensas de fadigas gloriosas. Antonio Moniz Barreto, que ainda governava o Estado, daqui em diante se vio rodeado de hum tropel de afflicções, que quiz, e naõ pôde remediar com vantagens do seu credito. Nas náos que chegáraõ do reino mandadas por Ambrosio de Aguiar Coutinho, em que acabei de fallar, recebeo a ordem para ser processado o illustre velho D. Jorge de Castro,

e teve o desprazer, de que no seu tempo fosse cortada a cabeça a hum Fidalgo de mais de oitenta annos, que toda a vida servira aos Reis de Portugal com fidelidade summa: Fidalgo de grande conselho, que governára as Molucas, muitas vezes a Cochim, ultimamente a Chale, e que depois de degollado, chegáraõ á India para elle cartas honradas, e mercês da mesma Corte, que o mandára sentenciar réo, como eu já deixo referido.

Nas pretenções da liberdade de D. Henrique de Menezes, de Christovaõ de Couto, e dos mais Portuguezes, que o Hidalcaõ retinha prisioneiros em pena da tomada das duas náos de Meca, foi elle mais bem succedido. Manoel de Moraes na sua Corte com o caracter de Embaixador, e os que elle enviou á de Goa, confirmáraõ a paz antes tratada com o Viso-Rei D. Antonio de Norónha, e em virtude della obtivêraõ a liberdade os infelizes prezos. Sem attençaõ alguma aos negocios de Malaca, que por todos

os principios lhe deviaõ levar as maiores attenções, o Governador empregou todos os cuidados com pouco fructo nos mares do Malabar, e do Norte, para onde despachou duas grossas armadas; a do primeiro mar ás ordens de Joaõ da Costa, a do segundo ás de Fernaõ Telles. Qualquer destas armadas empregada no serviço de Malaca, que a cada instante esperava nova visita do Achem, a livraria das calamidades immensas, que antes, e depois a rodeáraõ.

Era vulg

Mas o seu Governador nomeado D. Leoniz Pereira, vendo sahir de Goa tantas frotas a destinos de menos importancia, já impaciente pelo nenhum caso, que se fazia das suas representações: tirando todos os documentos com que podesse provar na Corte a actividade das suas diligencias, e o desprezo, com que Antonio Moniz as tratára, elle se embarcou para Lisboa nas náos de Ambrosio de Aguiar. Naõ nos consta, que nella as suas queixas produzissem sobre Antonio Moniz os effeitos, que as de Antonio

Moniz causáraõ ao Viso-Rei D. Antonio de Noronha em caso identico, e este com circunstancias muito mais aggravantes. Em fim, configurações do tempo, ou differença de efficacia nos Patronos, que tem actividade para mudar os semblantes á mesma identidade de figuras.

Partido para Portugul D. Leoniz Pereira, conheceo Antonio Moniz Barreto o seu erro, ou experimentou os effeitos da sua teima, quando na entrada de Fevereiro soou em Goa com estrondo o echo do formidavel poder, com que o Açhem marchava a sorprender Malaca, que levaria ao repellaõ mais ligeiro pela haver a Rainha de Japará deixado hum monte de ruinas, quasi sem guarniçaõ, sem armas, sem munições, nem vivres. Entaõ lembrou aprestar soccorros, tudo de tropel, e sem ordem; fazer avisos ás praças mais visinhas, para que soccorressem de mantimentos a sitiada, e despedir com doze navios a D. Francisco de Menezes, que chegou a tempo de chorar os primeiros estragos, e de dar

1575

gra-

graças ao Ceo por huma victoria toda de Deos. Elle conduzio ao novo Governador D. Miguel de Castro, filho do grande Viso-Rei D. Joaõ de Castro, que viera do Reino com este despacho, e teve a gloria de achar Malaca tantas vezes triunfante mais pelos esforços da Fé, que da espada do sempre memoravel Tristaõ Vaz da Veiga.

Desassombrada Malaca do sitio, que lhe pozéraõ os Jaos, como fica dito; o Achem, que estava preparado, e com as forças inteiras; bem informado da situaçaõ triste, em que as mesmas victorias tinhaõ deixado a praça: determinou ir recolher na sua posse o precioso despojo, que a pouca constancia dos Jaos deixára para elle no campo. No primeiro dia de Fevereiro appareceo o espantoso apparato da sua armada cobrindo os mares. Naõ perdêraõ a coragem cento, e cincoenta Portuguezes intrepidos, homens superiores á humanidade, que a guarneciaõ. Elles coroáraõ os muros determinados a mostrar nas forças ainda lassas os espiritos inteiros.

a vulg. O famoso Tristaõ Vaz parecia, que com as suas respirações infundia em cada hum delles novas almas. O mesmo fazia o bravo Joaõ Pereira de S. Paio ao numero quasi igual, que tinha na armada postada entre a Ilha, e a terra; que como se estivesse prevenindo, que era chegada a hora do seu glorioso fim, para todos acabarem com morte de luz, lhes encheo os corações de fogo.

No dia seguinte ao da sua chegada o Achem deo principio ás operações com o ataque da armada, que por haver sido no sitio passado o primeiro instrumento da nossa victoria, quiz remover da sua este tropeço. Elle a atacou com todas as forças unidas, com hum tal diluvio de balas de artilharia, que á vista dos destroços os espiritos mais intrepidos perderiaõ a coragem, se elles naõ estivessem resolutos antes a perder as vidas, que a abandonar os postos. Em poucos momentos tres náos foraõ crivadas, mortos os seus Capitães, setenta, e dois soldados destemidos, quarenta ficáraõ

pri-

Era vul

sioneiros, e de todas as tripulações apenas se salvárað a nado cinco homens. Para fazerem o espectaculo mais horroroso aos defensores da praça, que dos muros viað o combate, os Achens mettêrað a pique todos os nossos navios: vista horrivel, perda lastimosa, que provocárað a Malaca os suspiros, que já pareciað nascer dos ultimos arrancos. Nesta geral consternaçað, neste abatimento dos espiritos, Tristað Vaz da Veiga, ainda crendo na esperança contra a mesma esperança; chamando os consternados defensores de Malaca á sua prezença, lhes fallou assim:

Que fraqueza de ânimo he a vossa, camaradas invictos, porque experimentais hum revez da fortuna contraria? Com a perda, que acabamos de sentir, se applacou o Ceo; este golpe acabou de expiar os peccados da dissoluta Malaca. Agora se hað de seguir as benções do mesmo Ceo sobre nós. Elle nos reservou tað poucos para instrumentos das suas maravilhas

fn-

a vulg. futuras. Ninguem perca a coragem; que a Fé me anima a prometter-vos desses barbaros victoria taõ segura, como se já a tivessemos conseguida. Levantemos o coraçaõ, e os olhos ao monte, donde nos ha de vir o soccorro. Unaõ-se os votos da alma ás acções das maõs, e todos comigo vos deixai levar dos impetos do Espirito, que inspira aonde quer, e quer inspirar em nós. Eia Camaradas, vencer, ou morrer: nós nos arrojamos a huma obra, em que a sublimidade do objecto faz indistincta a gloria de triunfante, ou de morto. Qualquer dos dois destinos nos he decente: vós naõ sois capazes de deixar de abraçar qualquer delles na situaçaõ, em que estamos. Se vencermos, a victoria he de Deos; se morrermos damo-nos a Deos; sempre somos felizes, só desgraçados se vivos nos rendemos.

Como se cada palavra do Chefe fosse hum raio de luz illuminadora, confortante, dissipadora dos receios, cento e cincoenta homens correm á

ma-

maneira de exhalações aos lugares, que lhes estavaõ destinados para esperarem intrepidos huma multidaõ, sobre arrogante, já vencedora. Os inimigos, destruida a nossa armada, sem perda de tempo se postáraõ em terra, cercáraõ a praça, e a foraõ servindo com fogo continuado. Hum só tiro naõ quiz Tristaõ Vaz, que se disparasse sobre as suas trincheiras com o designio de poupar as munições para as empregar na resistencia aos assaltos. Semelhante providencia do advertido Chefe foi o instrumento, de que se servio Deos para lhe dar huma victoria sem sangue, que em tudo mostrasse ser obra da sua maõ poderosa. O silencio de Tristaõ Vaz, a mudez de huma praça sobre que chovia o fogo, a vista de homens calados coroando os muros como expectadores, de tal sorte sorprendeo o Achem, temeroso de algum dos ardís dos Portuguezes, que occupado de hum terror panico, levantou com precipitaçaõ o sitio, fugio sem saber

Era vulg

de

Era vulg. de que, e deixou livre a preza, que tinha nas maõs segura.

1576. Antonio Moniz Barreto havia acabado o tempo do seu governo, e lhe succedeo nelle com o titulo de Viso-Rei Rui Lourenço de Tavora, que faleceo na viagem, chegando a Moçambique. Por occasiaõ da sua morte se abriraõ as successões, em que vinha primeiro nomeado D. Diogo de Menezes, digno do cargo pela pessoa, mais pelos merecimentos. No principio da sensivel decadencia dos negocios da India, este Fidalgo, antes com a reputaçaõ, que com as forças, sustentou dois annos nella o respeito do nosso nome. Já as desordens do reino hiaõ chegando á India, aonde a primeira conjuraçaõ ia criando novas forças, sendo as suas perdas entre os barbaros os estimulos mais fortes, que lhes azedavaõ os animos para se arrojarem á vingança.

Estes receios tão bem fundados, sim eraõ motivo bastante para levarem segunda vez á India ao grande Viso Rei D. Luiz de Ataide, já conde-

Era vulg.

decorado com o Titulo de Conde da Atouguia, para que o respeito vigoroso do seu nome fosse o reparador da fraqueza das armas. ElRei o havia nomeado Chefe supremo do exercito, com que neste anno determinava passar a Africa em pessoa. Elle o preferia a todos neste alto emprego, naõ só por causa da sua reputaçaõ eminente; mas pela generosa intrepidez, e sangue frio, que este grande homem sabia mostrar no meio dos maiores perigos. Mas se entaõ o valor agradava ao Rei, a prudencia consummada, que propunha os inconvenientes da guerra, foi causa dos lisongeiros arrojarem de hum repellaõ á India a D. Luiz de Ataide como Viso-Rei necessario nella, seguindo os vestigios de Rui Lourenço de Tavora, que partira no anno antecedente com o mesmo caracter a governar o estado: huma injuria, que era bem capaz de tirar a vida ao Tavora, se a morte naõ o houvera prevenido, escusando-o á sensibilidade.

Reconhecido na occasiaõ da fatal pas-

a vulg. passagem de Africa, que em D. Luiz obravaõ de concerto a prudencia, e o valor; como entaõ só se estimava a segunda virtude, filha da parte mais inferior do homem, e se desprezava a primeira, illustre producçaõ da sua parte superior: D. Luiz, em castigo della, foi mandado rapidamente governar a India fluctuante sem mais apparato, que o de duas náos, e huma caravella. Com feliz viagem chegou elle a Goa no fim de Agosto de 1579, mez fatal, em que fazia hum anno, que o Rei, e o reino de Portugal com toda a sua gloria tinhaõ ficado sepultados nas areas de Africa. A chegada á India do grande heroe fez tremer os inimigos da sua naçaõ. Bastou a lembrança do passado para das maõs tremulas cahirem sem alento as armas. Nós o veremos a seu tempo; porque os successos do Viso-Rei até á sua morte saõ posteriores á perda delRei em Africa, ponto triste, aonde nós fechamos a narraçaõ desta primeira Idêa.

Justamente podemos nós contem-

plar como acabada a Historia da India no fim da época lamentavel, em que principiou a sujeiçaõ de Portugal a dominio estrangeiro. Nós veremos no tempo della, que unidos os naturaes da Asia ás nações da Europa, cessáraõ os nossos triunfos, começáraõ as nossas perdas, continuáraõ as nossas lastimas, e mostrou o odio nos effeitos, que isentando as pessoas, era odio do dominio. Entaõ, descuidos indesculpaveis, se naõ eraõ omissões voluntarias, foraõ causa dos Persas, e Inglezes nos tomarem Ormuz; os Hollandezes Malaca; os Canarins as terras de Onor, Mangalor e outras; os Arabes a cidade de Mascate; os Xingalás com os mesmos Hollandezes o reino de Jafanapataõ, as Cidades de Columbo, de Negumbo, as fortalezas de Gale, Batecalo, Manar, e Triclimalé.

Era vulg.

No Malabar os mesmos inimigos nos tiráraõ do poder as cidades de Meliapor, de Cochim, de Cananor, de Coulaõ, de Cranganor, e de Negapataõ. Assim via, e chorava Portugal

Era vulg. gal sem remedio a assolaçaõ do Patrimonio illustre do seu valor, a desmembraçaõ do seu Imperio formidavel, e o que se lhe fazia mais sensivel era o abatimento da reputaçaõ com descredito das armas nas mesmas partes, aonde estas foraõ temidas, aquella respeitada. Entaõ lembrava, que no tempo dos nossos Principes naturaes, o dominio da Asia, principiando no Cabo de Boa Esperança, o mais austral da Africa, corria por quatro mil legoas até ao de Liampó na China: que daquelle primeiro promontorio até ao estreito do Mar Roxo, tinhamos sido senhores dos reinos, e cidades de Moçambique, de Çofala, de Inhambane, de Sena, de Tette, de Monbaça, e de Pate: que nós haviamos fundado a inexpugnavel Mascate entre o Estreito de Meca, e Baçorá: que entre este, e o Rio Indo dominámos Ormuz; na Persia a fortaleza de Bander-Congo; na Foz do Indo a famosa Dio; entre a Costa deste rio, e o Cabo de Comorim as Tanadarias de Asserim, Danu, A-

ia: Ba-

gaçaim, Sangens, Maim, Taná, Manorá, e Trapor com as cidades de Baçaim, de Damaõ, de Chaul, e a Villa de Caranjá. Era vulg.

Lastimava-nos ver Goa grande cabeça sem membros proporcionados: Goa, que nós haviamos fortificado com as regras da arte, defendida da provincia de Bardés, que tinha por Capital a fortaleza dos Reis Magos: que lhe seguravaõ a barra as da Agoada, e Mormugaõ: que a provincia de Salcete se fazia respeitavel pela praça de Rachol: que ella ao Sul tinha debaixo do seu jugo as villas de Cananor, e Cranganor; as cidades de Cochim, e Angamale com a villa de Coulaõ. Sentia-se na perda das Molucas, tomadas pelos Hollandezes, menos a das praças de Amboino, de Tidoré, e de Ternate, que os estragos da Religiaõ plantada com os illutres suores de tantos Operarios Evangelicos em longo espaço de annos. Sim se conservava na Ilha de Macao a cidade do Nome de Deos; mas nós naõ tinhamos taõ livre como algum

tem-

ra vulg. tempo a navegaçaõ do Archipelago. Assim espirou com o reino de Portugal o nosso Imperio da Asia. Sessenta annos temos de o ver sepultado, e depois na resurreiçaõ sem jámais apparecer ornado com a gala da primeira gloria

FIM DO TOMO XVI.

INDICE
DOS CAPITULOS
deste Tomo XVI.

LIVRO LVII.

LIVRO LVIII.

CAP.